

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
Rafael Di Francesco Coêlho de Souza

**O impacto da Equoterapia sobre aspectos
psicológicos sob o ponto de vista do praticante**

Taubaté – SP
2022

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
Rafael Di Francesco Coêlho de Souza

**O Impacto da Equoterapia Sobre Aspectos
Psicológicos Sob o Ponto de Vista do Praticante**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para obtenção do Título de Mestre pelo
Programa de Mestrado em Desenvolvimento
Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais
da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Desenvolvimento
Humano, Políticas Sociais e Formação

Linha de pesquisa 1: Desenvolvimento
Humano, Identidade e Formação.

Orientadora: Profa. Dra. Débora Inácia Ribeiro

Taubaté – SP

2022

**SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS – SIBi
GRUPO ESPECIAL DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO –
GETIUNIVERSIDADE DE TAUBATÉ**

S729i Souza, Rafael Di Francesco Coêlho de

O impacto da equoterapia sobre aspectos psicológicos sob o ponto de vista do praticante. / Rafael Di Francesco Coêlho de Souza. -- 2022.

107 f. : il.

Dissertação (mestrado) - Universidade de Taubaté, Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, 2022.

Orientação: Profa. Dra. Débora Inácia Ribeiro, Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação.

1. Desenvolvimento Humano. 2. Equoterapia – Aspectos psicológicos. 3. Equoterapia – Prática. I. Universidade de Taubaté. Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Humano. II. Título.

CDD – 615.8515

RAFAEL DI FRANCESCO COELHO DE SOUZA
O impacto da Equoterapia sobre aspectos psicológicos sob o ponto de vista do praticante

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre pelo Programa de Mestrado em Desenvolvimento Humano: Formação, Políticas e Práticas Sociais da Universidade de Taubaté.

Área de Concentração: Desenvolvimento Humano, Políticas Sociais e Formação

Linha de pesquisa 1: Desenvolvimento Humano, Identidade e Formação.

Orientadora: Profa. Dra. Débora Inácia Ribeiro

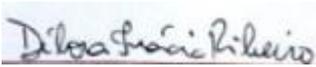
Data: 27/01/2022

Resultado: Aprovado.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Débora Inácia Ribeiro

Universidade de Taubaté

Assinatura: 

Profa. Dra. Heloisa Bruna Grubits

Universidade de Brasília

Assinatura: 

Prof.a. Dra. Rachel Duarte Abdala

Universidade de Taubaté

Assinatura: 

Inferior a todos os seus pares no reino animal, menos dotado fisicamente, mais fraco, enxergando pior, ouvindo pior ainda, sentindo a natureza muito pior ainda, o homem fatalmente seria um escravo, o cavalo fez dele um rei.

(Al Mutanabi, séc. X).

RESUMO

Equoterapia é uma atividade que utiliza o cavalo em abordagem terapêutica para promover ganhos biopsicossociais aos seres humanos. No entanto, o impacto dessa atividade sobre problemas psicológicos ainda é pouco conhecido no Brasil. O objetivo deste trabalho foi investigar os aspectos psicológicos dos praticantes de Equoterapia e o impacto dessa atividade sobre problemas psicológicos na perspectiva do praticante. A linha de pesquisa á qual esta dissertação está vinculada é: Contextos, Práticas Sociais e Desenvolvimento Humano. O método escolhido foi o de caráter qualitativo com delineamento transversal. A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de uma entrevista semiestruturada elaborada pelo autor a uma amostra de três entrevistados. Para a análise dos dados da entrevista semiestruturada foi utilizado o Método Fenomenológico de Giorgi. A pesquisa revelou que, mesmo com praticantes que buscaram a Equoterapia como uma alternativa para o tratamento de aspectos físicos, a atividade impactou positivamente a vidas dos praticantes em relação a aspectos psicológicos.

PALAVRAS-CHAVE: Desenvolvimento Humano; Equoterapia; Praticante de Equoterapia; Efeitos Psicológicos da Equoterapia; Aspectos Psicológicos.

ABSTRACT

Equine therapy is an activity that uses the horse in therapeutic approach to promote biopsychosocial gains in humans. However, studies on the impact of this activity on psychological problems are still poorly understood in Brazil. The objective of this work was to investigate what are the psychological aspects found in horse therapy and the impact of this activity on psychological problems from the practitioner's perspective. This Dissertation is linked to the research line: Research Line: Contexts, Social Practices and Human Development. The method chosen was the qualitative one and had a cross-sectional design. Data collection was carried out through the application of a semi-structured interview prepared by the author, containing a sample of three interviewees. For data analysis of the semi-structured interview, the Phenomenological Method of Giorgi was used. This research revealed that even with practitioners who sought equine therapy as an alternative for the treatment of physical complaints, this activity positively impacted the practitioners' lives in psychological aspects.

KEYWORDS: Human Development; Equine Therapy; Practitioner of Equine Therapy; Psychological Impact of the Equine Therapy; Psychological Aspects.

LISTA DE SIGLAS

AAA	-	Atividade Assistida por Animais
ABRE	-	Associação Brasileira de Reabilitação Equestre
ANDE-Brasil	-	Associação Nacional de Equoterapia
a.C.	-	Antes de Cristo
CAPS	-	Centro de Apoio Psicossocial
CEP/UNITAU	-	Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté
CFM	-	Conselho Federal de Medicina
CFP	-	Conselho Federal de Psicologia
COFFITO	-	Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional
EAGALA	-	<i>Equine Assisted Learning and Growth Association</i>
ET	-	Equitação Terapêutica
EFP	-	<i>Equine Facilitated Psychotherapy</i>
FRDI	-	<i>Federation of Riding for the Disabled International</i>
GD	-	<i>Grounded Theory</i>
HETI	-	<i>Federation of Horse in Education and Therapy International</i>
IBGE	-	Instituto Brasileiro de Geografia Estatística
INPI	-	Instituto Nacional de Propriedades Industrial
PC	-	Paralisia Cerebral
TAA	-	Terapia Assistida por Animais
TAG	-	Transtorno de Ansiedade Generalizado
TCC	-	Trabalho de Conclusão de Curso
TEA	-	Transtorno do Espectro Autista
TDAH	-	Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade
UCDB	-	Universidade Católica Dom Bosco

US - Unidade de Sentido

LISTA DE QUADROS

Quadro I (p. 61) - Unidades de Sentido de acordo com a incidência nas entrevistas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	Uma vida a cavalo.....	19
1.2	Objetivos.....	25
1.2.1	Objetivo geral	25
1.2.2	Objetivos específicos.....	25
1.3	Organização da pesquisa	25
1	REVISÃO DE LITERATURA.....	26
2.1	História da relação entre seres humanos e equinos	26
2.2	Histórico das terapias com cavalos.....	33
2.3	Equoterapia.....	35
2.4	Psicologia	41
2.5	Aspectos psicológicos do contexto equoterápico	47
3	METODOLOGIA.....	55
3.1	Tipo de pesquisa	55
3.2	Participantes da Pesquisa.....	56
3.3	Instrumentos	58
3.4	Procedimentos para coleta de dados	60
3.5	Procedimentos para análise de dados	61
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	65
4.1	Caracterização dos Entrevistados	65
4.2	Resultados das Entrevistas	67
4.3	Discussão: Onde se chega a cavalo	68
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
6	REFERÊNCIAS	91
7	GLOSSÁRIO EQUESTRE.....	96
8	APENDICES E ANEXOS.....	99

1 INTRODUÇÃO

A história afirma a importância do cavalo no desenvolvimento humano desde a antiguidade, e esse valor, também terapêutico, já era conhecido desde a Grécia antiga (ANDE-BRASIL, 2016). De acordo com Alves (2015, p. 18), “No começo do século XX, os ingleses reconheceram a montaria a cavalo como terapia eficaz para inválidos e a utilizaram como tratamento dos soldados feridos durante a primeira guerra mundial”. Em 1980 foi fundada na Inglaterra a Federation of Riding for the Disabled International (FRDI), hoje conhecida como Federation of Horse in Education and Therapy International (HETI).

A Equoterapia, uma atividade multidisciplinar nas áreas da saúde, educação e equitação, utiliza o cavalo para promover ganhos biopsicossociais em pessoas portadoras de necessidades especiais ou deficiência. No Brasil, o órgão responsável pela formação e certificação de profissionais e pela fiscalização da prática é a Associação Nacional de Equoterapia, ANDE-Brasil. O sujeito, quando em sua prática equoterápica, é chamado de praticante. Na medida em que participa do processo, encontra-se ativo e interage com o cavalo e mediadores (ANDE-BRASIL, 2016).

De fato, a prática equoterápica ainda é muito jovem, se comparada com outras terapias tradicionais; portanto sua eficácia ainda é pouco estudada. No que se refere ao segmento psicológico da Equoterapia, o conhecimento é ainda menor, visto que, segundo Rubim (2012), historicamente o psicólogo foi inserido no contexto da terapia com cavalos mais recentemente do que outros profissionais da área da saúde.

As atividades terapêuticas com cavalos encontram-se em um momento de plena expansão e já são observadas como uma realidade nas terapias complementares, em todo o mundo, para praticantes com queixas físicas, psicológicas ou sociais. Existem mais de 277 centros de Equoterapia em todo o Brasil (ANDE-Brasil, 2016). Mesmo com a inserção tardia do psicólogo no cenário da Equoterapia, a produção de artigos no Google Acadêmico do Brasil que relacionam Equoterapia e Psicologia são pouco mais expressivos do que os que relacionam Equoterapia e Fisioterapia, outra profissão essencial para que exista a Equoterapia. Nessa plataforma de busca acadêmica foi possível encontrar, excluindo links de patentes e citações, 900 trabalhos que relacionam Equoterapia e Fisioterapia.

No Google Acadêmico, com a busca em língua portuguesa por meio do descritor “Equoterapia”, excluindo-se os links de patentes e citações, foram encontrados 1500

resultados. Com associação ao descritor “Psicologia”, o resultado da busca caiu para 908 produções, dentre artigos publicados e não publicados, publicações em congressos e simpósios, trabalhos de conclusão de curso de graduações, dissertações e teses, sem delimitação de um período específico de produção. No entanto, a maioria dessas leituras não se refere necessariamente a estudos sobre o uso da Equoterapia como ferramenta alternativa para a Psicoterapia. Boa parte dessas publicações refere-se apenas à experiência de campo de psicólogos ou estudantes de psicologia, ou a trabalhos em outras áreas da saúde ou da educação que citaram os benefícios psicológicos da atividade. É evidente a carência de rigor científico em boa parte das publicações.

Na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, a busca por “Equoterapia” resultou em apenas 20 produções acadêmicas. Dentre todas as produções, nenhuma buscou verificar a eficácia da Equoterapia a partir da ótica do praticante.

Motti (2007), com o objetivo de avaliar as possibilidades da utilização da Equoterapia como recurso terapêutico para o tratamento de pessoas com diagnóstico de Transtorno de Ansiedade Generalizado, encontrou resultados que demonstraram melhora significativa no quadro clínico de duas praticantes da atividade. Observou, também que, quando pesquisou sobre reabilitação de pessoas portadoras de necessidades especiais, os resultados ainda eram pouco conclusivos, o que reforça a baixa produção nacional do tema.

Zamo e Trentini (2016), em uma revisão sistemática de pesquisas empíricas no período 2004 – 2014, com os descritores “therapeutic riding”, “equine assisted learning¹”, “equine assisted therapy”, “equine facilitated mental health”, “equine assisted psychotherapy”, “equinoterapia”, “Equoterapia” e “terapia assistida por animais”, encontraram 269 artigos. Desse total, somente 20 foram incluídos como estudos de caráter psicológico.

Segundo as mesmas autoras, a maior parte dos estudos no âmbito psicológico foi realizado com crianças e adolescentes, o maior número deles referente a praticantes diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA). As autoras também criticam a metodologia utilizada pelas pesquisas, uma vez que apresentaram baixa inserção de variáveis intervenientes, não continham grupos de controle e aplicaram poucos instrumentos de avaliação psicológica.

1 - Montaria Terapêutica, Aprendizado Assistido por Cavalos, Terapia Assistida por Cavalos, Saúde Mental Facilitada pelo Cavalo, Psicoterapia Assistida por Cavalos (tradução minha).

Destaca-se, no cenário de produções científicas brasileiras, a professora Doutora Heloisa Bruna Gubrits, psicóloga que fundou, em 1999, o primeiro Centro de Equoterapia Universitário na Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), em Campo Grande - MS. Segundo a autora (1999, p.143):

O desenvolvimento afetivo é importante para a cognição e aprendizagem, além disso existe uma relação entre as áreas motoras e o desenvolvimento emocional e afetivo, o que reforça a importância de trabalhos e propostas que beneficiem o desenvolvimento da motricidade.

Foram encontrados na base de dados do Google Acadêmico, com os descritores “Equoterapia”, “Impacto” e “Psicologia”, até o ano de 2020, 812 resultados. Os trabalhos partiam do princípio de verificar o impacto da Equoterapia na avaliação, na análise ou interpretação do pesquisador ou do terapeuta. Esse resultado serviu também como principal fonte para a sustentação da Revisão de Literatura desta pesquisa. Não se verificou um único estudo que partisse da proposta de verificar a eficácia e os efeitos da Equoterapia a partir da perspectiva do praticante em relação à sua prática, como foi executado neste trabalho. Ainda que tradicionalmente as atividades equestres com finalidades terapêuticas ao redor do mundo mantiveram seu foco no tratamento de pessoas com necessidades especiais ou deficiências físicas, existe uma crescente procura pelo cavalo por pessoas com queixas emocionais e comportamentais. Atualmente, pessoas diagnosticadas com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) ou Transtorno de Aprendizagem representam mais de 12% dos praticantes de Equoterapia no Brasil, ficando atrás, em volume, apenas de portadores de Síndrome de Down, TEA e Paralisia Cerebral (ANDE-BRASIL, 2016).

Segundo reportagem apresentada site do Governo Federal, fundamentada nas estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), no Brasil existem 48,7 milhões (23,9% da população total do país) de portadores de necessidades especiais ou com algum tipo de deficiência, e aproximadamente de dois milhões sofrem com transtornos mentais (BRASIL, 2010). Tanto no site do Governo Federal quanto no site do IBGE, o dado mais recente sobre o volume de pessoas com necessidades especiais remonta ao ano de 2010.

Ainda assim os dados exatos sobre o número de pessoas portadoras de transtornos mentais podem ser conflitantes, mesmo dentro do mesmo órgão de pesquisa, uma vez que o processo diagnóstico pode variar significativamente em função do método de pesquisa

e de análise para se concluir um possível dado estatístico. Seguem alguns dados que conflitam com os resultados apresentados anteriormente.

O núcleo Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), vinculado ao próprio IBGE, calculou, a partir dos dados do censo de 2010, que 7,6% dos brasileiros (14,8 milhões de pessoas) sofrem com transtornos mentais. Os dados fornecidos pela Organização Mundial da Saúde também não corroboram os do IBGE, pois cerca de 5,8% (11,5 milhões) dos brasileiros sofrem com transtorno depressivo e 9,3% (18,3 milhões) sofrem com transtorno de ansiedade generalizado (OMS, 2017).

Colocar o praticante como elemento central da pesquisa, portanto, traz mais credibilidade à validação da atividade equoterápica. Compreender, a partir do ponto de vista de quem passa pelo processo terapêutico, as suas características, potencialidades, habilidades, queixas, dificuldades, desafios e superações colaborará para os universos da Equoterapia e da Psicologia, com a certificação de que a prática de atividades junto ao cavalo é realmente significativa para o desenvolvimento humano.

O primeiro contato do pesquisador com a Equoterapia aconteceu quando ele era muito jovem, e de forma indireta. Aos seis anos de idade, praticava equitação, e aos 15, observava o atendimento da Equoterapia acontecer na hípica onde praticava hipismo. Após sua graduação em Psicologia, 2015, desenvolveu-se profissionalmente no ramo equestre. O autor observa que vivenciou os benefícios da relação com o cavalo e que trabalha para que esses benefícios alcancem outras pessoas. Observa também que a interação homem-cavalo é uma prática que promove ganhos biopsicossociais para qualquer indivíduo, seja portador de necessidades especiais e/ou deficiências ou não. Assim, o objetivo da pesquisa foi identificar as expectativas dos praticantes de equoterapia e conhecer os elementos de caráter psicológico relatados por eles.

Considerando que a Equoterapia é uma atividade terapêutica nas áreas da saúde, educação e equitação, e que sua equipe mínima deve ser composta por um fisioterapeuta, um equitador, um psicólogo e, obviamente, um cavalo, estudar os variados aspectos psicológicos apontados pelo praticante apresenta-se como importante para fundamentar a boa atuação dos profissionais do ramo. Conhecer - a partir do próprio relato de quem passa pelos atendimentos equoterápicos - as características emocionais, a eficácia, os benefícios, progressos e dificuldades é uma forma confiável de se validar esse método terapêutico. Para que isso seja possível é primordial saber se existem, no discurso do próprio praticante de equoterapia, aspectos psicológicos, ou seja, características de

impacto, queixas, descrições, atividades e vivências de caráter emocional e/ou cognitivo no contato terapêutico com o cavalo.

De acordo com o dicionário Aurélio (2021), esta é uma das definições de “aspecto”: “[...] cada uma das formas através das quais algo pode ser entendido ou explicado”. Entender e explicar o que é psicológico significa, essencialmente, fazer psicologia. A psicologia é uma ciência que busca conhecer e entender tudo que pertence à psique. Neste estudo não se tem a pretensão de dialogar com a polêmica que envolve a definição do objeto de estudos da psicologia, se é a alma, o comportamento, o inconsciente, a subjetividade ou todos estes e outros mais. Daquilo que é possível observar como pertencente aos estudos em psicologia humana, que é comum a todos esses segmentos, foram destacados os componentes mentais e emocionais. Dessa forma, o interesse caiu na observação e na descrição dos aspectos psicológicos presentes na Equoterapia, quais sejam, os processos psicológicos conscientes ou inconscientes, como atenção, linguagem, motivação, pensamento, memória, inteligências, comportamento, aprendizagem, sentimento, emoção e sensação.

Ainda sobre a psicologia, Serbena e Raffaelli (2003) discutem sobre o que é objeto de estudos desta ciência e, portanto, sobre os aspectos psicológicos, e concluem que um dos fatores que dificulta o consenso dentre as abordagens teóricas da psicologia sobre seu objeto de estudos é justamente o fato de que o objeto de estudos é também o próprio instrumento de pesquisa. Além disso, o contexto histórico no qual a psicologia nasceu como ciência exigia – e ainda exige – a objetividade das ciências naturais, como a física e a biologia, para sua validação pela academia. Daí a origem e a manutenção da psicologia positivista, segundo a qual somente o estudo do comportamento é, ainda que com resistência, aceito pelo meio acadêmico, uma vez que este pode ser, em algum nível, mensurado, observado e descrito objetivamente.

Cabe destacar que a palavra *queixa* pode ser compreendida como expressão de dor ou sofrimento, o ato de lamentar em função de um desconforto ou descontentamento. Assim, as queixas psicológicas são aquelas relacionadas ao sofrimento psíquico, à dor emocional e/ou mental. No livro intitulado *Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais*, Paulo Dalgalarro (2019) afirma que a psicopatologia é um ramo da ciência que estuda a natureza da doença e do transtorno mental. O estudo da psicopatologia busca observar, identificar e compreender os diversos elementos dos transtornos mentais. Compreende-se, de acordo com Daniel Silveira (2003), que, ao longo dos últimos três

séculos, o conhecimento do sofrimento psíquico passou pelo processo de patologização. Ainda segundo o autor:

A loucura, progressivamente, inicia um processo de identificação com a experiência da morte, representando simbolicamente a fragmentação do corpo em vida, e mais que isso, significando a morte social da pessoa em grave sofrimento psíquico. Produz-se, desse modo, o registro da loucura no imaginário social, vinculado a uma concepção crítica – excludente e tutelar. Essa concepção mantém-se ainda presente na cultura institucional de muitos serviços de saúde que sem conseguir romper com antigas concepções reproduzem e perpetuam essa lógica manicomial (SILVEIRA, 2003, p. 29).

Compreende-se, então, que queixas psicológicas são aquelas oriundas do sofrimento psíquico. Independentemente do nível de sofrimento ou de sua classificação, se é que seria possível classificar com precisão as mais variadas e subjetivas manifestações dessa dor do ser humano, uma vez que os sintomas observáveis muitas vezes são comuns a diferentes diagnósticos, mas sentidos e descritos de forma muito particular por quem sofre. O estudo das psicopatologias fornece um suporte satisfatório de reconhecimento e padronização desse tipo de sofrimento. Algumas classificações como Transtorno de Ansiedade Generalizado (TEA), Síndrome Depressiva, Transtorno Obsessivo Compulsivo, Síndrome do Pânico, Transtorno Bipolar e outras denominações facilitam a compreensão e a aproximação de profissionais nos ramos da saúde mental, da educação e de outras áreas do saber, da pessoa com sofrimento psíquico. No entanto, é importante destacar que, para boa parte das pessoas com queixas psicológicas, o diagnóstico não está definido ou sequer pode ser classificado com precisão, visto que os sintomas são por vezes voláteis e/ou cíclicos e que uma simples mudança na vida do paciente pode acarretar em mudanças significativas, mascarar ou transformar os sintomas.

No cenário da Equoterapia essas condições não são diferentes. Mesmo sendo um método de desenvolvimento biopsicossocial do ser humano, essa atividade ainda não tem padronizado um sistema de critério diagnóstico, o que implica uma atuação heterogênea dos profissionais, tanto nos métodos de avaliação, quanto durante os atendimentos. Assim, muitas vezes o psicólogo/equoterapeuta atenta-se às queixas manifestas pelo praticante, como solidão, tristeza, medo, excitação, baixa autoestima e outras mais, mas não necessariamente trabalha com um diagnóstico psicológico ou psiquiátrico fechado.

Entretanto, não somente de dor e sofrimento vivem a equoterapia e a ciência da psicologia. De fato, ainda há muito a ser estudado sobre o desenvolvimento saudável do

ser humano e sobre os elementos positivos da psicologia. Prevalece na academia uma tendência mais forte de explorar os problemas e buscar soluções do que de compreender e investigar elementos como o prazer, felicidade, saúde e bem-estar, habilidades e excepcionalidades. No entanto, no capítulo da revisão de literatura, apresenta-se um bom volume de evidências que expõem a força das emoções e da mente humana e que parecem surgir espontaneamente no contato com o cavalo. Existe um potencial enorme em todos os indivíduos que na maioria das vezes está oculto e que demanda somente uma oportunidade para se manifestar e desenvolver-se.

Os indivíduos possuem dentro de si vastos recursos para a autoconhecimento e para modificação de seus autoconceitos, de suas atitudes e de seu comportamento autônomo. Esses recursos podem ser ativados se houver um clima passível de definição, de atitudes psicológicas facilitadoras (ROGERS, 1987, p. 54).

A tendência realizadora está presente em todos os seres humanos. Rogers (1987) afirma que há, em todo organismo vivo, independentemente de sua complexidade, um fluxo de movimento em direção à realização construtiva das suas possibilidades inerentes. Nos seres humanos existe uma força motivadora na direção do desenvolvimento mais completo e complexo. Entende-se a vida como um processo ativo. Todos os comportamentos de um organismo estão voltados para sua manutenção, crescimento e reprodução. Esta tendência pode, no entanto, ser frustrada ou desvirtuada, mas somente será destruída caso o organismo o seja também.

Este estudo buscou, além de observar o sofrimento psíquico, descrever e compreender os aspectos psicológicos primordiais que estão presentes em todos os contextos da vida humana, especialmente na equoterapia, e que necessariamente não são sintomas ou patologias.

É evidente que, de modo geral no Brasil e no mundo, as pesquisas em Equoterapia e terapias com cavalos têm-se dedicado a verificar os resultados promovidos pela relação homem/cavalo em contexto terapêutico sempre a partir de variáveis preestabelecidas pelo pesquisador. Esses resultados, em sua maioria apresenta rigor científico, encontra-se no contexto da fisioterapia. Nesse cenário fisioterapêutico, o impacto do processo equoterápico mostra-se positivo, na maioria das vezes. Diversos estudos que estudam variadas formas de avaliação vêm comprovando a eficácia do processo equoterápico em aspectos como postura, controle do tronco e equilíbrio, principalmente em praticantes portadores de Paralisia Cerebral (MORAES *et al.*, 2015, p. 9). Dessa forma existe um

espaço a ser estudado, a partir destas questões: Quais são os aspectos psicológicos encontrados na Equoterapia? Como o praticante avalia o impacto dessa atividade sobre estes aspectos?

Constituem o objeto de pesquisa os aspectos psicológicos dos praticantes de Equoterapia encontrados na avaliação dos próprios praticantes acerca de seus tratamentos equoterápicos, em outras palavras, os componentes de caráter psicológico encontrados nos discursos dos praticantes ao narrarem suas atividades equestres e descreverem sua relação com o cavalo. Os praticantes estão distribuídos nos centros de atividades equestres e de Equoterapia. Estes centros, que podem ser agregados, filiados, não agregados e não filiados à ANDE-Brasil, localizam-se na região do vale do Paraíba paulista e na região Bragantina - SP.

Segundo o censo de 2010 (IBGE), ambas as regiões somam uma população de 2.340.891 habitantes. A cidade mais populosa é São José dos Campos, no vale do Paraíba paulista, com aproximadamente 630mil habitantes, e a menos populosa é a cidade de Arapeí, da mesma região, com 2.493 munícipes.

O site da ANDE-Brasil divulga o trabalho de alguns centros de Equoterapia espalhados pelo país. Foram encontrados 10 centros, divididos igualmente entre vale do Paraíba paulista e região Bragantina. Seis desses centros são filiados à ANDE-Brasil, o que significa que atendem a todas as exigências de equipe, infraestrutura e contribuição anual, junto ao órgão. Quatro centros agregados são reconhecidos pela ANDE-Brasil, mas não atendem a todas as exigências. Um deles está listado como sem vínculo. A cidade com o maior número de centros é Bragança Paulista (4). Todas as outras cidades apresentaram somente um centro de Equoterapia listado no site oficial da ANDE-Brasil: Pindamonhangaba, Canas, Caraguatatuba, São José dos Campos, Santo Antônio do Pinhal e Itatiba.

Como citado anteriormente, existe uma lacuna na produção científica. Verifica-se a necessidade de se conhecer melhor os aspectos psicológicos dos praticantes de equoterapia que apresentam as mais variadas queixas, o impacto psicoterapêutico da Equoterapia e a existência de queixas psicológicas nesse contexto. Em se tratando de perceber esse impacto na própria visão do praticante, essa necessidade é ainda maior, uma vez que, até este momento, não existem publicações científicas com este viés.

O número de praticantes de Equoterapia no Brasil é desconhecido, porém o número de centros equestres reconhecidos pela ANDE-Brasil que trabalham

especificamente ou também com Equoterapia é de 247. Isso implica, minimamente, 247 profissionais psicólogos atuando no ramo que desconhecem a avaliação do praticante sobre impacto da Equoterapia validada cientificamente. Ainda que exista uma infraestrutura complexa por trás da atuação da ANDE-Brasil, ainda que se considere que ela é uma instituição muito jovem, a dificuldade de regulamentação e de fiscalização da atividade no país dificulta uma coleta de dados qualitativa precisa sobre as variáveis regionais dessa prática.

Este trabalho assume um perfil interdisciplinar e extremamente particular no universo da Equoterapia e da Psicologia, ao propor um conhecimento sobre a procura desta atividade por pessoas com sofrimento psicológico e também por propor a avaliação do impacto a partir do protagonista, o praticante de Equoterapia. Isso porque há relevância em se estudar o papel que o usuário de qualquer tipo de serviço desempenha. O paciente tem um papel preponderante em qualquer tratamento, pois está comprometido com a efetividade. Segundo Guerra (2016), atualmente se procura conhecer o que o indivíduo, de forma singular, pensa sobre determinado fenômeno. Daí a relevância dos estudos idiográficos, que são aqueles que se preocupam em explicar e descrever fenômenos de forma particular. Dessa forma, este estudo considera importante saber o que o praticante está pensando, sentindo, julgado e avaliando sobre seu tratamento. Acredita-se, portanto, que a pesquisa aqui relatada poderá contribuir para estimular a produção sobre o tema e para divulgar conhecimentos sobre as principais expectativas e problemas do praticante de Equoterapia.

Existe também uma demanda válida, ainda que oculta ou secundária, para os praticantes. Mesmo que maioria deles busque por um tratamento relacionado a aspectos físicos, evidencia também, em seu discurso, de forma explícita ou implícita, durante as avaliações iniciais e atendimentos, a necessidade de desenvolver e/ou tratar algum aspecto cognitivo ou emocional. Portanto, justifica-se a necessidade de uma investigação sobre estas demandas (SEIXAS, 2011).

A Equoterapia e as Terapias com Cavalo são atividades consagradas no Brasil e em todo o mundo. Contrariamente a essa crescente popularização, em certo nível, as poucas produções científicas constataam a falta de investimentos privados e públicos na fomentação de centros equestres no Brasil. Os serviços de baixa qualidade e a desvalorização da profissão e da prática também poderiam ser satisfatoriamente sanados com a popularização da Equoterapia no meio acadêmico.

Como psicólogo e equoterapeuta, este pesquisador acredita que a melhor forma de saber verdadeiramente se a relação com o cavalo contribui para o desenvolvimento humano é conhecendo e explorando aquilo que o próprio praticante sente e relata sobre sua terapia, sobre sua relação com os profissionais e com os equinos. Sendo assim, será possível confirmar ou refutar, a partir de dados concretos, aquilo que os psicólogos/equoterapeutas acreditam e afirmam com relação a essa prática: a Equoterapia promove ganhos psicológicos e favorece, de forma alternativa e simbólica, o desenvolvimento humano (ALVES, 2015, p. 74).

1.1 Uma vida a cavalo

Neste subitem, o pesquisador apresenta um relato/depoimento sobre suas experiências com cavalos, sobre o despertar de seu interesse pela Equoterapia e sobre o significado dessa ciência em sua vida.

De todas as lembranças da minha infância, as mais intensas remetem ao cavalo.

Cresci no meio urbano, em uma cidade de crescimento desenfreado, e minha vida não era muito diferente da de um menino da classe média de São José dos Campos, exceto, talvez, por duas coisas: eu era (ainda sou) uma criança especial, portador de deficiência visual, e um amante desenfreado dos cavalos.

Eu me lembro, como se tivesse sido nessa mesma tarde em que escrevo, da minha insistência para meus pais me darem um cavalo e, mais tarde, para fazer aulas de equitação, após a experiência emocionante de um passeio a cavalo em um hotel fazenda. Comecei as aulas com cinco anos de idade.

A paixão por esse animal era tanta que, mesmo antes de aprender a escrever qualquer palavra que não fosse meu nome, eu já escrevia em todas as folhas sulfite que colocavam na minha frente a palavra "cavalo", seguida de algum desenho que sempre esboçava o animal e às vezes algum personagem da ficção, como o Zorro ou Beto Carreiro, na companhia de seus amigos Tornado e Faísca.

Pouco tempo depois disso, ganhei meu primeiro amigo de quatro cascos. Um médico oftalmologista com quem eu frequentemente me consultava e que era criador de cavalos da raça árabe, ao perceber o meu fascínio pelas pinturas espalhadas por seu consultório, fez-me esta pergunta “Rafael, seu pai já te deu um cavalo?” Respondi de forma bastante inocente que não, e então a conversa se encerrou logo em seguida, com a seguinte frase “Você acabou de ganhar um cavalo. O nome dele é Fênix”.

A minha alegria foi tanta que mal podia acreditar que havia recebido de presente um cavalo igual ao do filme O Corcel Negro (que até hoje é meu longa metragem predileto). Eu agora estava completo.

Daquele dia em diante, até hoje, eu não sei acordar um único dia sem pensar neste ser que me fez renascer, mesmo tendo vivido intensamente aquele breve período da minha vida.

Hoje o Fênix galopa no paraíso dos cavalos, e eu posso afirmar que todos os bons momentos que vivemos juntos, todo o aprendizado que ele me proporcionou, toda emoção que compartilhamos nunca estiveram tão vivos dentro de mim como hoje.

Formei-me como equoterapeuta em 2016, mesmo ano em que o Fênix se foi, e afirmo, com a experiência de quem viveu e vive na pele e no coração os benefícios do cavalo, que ajudar pessoas especiais a se realizarem a partir da relação com esse ser divino é o maior privilégio que alguém pode ter em toda sua vida.

Dentre estes mais de 25 anos convivendo com cavalos, entre meus nove e dezesseis anos de idade tive a oportunidade de competir em uma modalidade do hipismo Western chamada três tambores. Assim, mergulhei, vivenciei, durante bons anos da minha vida, na rotina de treinos e cuidados com o cavalo atleta. Pude aprender com o montar de maneira apropriada para a prática de tal modalidade esportiva e também como aquecer, flexionar, fortalecer e treinar o cavalo para a competição. Não conquistei nenhum resultado expressivo no esporte, ainda que tenha vivido ótimos momentos com os cavalos e com os amigos que fiz nesse cenário.

Estudei e pratiquei, quando adolescente, outras modalidades, mas não em nível de competição, como com os três tambores. Rédeas e Laço, outras modalidades do hipismo Western, Salto e Enduro Equestre (modalidades do hipismo clássico) foram algumas delas. Todas contribuíram imensamente para minha formação como domador e treinador de cavalos e hoje exercem papel fundamental na minha escola de equitação, na qual ensino equitação ética.

Durante toda minha vida participei de cavalgadas e viagens a cavalo. Algumas cavalgadas, ainda muito jovem, contavam com mais de 200 cavaleiros. Pude aprender muito nessas experiências sobre comportamento de rebanho, sobre o senso de autopreservação dos cavalos, sobre como embarcar e desembarcar os animais corretamente e como me comportar diante dos riscos inerentes a tais atividades. Em determinadas situações, um cavalo que passa correndo ao lado de um conjunto (cavalo e cavaleiro), uma ponte no meio do caminho ou até uma simples sacola de plástico que passe voando pode significar um grave perigo para os cavalos e, conseqüentemente, para as pessoas.

Das muitas coisas que aprendi, o controle emocional foi sem dúvida uma das lições mais importantes. Dentre muitas qualidades que o Fênix tinha, a manifestação intensa do senso de autopreservação não era uma das mais seguras ou confortáveis para uma criança como eu. Frequentemente ele dava coices nos cavalos que se aproximavam por trás, pulava e empinava em situações nas quais sentia que não podia ir na direção em que desejava e disparava quando se percebia longe de suas companheiras, as éguas Mirella e Samalah.

Não foi fácil, muito menos rápido. A verdade é que eu era uma criança extremamente medrosa, insegura. Entre os seis e os meus dez anos de idade eu tinha muito medo de montar meu próprio cavalo. Ainda que ele fosse muito manso e eu o amasse, ele tinha essas reações explosivas, quando montado. Durante todo esse tempo eu pedia para meu pai ou meu professor montarem nele antes, e ainda assim não ficava muito tempo sobre seu dorso. Por outro lado, tive a oportunidade

de montar incontáveis outros cavalos, muitos destes mais “perigosos” do que o Fênix, mas, como eu não sabia, não sentia medo.

Foi justamente graças a essa possibilidade de montar e interagir com outros cavalos que eu pude desenvolver mais a minha autoconfiança e também minhas habilidades de cavaleiro, como segurança de sela e assento independente, Já com doze anos de idade, muito mais seguro e preparado, todo o afeto que eu sentia pelos cavalos era somente pouco mais forte do quanto eu era capaz de aprender e também de ensinar a eles. Foi especialmente nessa época que entendi que muito do que os cavalos faziam eram respostas ao que eu fazia. De forma muito intuitiva, descobri aquilo que iria estudar mais profundamente, quando adulto: cavalos são verdadeiros espelhos de como nos apresentamos. Kether Arruda (CURSO AVANÇADO EM EQUOTERAPIA – setembro de 2017, ANDE-Brasil, DF) afirma que “o cavalo é especialista em nós”, e Ray Hunt (1987, p. 87) também se dedica ao mesmo tema, afirmando que “[...] o cavalo sabe o que você sabe, mas sabe também o que você não sabe”. Nesta fase fui responsável por extinguir com os comportamentos perigosos do Fênix e também por treiná-lo na modalidade que eu praticava, ainda que conhecesse quase nada da teoria do condicionamento e de psicologia equina.

Ainda nesta época pude acompanhar e ajudar meu professor, em diversos momentos, na iniciação de potros, no treinamento de alguns cavalos de passeio e da modalidade de rédeas. Assistia frequentemente a algumas fitas VHS sobre doma, treinamento, modalidades, gestão de haras e cuidados com os cavalos. Também foi no início da minha adolescência que conheci a Equoterapia. Observava os atendimentos a distância, com curiosidade, e já entendia que a equipe era formada por profissionais da saúde e por cavalos muito mansos, uma vez que eu conhecia todos os cavalos do rancho no qual treinava e também a fisioterapeuta responsável pelos atendimentos.

No decorrer do tempo algumas circunstâncias da vida me aproximaram, mas também me afastaram dos cavalos. Fui me

interessar por outras atividades e assuntos, como música, futebol e psicologia. Dediquei boa parte do meu tempo eles e a outros, entre meus dezesseis e meus vinte e um anos de idade. Todas eles foram muito importantes na minha formação pessoal e profissional, e, direta e indiretamente, na minha forma de lidar com as pessoas e com os cavalos. Afastei-me fisicamente dos cavalos por um tempo, e em alguns momentos cheguei a ficar até seis meses sem vê-los, mas nunca deixei de amá-los e de me interessar por eles.

Ao longo da segunda metade da minha graduação em psicologia, quando estava com vinte e dois anos, voltei a mergulhar profundamente no mundo equestre. Motivado por uma preocupação com meus cavalos, que agora haviam mudado de lar, eu senti algo me chamando de volta para o convívio com eles. Passei a ter um senso de cuidado e responsabilidade sobre eles que não tinha até então. Aquela paixão infantil ainda era muito forte em mim, mas agora era diferente: existia também uma carga mental muito intensa. Algumas questões povoavam minha cabeça: quem iria cuidar deles? Quem iria mantê-los em forma e saudáveis? E mais do que qualquer outra coisa, quem iria domar o potro de apenas dois anos, agora que meu professor e treinador havia se mudado para fora do país?

Quando percebi, as quase 5 horas diárias de música haviam sumido, e o violão chegou a ficar na capa por dois meses completos. Eu agora passava muitas horas da minha semana estudando sobre processos de condicionamento, psicologia animal, psicologia equina, psicologia do comportamento. Assisti a incontáveis vídeos aulas sobre iniciação de potro, treinamento de cavalos com barda e, depois de formado na faculdade, fui fazer cursos para melhorar meu horsemanship. Em 2015 montei grupos de estudos no centro de treinamento ao qual pertencia, na intenção de aprender e compartilhar conhecimentos sobre psicologia equina e métodos de treinamento de cavalos.

Com muita emoção e profunda dedicação e respeito ao cavalo, domei o Hórus. Fiz todo o processo sozinho, e hoje, oito anos depois,

tenho muito orgulho do meu trabalho e clareza de que poderia ter feito muita coisa diferente do que fiz à época. Hoje tenho a certeza de que, a cada cavalo, minha forma de trabalhar e de me relacionar com eles melhora, tanto para mim como para eles. Como diz o reconhecido treinador Aluísio Marins, da Universidade do Cavalo, em Sorocaba-SP (Canal Youtube – UCCavalo. 2020) “o melhor cavalo que já domei é o próximo”.

O Hórus é atualmente o que o Fênix foi para mim um dia: meu companheiro, meu professor e meu aluno de quatro cascos. Graças a ele pude me profissionalizar no ramo equestre como equoterapeuta, treinador e professor de equitação. Ministro cursos de horsemanship com foco na psicologia equina e nos processos de condicionamento. Sou instrutor/facilitador em equitação ética, atendo em sessões de Equoterapia e trabalho com cavalos de clientes que querem seus potros escolarizados ou com cavalos maduros que precisam melhorar seus reportórios no convívio harmonioso com os seres-humanos.

Vivo atualmente daquilo que transformou minha vida e que é também o que mais vivi, o cavalo e o mundo deles. Como todo horseman, afirmo que meu maior professor é o cavalo. Como diz Buck Brannaman, “[...] não há misticismo, mágica, ou apenas um único método no reino do bom horsemanship. É sobre saber que tudo aquilo que você acha que sabe sobre cavalos pode mudar com o próximo cavalo”. Não poderia cometer a injustiça de não ser grato a todas as pessoas que me acolheram e ensinaram, especialmente ao professor Marcelo Osses, meu mestre e amigo Luiz Fabiano Veloso, ao professor e colega psicólogo Kether Arruda, minha maior referência nacional, ao professor Eduardo Borba e a muitos outros mestres do cavalo que ainda não pude conhecer pessoalmente, dentre os quais destaco o horseman Australiano Warwick Schiller, cuja abordagem com os cavalos (assim também é com todos os bons horsemen) - transcende os limites tênues entre o mundo equestre e a vida.

Mais do que por qualquer outra coisa, a vida de muitos amantes do cavalo, como a minha, foi profundamente transformada por eles.

Este trabalho é também uma homenagem e uma tentativa de dar um lugar mais formal, democrático e de maior relevância à relação entre espécies que mais impactou o mundo, a relação entre humanos e equinos.

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo geral

Investigar os aspectos psicológicos do praticante de equoterapia e o impacto psicológico do atendimento equoterápico.

1.2.2 Objetivos específicos

- Conhecer os tipos de queixas do praticante de equoterapia.
- Compreender o sentido da equoterapia para o praticante.
- Investigar se há impacto da equoterapia sobre aspectos psicológicos.

1.3 Organização da dissertação

Nesta primeira seção foi apresentada a introdução deste trabalho: justificativas, problema, objetivos e história de vida do pesquisador junto aos cavalos.

Na segunda seção, Revisão de Literatura, a definição de Equoterapia, o histórico da terapia com cavalos, como funcionam os programas de atendimento e a equipe multidisciplinar. Na sequência, o panorama de pesquisas em equoterapia e os estudos sobre o impacto dessa atividade sobre aspectos psicológicos.

Apresenta-se, na terceira seção, a descrição do Método de pesquisa, tanto de coleta quanto de análise de dados, e também justificam-se as escolhas.

A apresentação e a discussão dos resultados compõem a quarta seção, e a quinta seção refere-se às considerações finais.

Na seção de número seis são relacionadas as referências e a literatura que fundamentou a pesquisa e, na de número sete, apresenta-se o Glossário Equestre. Por fim, a oitava sessão, Anexos e Apêndices, relaciona os materiais utilizados pelo pesquisador.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 História da relação entre seres humanos e equinos

Quando se assiste a um filme de época ou são lidos contos medievais ou se estuda a história da humanidade, existe sempre um ator coadjuvante no enredo que para muitos passa despercebido, mas que, de fato, foi determinante, como afirma Roisin Brennan (2014), na escalada da humanidade da barbárie à civilização: o cavalo.

Ainda assim é muito difícil afirmar com precisão quando e onde o ser humano montou em um cavalo pela primeira vez. O que concordam os historiadores que estudam o tema é que os primeiros contatos entre as duas espécies não foram amigáveis. De fato, durante a pré-história, no período conhecido como paleolítico, os homens alimentavam-se dos cavalos, como afirma Carolyn Willekes (2013). Em um determinado momento, entre os anos 4000 a.C. e 3000 a.C, com boa parte da humanidade no velho mundo já sedentária, graças à descoberta da agricultura (não necessitavam mais ser nômades e migrar de uma área para outra em busca de alimento), os animais passaram a ser confinados ou pastoreados, principalmente aqueles que eram fontes de alimento, como caprinos, bovinos e equinos. Teve início, assim, o processo de domesticação de algumas espécies. Dentre essas espécies estava o *Equus Ferus Caballus*, ancestral do cavalo moderno (KEEGAN, 1993).

Onde hoje é o Oriente Médio, os humanos perceberam que os cavalos eram os melhores animais para atrelagem (qualquer espécie de veículo puxado por um animal como cavalos, bois ou renas) e, em virtude dos milhares de anos de domesticação e observação do comportamento dos equinos, o homem da antiguidade clássica desenvolveu aquela que seria uma das principais armas de guerra, a biga. As bigas são veículos similares às charretes modernas, porém com finalidade militar. Por volta de 1400 a.C., eram feitas de madeira e couro e não ultrapassavam 40 quilos. Conquistas imperiais foram asseguradas graças a essa tecnologia, como exemplo, na batalha de Kadesh o império Egípcio subjugou os povos hititas, da região onde hoje se situa o Iraque.

É creditado aos povos hititas, especialmente a um cavaleiro chamado Kikkuli, o primeiro registro histórico de manejo, cuidados e treinamentos de cavalo, principalmente do cavalo de biga de batalha. Na mesma época, afirma Keegan (1993), o impacto psicológico que o cavalo gerou na vida humana foi revolucionário. Acostumado a ver a terra mover por debaixo dos seus pés a uma velocidade média de 4 km/h, graças ao cavalo

agora o homem percorria grandes distâncias em até 60 km/h. O cavalo, além de ser um meio de diminuir o espaço e o tempo entre os povos e as civilizações, era também um objeto material que promovia ao seu condutor status social, poder e vivacidade. Bjarke Rink, no seu *best-seller* de 2005, *O Enigma do Centauro*, afirma que, graças ao vínculo extremamente íntimo com cavalos, os povos das estepes da região onde a Europa encontra a Ásia, denominados citas, considerados “inventores” da equitação, puderam conquistar toda a região e se tornaram formadores de grandes impérios, como os dos hunos, mongóis e turcos.

O registro histórico mais antigo sobre equitação de que temos conhecimento data de 400 antes de Cristo. É creditado ao famoso general grego Xenofonte. Em seu *livro A Arte da Equitação* (em inglês *On Horsemanship*), o militar e escritor descreve como treinar, alimentar e cuidar de cavalos de forma muito detalhada e similar aos modos praticados atualmente. Curiosamente, na mesma época e também na Grécia, o pai da medicina ocidental, Hipócrates, como dito anteriormente, em “Livro das Dietas”, recomendava a prática da equitação como forma de tratar e prevenir doenças físicas e psicológicas (ANDE-BRASIL, 2016). Compreende-se, portanto, que a prática da equitação e o contato com o animal como estratégia terapêutica é tão antiga quanto a própria cultura ocidental.

O cavalo como máquina de guerra é notoriamente venerado e valorizado em muitas culturas espalhadas por todos os continentes, como o Bucéfalo, de Alexandre Magno, e o árabe Merengue, de Napoleão Bonaparte. A cultura mongol, desde os tempos de Genghis Khan, venera o cavalo como um ser tão importante para seu povo quanto os próprios homens, e na África os povos berberes puderam conquistar, principalmente graças aos seus cavalos, mais resistente e velozes do que o dos europeus, boa parte da península Ibérica. O cavalo também foi figura emblemática para os povos das Américas (BRENNAN, 2014).

No entanto, nem somente de guerra viviam os homens no período clássico. Montar cavalos também era símbolo de poder, confiança e liberdade. O próprio general Xenofonte salienta, em seu livro datado de 400 a.C: “acredito que se eu virar um homem do cavalo, eu deva tornar-me um homem com asas”. Inspiração de ideais de liberdade, força e velocidade, graças ao cavalo culturas puderam se espalhar e se conectar em pontos distantes da superfície do planeta com mais rapidez e segurança. Ainda de acordo com Rosin Brennan (2014), graças ao homem montado do passado as diversas línguas

espalhadas pelo velho mundo viajaram e se colidiram, formando os diferentes idiomas e dialetos presentes no mundo atual.

Durante a fase da história humana do ocidente conhecida como idade média, pós queda do Império Romano do Ocidente até a renascença no século XIV, o universo equestre iniciou um processo ainda mais intenso de seleção e refinamento. Passou-se a discriminar, com a seleção genética, os cavalos de guerra dos cavalos de trabalho. Graças, principalmente às migrações, intercâmbios culturais e às guerras santas entre os povos cristãos e os povos islâmicos, o homem europeu passou a admirar e a valorizar os cavalos árabes, raça mais antiga de equinos, com registros que remontam ao antigo Egito.

Com a inserção dos cavalos de sangue quente (árabes e berberes) na Europa, a miscigenação entre estes e os cavalos de sangue frio, nativos da Europa, surgiu o melhor cavalo de sela de todos os tempos: o cavalo de sangue morno. Enquanto os cavalos de sangue quente são pequenos, extremamente ágeis, resistentes e velozes, os cavalos de sangue frio são grandes e massivos, extremamente fortes e lentos. Ao misturar esses dois tipos fundamentais de cavalos, os povos do sul da Europa, como os portugueses e espanhóis, foram os primeiros a criar a cavalaria pesada, graças aos seus cavalos, que eram mais velozes e mais fortes do que os que já haviam pisado em um campo de batalha (WILLEKES, 2013)

Paralelamente ao desenvolvimento das raças, a Europa da idade média ficou marcada pelo surgimento das escolas equestres. Em função dos diferentes tipos de cavalos, tipos de equipamento, atividade equestre e geografia local, as escolas equestres adquiriram características particulares em todo o continente. Nelas, as pessoas, geralmente homens nobres e membros da corte local, podiam estudar equitação, manejo e criação de cavalos. Ainda hoje é notável as diferenças, de um país para o outro, dos métodos e técnicas de montar, alimentar, cuidar e treinar o cavalo.

A idade moderna ficou marcada como o grande momento do cavalo na história da humanidade. Com as grandes navegações iniciadas no século XV e a colonização das Américas, o cavalo finalmente retornou ao seu continente originário. O fato é que os cavalos de Prezewalski, exemplar mais antigo do cavalo selvagem, evoluiu do Hipiddion e do Dinohippus, primeiramente nas américas, há mais de 12 milhões de anos, e migrou para Ásia a através do estreito de Bering. Acredita-se que o cavalo foi extinto nas Américas por volta de 10 mil anos atrás, graças à caça predatória humana e às mudanças climáticas. Assim, os equinos só voltaram a pisar em solo americano mais de nove mil

anos depois, vindos da Europa, de países como Espanha, Portugal, França, Holanda e Inglaterra (WILLEKES, 2013).

Até a segunda revolução industrial o cavalo continuou sendo a principal ferramenta de locomoção da vida cotidiana. Em todo o continente americano desenvolveram-se novas raças, mais adaptadas à realidade dos povos que habitam aquele espaço geográfico. Mesmo com a disseminação da pólvora nos campos de batalha, o cavalo continuou sendo fundamental nos exércitos. Estima-se que, ao invadir a Rússia em 1812, o imperador da França, Napoleão Bonaparte, contava com mais 650 mil homens e 30 mil cavalos. O próprio imperador e general francês era conhecido admirador das artes equestres. Foi grande incentivador de criatórios e contribuiu para a manutenção de livros de registros de raças como a Árabe e Lipizaner.

Na América do Norte, o impacto da chegada dos europeus com seus cavalos na vida dos nativos foi destruidor. Keegan (1993) descreve a recepção dos indígenas americanos aos cavalos: consideravam-nos primeiramente como um castigo divino, uma vez que o animal muito se assemelhava a antigos mitos de animais destruidores. De certa forma, a cavalaria foi uma das principais armas para que os europeus massacrassem e dizimassem os indígenas por toda a América do Norte. Ao notar que os homens podiam montar naqueles animais, e depois de entrar em contato com alguns cavalos que se desgarravam dos cuidados do “homem branco”, os indígenas, principalmente aqueles do oeste americano, incorporaram o cavalo como elemento fundamental na simbologia espiritual e também desenvolveram técnicas e estratégias de treinamento e de equitação muito diferente daquelas praticadas pelos colonizadores. A palavra inglesa *Horsemanship*, que significa relacionamento entre homem e cavalo, detém um valor significativo no cenário equestre mundial atualmente, uma vez que descreve a qualidade da relação entre pessoa e equino. O *Horsemanship* americano, e conseqüentemente o mundial, foi profundamente impactado pela forma como os indígenas abordavam seus cavalos.

Se na América do Norte os cavalos foram rapidamente internalizados na cultura nativa, na América do Sul não foi diferente. Os índios do sul do Brasil, que habitavam os Pampas Gaúchos, conhecidos como Charrua e Minuano, foram tão impactados pela chegada do cavalo que, em seus rituais fúnebres, o cavalo era peça fundamental, sendo colocado ao lado da lança e do corpo do morto, para guiar seu dono pelo mundo espiritual. Também conhecido como índios irredutíveis (aqueles que não aceitavam entrar para as

reduções jesuíticas) os Charrua eram um povo nômade e agressivo. Famosos comedores de carne, costumavam promover saques rápidos e violentos às fazendas e reduções por toda a região sul do Brasil, Uruguai e Argentina, sempre montados em seus cavalos (VIDAL; COUVERO; SILVA, 2016).

A primeira revolução industrial marca o auge do cavalo como instrumento de trabalho. Nas fazendas, principalmente da criação de gado bovino, o cavalo sempre desempenhou papel central como companheiro de trabalho do homem, mas o início da era da industrialização trouxe o cavalo também para o cenário urbano. Na Londres dos séculos XVIII e XIX, era tão comum ver cavalos como meio de transporte nas ruas que foram criadas leis de trânsito com limites de velocidade para cavalos de sela e para as atrelagens, além de um sistema de rodízios. No início do século XX, antes de ser definitivamente substituído pelos veículos motorizados, o cavalo era rotulado como um contribuinte para a poluição urbana, devido ao alto volume de fezes que espalhavam pelas ruas da metrópole (MCSHANE; TARR, 2007) (BRENNAN, 2014).

De acordo com McShane e Tarr, no livro *Cavalos na Cidade: Máquinas Vivas no Século XIX* (2007), antes de ficar exilado somente no ambiente rural, o cavalo de trabalho cumpriu obrigações nas fábricas e nas ruas, doando sua força e energia para o maquinário industrial, daí a expressão e a unidade de medida Cavalos de Força. Nessa fase do desenvolvimento econômico e urbano sem precedentes na história, devido ao avanço dos meios de produção, o cavalo começou a ser paulatinamente substituído pelos meios de transporte, como trens, carros e motocicletas. Posteriormente, a máquina a vapor e por último a energia elétrica cravaram o fim de uma relação de mais de quatro mil anos de história de trabalho entre humanos e equinos.

Com a entrada no século XX e o avanço da segunda revolução industrial, o cavalo manteve seu valor de trabalho somente na zona rural. Nesse cenário bucólico, o conhecimento sobre a história do cavalo, da relação humana com cavalo e dos métodos e técnicas de treinamento e cuidados com esse animal mantiveram-se preservados, ainda que de forma muito mais intuitiva, por conta da relação cotidiana entre o homem do campo e o seu companheiro animal de trabalho, do que de fato pelo estudo aprofundado da história, fisiologia e psicologia equina. Esse cenário contribuiu para o surgimento e fortalecimento da representação de que o cavalo é um animal arreado, perigoso, difícil de interagir e distante do homem moderno, relegado ao trabalho no campo e sem funcionalidade nos tempos modernos.

Ainda que o cavalo tenha perdido seu valor de trabalho, durante a segunda guerra mundial a população mundial de equinos dobrou, para abastecer as necessidades do conflito bélico. O estudo e a busca de milênios por aprimorar a qualidade dos animais por meio de seleção, criação e treinamento foi deixada de lado, e algumas raças chegaram a beirar a extinção ou foram verdadeiramente extintas, como é o caso do cavalo Tarpan (WILLEKES, 2013).

Porém, quando os povos pareciam cada vez mais se distanciarem em conflitos bélicos e junto com as batalhas também se afastavam dos cavalos, tão logo acabou a guerra a humanidade também resgatou a antiga parceria esses animais. A prática de esportes hípicas fez com que o mundo voltasse a valorizar e a apreciar o convívio com os cavalos e a prática da equitação. Nesse cenário destaca-se uma mulher que protagonizou a fomentação do esporte equestre e direcionou os olhos do mundo para o impacto das atividades equestres na saúde humana: Lis Hartel. Diagnosticada aos 16 anos com poliomielite (paralisia infantil), Lis era praticante de equitação desde a primeira infância, e sua fisioterapeuta concluiu que manter a prática de sua modalidade esportiva, o adestramento clássico, poderia contribuir para a melhoria do quadro clínico da garota, que tinha dificuldade com a marcha. Lis foi a primeira mulher a competir contra os homens em Jogos Olímpicos, conquistou duas medalhas de prata na modalidade, a primeira em 1952, em Helsinque, e a segunda em 1956, na olimpíada de Melbourne, que teve a sede dos jogos equestres em Estocolmo (SILVA, 2003) (ANDE-Brasil, 2016).

Atualmente, homens e cavalos vivem o auge de sua relação no esporte e nas terapias equestres e, graças aos avanços nas áreas de tecnologia e inovação, os cavalos domésticos, de forma geral, levam uma vida muito mais confortável, segura e saudável do que jamais tiveram no passado, ainda que em todos os segmentos da vida humana nos quais o cavalo se faz presente o abuso e o descaso com a vida do animal também persistam como prática no treinamento, tratamento e cuidados. Os avanços das descobertas científicas também contribuem para que essa relação tenha melhor embasamento teórico e seja mais sinérgica, de acordo com as necessidades físicas e psicológicas naturais dos equinos. Com isso, a maneira como os humanos se relacionam com os cavalos, como os alimentam, como cuidam deles e os treinam também vem se transformando significativamente ao longo das últimas décadas. Graça à valorização e a normatização das terapias assistidas por cavalos que desempenham o papel de curar ou de ensinar, a própria forma de se relacionar com eles vem se modificando (BRENNAN, 2014).

2.2 Histórico das terapias com cavalos

As primeiras indicações do uso do cavalo como instrumento para curar ou prevenir doenças remonta às civilizações da antiguidade clássica. Hipócrates, pai da medicina ocidental, já recomendava, em seu livro de 400 a.C, *Das Dietas*, a equitação como forma de prevenir doenças e principalmente para tratamento da insônia. Asclepiades, da Prússia, ainda no século I a.C, também recomendava as atividades equestres para pacientes caquéticos, gotosos, hidópicos, epiléticos, paralíticos apopléticos e com febre terçã (FIGUEIREDO, 2014) (MOTTI, 2007). Durante a idade média, a cultura árabe, que sempre valorizou os cavalos, fez inúmeras referências aos benefícios das atividades equestres.

Os médicos Merkurialis (1569) e Thomas Sydenham observaram como os diferentes tipos de andaduras do cavalo aumentavam o calor natural do corpo e remediavam a escassez de excreção, ajudando no tratamento de pessoas com gota, tuberculose, cólicas biliares e flatulências. Na Áustria, Stahl (1660), médico pessoal da imperatriz Maria Tereza, afirmava que montar a cavalo diminuía os episódios de hipocondria e de histeria. Frederic Hoffman, em 1719, em *“Instruções aprofundadas de como uma pessoa pode manter a saúde e livrar-se de graves doenças através da prática racional de exercícios físicos”*, dedicou um capítulo do livro aos benefícios da equitação e destacou o passo como andamento principal do cavalo no tratamento de doenças.

No século XVIII, os médicos Charles Castel, na França, Samuel Quelmaz, na Alemanha e Giuseppe Benvenuti, na Itália, perceberam o movimento tridimensional do cavaleiro sobre o dorso do cavalo (movimentos frontal, horizontal e vertical), que simula com correspondência de 97% os movimentos da marcha humana, e destacaram a importância dessa movimentação para o tratamento de doenças. Os dois primeiros tentaram criar máquinas que simulassem o passo do cavalo, mas não obtiveram os resultados esperados. No fim do mesmo século, o médico italiano Tissot foi o primeiro a alertar sobre as contraindicações da prática excessiva dessa atividade terapêutica e reforçou que o passo é considerado o andamento mais eficaz, do ponto de vista terapêutico. Em Paris, no ano de 1875, os médicos adotaram a nomenclatura *Equitação Terapêutica* para classificar as atividades terapêuticas com cavalos, e em 1901, no hospital ortopédico de Oswentry, na Inglaterra, a equitação terapêutica foi utilizada pela primeira vez no contexto hospitalar (MALTA, 2003) (MOTTI, 2007).

As duas grandes guerras mundiais protagonizaram a primeira metade do século XX. O cavalo, além de participar ativamente nos campos de batalha, espalhados pela África, Ásia e Europa, também foi utilizado para tratar e reabilitar soldados. Em 1917, o Hospital Universitário de Oxford atendia um grande número de feridos da primeira guerra mundial. Segundo Mafalda Matos Figueiredo (2014), em sua dissertação *A equitação terapêutica e os seus efeitos: perspectiva dos pais e estudo de caso*, menciona que Vladimir Ilitch Lênin, político Russo, utilizou a terapia com cavalos para se recuperar de uma trombose cerebral. Na Alemanha e na Escandinávia pós segunda guerra mundial, a equitação terapêutica foi amplamente aplicada a pessoas com paralisia cerebral.

Como visto anteriormente, na década de 1950, a atleta Lis Hartel destacou-se no cenário dos esportes equestres olímpicos, mesmo sendo portadora de necessidades especiais. Em 1954, na Noruega, surgiu a primeira equipe interdisciplinar, formada por fisioterapeuta, psicólogo e equitador, para o tratamento de pessoas com necessidades especiais (DÂMASO, 2013).

As décadas de 1950 e 1960 trouxeram os primeiros estudos científicos modernos sobre o tema para o contexto universitário, principalmente em países como Alemanha e França. Também durante esse período surgiram as primeiras federações de terapias equestres: a Associação de Equitação Terapêutica para Inválidos, na Inglaterra, a Associação Comunitária de Equitação Terapêutica para Inválidos, no Canadá, e a Associação Americana de Hipoterapia, nos Estados Unidos da América. A primeira tese de Doutorado sobre o tema é creditada à Dra. Collette Trintelin, que a apresentou em 1972, na universidade de Paris. Dois anos depois, a França sediou o primeiro congresso internacional de terapias equestres.

Em 1985 foi criada na Itália a Federação Internacional de Equoterapia, *Federation for Disable International (FRDI)*, que hoje tem sede na Bélgica e chama-se HETI. Essa federação oferece cursos de formação e de aperfeiçoamento técnico no segmento de terapias equestres para médicos, terapeutas de reabilitação, equitadores e professores de educação física (DÂMASO, 2013) (FIGUEIREDO, 2014) (MALTA, 2003) (MOTTI, 2007). Em 1994, após o VIII Congresso Internacional de Hamilton, na Nova Zelândia, as áreas de psicologia, educação e educação terapêutica começaram a ser mais exploradas pelos estudiosos das terapias equestres. A ANDE-Brasil, fundada em 1989, é associada à HETI e espelha-se em seus princípios para coordenar as terapias assistidas por cavalos no Brasil (RUBIM, 2012).

A ANDE-Brasil vem, desde o final dos anos 1980, fomentando, dando formações, informações, coordenando e supervisionando a prática das atividades terapêuticas com cavalos no país. Fica localizada na Granja do Torto, em Brasília-DF. Em 1997, o método de atendimento equoterápico proposto pela ANDE-Brasil foi reconhecido pelo Conselho Federal de Medicina (CFM) e, em 2008, pelo Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO) e pela Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF). Em 1999 foi realizado o primeiro congresso nacional de Equoterapia, e o último foi realizado em Florianópolis, em 2018. Em maio de 2019 foi sancionada pelo presidente da república a lei de número 13.830, que regulamenta a Equoterapia como método de reabilitação para pessoas portadoras de deficiência (ANDE-Brasil, 2019).

2.3 Equoterapia

Primeiramente devemos destacar que as atividades terapêuticas que utilizam o cavalo como instrumento principal estão inseridas no ramo da Zooterapia. Nesse grande grupo existem as Atividades Assistidas por Animais (AAA) e as Terapias Assistidas por animais (TAA), as quais podem ser amplamente diversificadas e praticadas em diferentes cenários. Destacam-se, dentre as AAA, as atividades em hospitais assistidas por cães, pássaros e répteis e os cães guias. Já para as TAA temos os cães acompanhantes de portadores de epilepsia, cães acompanhantes de pessoas autistas e as terapias assistidas por cavalos.

De acordo com a Associação Nacional de Equoterapia (2016), o cavalo promove ganhos em níveis psicológicos e físicos. A atividade favorece o desenvolvimento saudável de aspectos físicos, como coordenação motora, relaxamento, propriocepção, força muscular e equilíbrio. Os aspectos psicológicos favorecidos pela Equoterapia são: autoconfiança, autoestima, socialização, memória, atenção, organização do pensamento, controle emocional e desenvolvimento de habilidades e competências.

O termo “Equoterapia” surgiu da união da palavra latina *Equus*, que significa cavalo, e da palavra grega *Therapeia*, que significa tratamento. A palavra Equoterapia® é de propriedade da ANDE-Brasil com registro no Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI). A Associação Nacional de Equoterapia compreende que as práticas equestres são atividades que envolvem valores materiais significativamente altos. Em outras palavras, Equoterapia não é uma atividade financeiramente acessível à maioria.

Dessa forma, os centros devem compreender um caráter filantrópico com a finalidade de atender a população mais necessitada, que muitas vezes está inserida em situações financeiras desfavoráveis que implicariam não possibilidade de acesso ao tratamento (ANDE-Brasil). O que se verifica, na prática, é que os praticantes de famílias de baixa renda, na maioria dos casos, conseguem acesso à Equoterapia somente a partir de programas de Organizações não Governamentais em parceria com as prefeituras municipais que acreditam na importância do tratamento. No contexto das hípcas e centros particulares, verifica-se que uma pequena parcela dos atendimentos é filantrópica, isto é, quando ela existe. Espera-se que, com a nova lei de 2019, os convênios e seguros de saúde arquem com a responsabilidade de fornecer a atividade equoterápica para os praticantes que forem indicados a recebê-la.

O perfil do praticante de Equoterapia é variado, ainda que, muitas vezes, a depender da especialidade dos terapeutas disponíveis em cada centro, determinadas patologias possam ser mais ou menos encontradas. Ainda assim existe hoje uma procura mais significativa dessa atividade por pais ou cuidadores de pessoas com Transtorno do Espectro Autista e também por aqueles responsáveis pelos cuidados de pessoas com Paralisia Cerebral. Praticantes com Down e com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) também são frequentemente matriculados nos centros de Equoterapia, ainda que, quando comparados com os TEA e PC, constituam um número significativamente menor (ANDE-Brasil, 2016) (NASCIMENTO; FARIA, 2017). Destaca-se ainda, no trabalho realizado por Josiane Nascimento e Valcir Farias (2017), que estudou os aspectos biopsicossociais dos familiares do praticante de Equoterapia, que a habilidade dos pais em lidar e cuidar dos filhos com algum tipo de necessidade especial ou deficiência pode interferir diretamente no processo equoterápico. Os autores ainda reforçam a ideia de que é necessário, no contexto equoterápico, acolher os pais e cuidadores, para potencializar o desenvolvimento tanto destes quanto dos praticantes.

Existem as contraindicações das atividades com cavalo que envolvem a montaria. Devido à alta estimulação física que o cavalo impõe ao cavaleiro, mesmo quando ao passo (andamento mais lento e confortável), algumas condições físicas indesejadas, sintomas ou mesmo patologias podem ser agravadas quando expostas a esse ritmo intenso e repetitivo. Algumas delas são: instabilidade atlanto-axial, distrofia muscular, crise convulsiva, hidrocefalia, osteoporose e luxação de quadril. Existe também a contraindicação, em alguns casos, para pacientes em graves crises psicóticas, uma vez

que podem expor a si próprios, a equipe e o cavalo a situações de risco durante uma manifestação de agressividade (ANDE-Brasil, 2016).

A Equoterapia, de acordo com ANDE-Brasil (2016), abrange quatro programas: Hipoterapia, Educação/Reeducação, Pré-esportivo e Esportivo Paraequestre. Cada um desses níveis apresenta particularidades na maneira como o indivíduo que passa pelo processo equoterápico é atendido, em sua relação com o cavalo. Cada um desses programas deve ter um caráter individualizado, de acordo com as potencialidades e necessidades de cada praticante. Além disso, deve ser congruente com os objetivos a serem alcançados e com a finalidade do programa em que o praticante está inserido. A ANDE-Brasil entende que a Equoterapia é uma atividade complementar, o que significa que seus resultados são potencializados quando o praticante está inserido em tratamentos convencionais, como psicoterapia, fisioterapia clínica, fonoaudiologia e atendimentos psicopedagógicos.

Hipoterapia: programa essencialmente de reabilitação para portadores de necessidades psicológicas ou físicas. O praticante não tem autonomia suficiente para manter-se sozinho sobre o cavalo, necessitando do auxílio de um ou mais mediadores. A atuação profissional na relação direta com o praticante é exercida pelos profissionais da área da saúde. Neste nível ou fase do programa, como preconiza a ANDE-Brasil, o trabalho é focado no desenvolvimento de habilidades básicas psicológicas, físicas e sociais, e na melhora do quadro clínico apresentado pelo praticante. Apesar de não ser regra a necessidade de o praticante mudar de programa, é comum que, após um tempo (variável para cada indivíduo), ele migre para o programa educação/reeducação.

Educação/reeducação: programa de reabilitação e/ou educativo, para o praticante que apresenta maior grau de autonomia para manter-se com pouco auxílio sobre o cavalo. O profissional equitador assume um papel de participação direta com o praticante, mas geralmente o mediador principal ainda é um profissional da saúde ou da educação. Aqui, em função de maior estabilidade psicofísica sobre o dorso do animal, o praticante geralmente pode ser capaz de se dedicar a outras atividades, além de se equilibrar. É nesse nível que é mais comum encontrar o auxílio de materiais educativos elúdicos, como bola, disco, bastão, caixinha de música, espelho, cones, balizas, letras, números, dentre outros. Também é neste programa que o praticante pode se preparar adequadamente para uma eventual condução independente do cavalo. Em alguns momentos ele pode segurar as rédeas com as mãos, usar seu corpo como forma de se

comunicar com o cavalo e, antes ou depois da montaria, alimentar, escovar, puxar e encilhar o animal. Sendo capaz de permanecer sobre o dorso do cavalo e guiá-lo de forma satisfatória ao passo, esse praticante já é um aspirante ao programa seguinte.

Pré-esportivo: o praticante deste nível tem melhores condições de manter-se sem auxílio sobre o cavalo e já é capaz de realizar exercícios simples de equitação. O profissional em equitação assume, na maioria das vezes, a mediação da atividade, e os profissionais da área da saúde e da educação supervisionam e orientam o atendimento com menor interferência. Este programa é muito comum para os praticantes que têm baixo comprometimento das funções psicológicas e/ou baixo comprometimento das funções motoras. Portadores de autismo num grau leve e de síndrome de down frequentemente se encontram neste programa, uma vez que podem guiar um cavalo próprio para esta atividade de forma independente. Este programa pode ser entendido como divisor importante entre os anteriores e o seguinte, e derradeiro, uma vez que aqui o praticante dedica-se majoritariamente ao seu desenvolvimento como equitador, ou pessoa do cavalo. Alimentar, buscar, conduzir, limpar, preparar e acariciar o animal são as principais atividades neste programa.

Esportivo Paraequestre: o praticante necessita estar em um bom nível de equitação. Neste programa o foco, ainda que terapêutico, tem caráter esportivo. O praticante tem autonomia suficiente para guiar o cavalo sem o auxiliar guia e pode participar de provas hípicas, como salto, adestramento, enduro, volteio, três tambores e outras modalidades. Inclusive, abre-se caminho para as paraolimpíadas.

A equoterapia assume um perfil, por vezes desafiador, de unir a terapia ao esporte. A rotina de treinos, o aperfeiçoamento das habilidades de equitação e o entendimento sobre o cavalo passam a abraçar também o valor da competição. Isso significa que o praticante deste programa já tem capacidade física e psicológica para expor-se aos desafios do hipismo como terapia (ANDE-BRASIL, 2016). Em uma breve reflexão, talvez a união de terapia e esporte seja um desafio profundamente complexo, mesmo para alguém que não se encaixe no público mais comum da equoterapia. É possível discriminar a mesma atividade (equoterapia) em duas (terapia e esporte)?

A Equipe mínima de Equoterapia é composta por um fisioterapeuta, um psicólogo e um equitador. Segundo a ANDE-Brasil (2016), o equitador é o profissional do ramo equestre que se responsabiliza por tudo que se refere ao animal. Ajuda na escolha certa do animal para cada praticante, treina, prepara e conduz o cavalo durante os atendimentos.

Este profissional também é responsável por participar das reuniões de equipe e também pode assumir o papel de mediador com aqueles praticantes que apresentam um nível de equitação mais avançado nos programas de Equoterapia, como visto anteriormente. É de extrema importância que o equitador seja um profundo conhecedor de cavalos, no que diz respeito às suas características físicas e psicológicas. Deve conhecer as características individuais de seu plantel, a fim de contribuir na escolha do melhor cavalo para determinado tipo de praticante. O equitador é também responsável por zelar pela segurança de todos os envolvidos (praticante, equipe e cavalo), uma vez que seu entendimento sobre os equinos deve funcionar como um regulador de bem-estar do animal, na intenção de prevenir e lidar com possíveis riscos que ele pode expor a si, aos profissionais e aos praticantes, por exemplo, quando está com dor ou, especialmente, com medo. O fisioterapeuta/equoterapeuta é o profissional responsável por fazer a avaliação física do praticante que inicia a equoterapia. Deve discutir em equipe multidisciplinar os aspectos físicos do praticante e também deve assumir o papel de mediador principal durante as sessões nas quais ele apresente queixas ou problemas de caráter físico. Além disso, o fisioterapeuta também é responsável por preencher as fichas de acompanhamento das sessões, por aplicar avaliações físicas ao longo do tratamento e por fazer orientações e devolutivas com os cuidadores dos praticantes. O psicólogo/equoterapeuta é o profissional responsável por fazer a avaliação psicológica do praticante que se inicia na Equoterapia, por discutir com a equipe multidisciplinar os aspectos psicológicos do praticante. Deve, também, assumir o papel de mediador principal no atendimento de praticantes com queixas, demandas ou problemas psicológicos. O psicólogo ainda exerce a função de preencher as fichas de acompanhamento das sessões, aplicar avaliações psicológicas e apresentar devolutiva aos cuidadores dos praticantes, pelos quais se responsabiliza, como mediador.

A observação da fala e do comportamento, o diálogo com o praticante e o suporte (físico e psicológico) dado ao praticante são suas principais responsabilidades do psicólogo, durante o atendimento. É importante destacar que métodos de observação e de entrevista são ferramentas de propriedade do psicólogo e reconhecidos pelo Conselho Federal de Psicologia. Esse profissional é também o eixo central da equoterapia que proporciona para o praticante a possibilidade do desenvolvimento e aprimoramento de suas habilidades e da sua saúde, a partir, especialmente, da mediação entre praticante e cavalo, praticante e outros mediadores e praticante e ambiente, além da tarefa de interagir

diretamente com o praticante e de propor atividades além do cavalo. É muito comum encontrar materiais didáticos e lúdicos que complementam a atividade equoterápica, mas é importante lembrar que tudo aquilo que o cavalo pode proporcionar ao praticante está nele e no espaço hípico. Isso significa dizer que o atendimento realizado somente com o cavalo, sem acessórios, é profundamente relevante e impactante para o desenvolvimento global do praticante e não carece do uso de outros equipamentos além dos hípicos (DÂMASO, 2013), (FERRARI, 2003).

O psicólogo/equoterapeuta também é capacitado para atender praticantes com queixas/objetivos relacionados a aspectos pedagógicos. Queixas escolares, como dificuldade na alfabetização ou de comportamento dentro e fora da sala de aula são também da responsabilidade do psicólogo em atividade equoterápica, uma vez que ele, mesmo que não especializado, tem o conhecimento das teorias da aprendizagem, de desenvolvimento humano, de psicologia da educação e de metodologias de ensino. Além das funções inerentes ao psicólogo atuante no campo da saúde, o psicólogo/equoterapeuta muitas vezes recebe a responsabilidade de atuar como gestor de equipe. Entende-se que, ainda que não especializado no segmento de gestão de pessoas, detém as ferramentas e o conhecimento para trabalhar e organizar a equipe. Isso significa que, por diversas vezes, o mesmo profissional que está a campo atendendo e avaliando o praticante, acolhendo e dando devolutiva para os cuidadores, também se responsabiliza por fazer avaliações admissionais dos profissionais de equoterapia, planejar e ministrar atividades de treinamento da equipe e organizar aspectos relacionados à entrega de resultados.

Mediador é o nome dado ao profissional equoterapeuta que exerce a função principal de coordenar a sessão equoterápica. Profissionais das áreas da saúde, educação e equitação, capacitados pela ANDE-Brasil, estão aptos a mediar uma sessão de Equoterapia.

Auxiliar é o nome dado aos outros profissionais equoterapeutas que também exercem a função de mediador, porém como ajudantes do mediador principal. Podem ser auxiliar lateral, que ajuda o praticante a se manter sobre o cavalo, ou auxiliar guia, responsável por conduzir o cavalo no solo (ANDE-BRASIL, 2016).

O praticante só poderá iniciar sua atividade equoterápica após avaliação psicológica, avaliação fisioterapêutica e avaliação médica. O médico não compõe a equipe mínima de equoterapia, porém assume papel determinante, uma vez que o praticante só poderá montar a cavalo quando receber sua autorização. Outros profissionais

que podem complementar a equipe de equoterapia são: fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional, assistente social, educador físico, psicopedagogo, pedagogo, médico veterinário e outros que possuam nível superior (ANDE-BRASIL, 2016).

Os atendimentos são planejados pela equipe multidisciplinar de forma individualizada, considerando-se as queixas, as dificuldades e as potencialidades de cada praticante. Após as avaliações iniciais, a equipe define qual o programa de equoterapia a ser utilizado para o praticante e quem será o mediador principal. Em seguida, esse mediador escolhido, de acordo com os objetivos a serem alcançados com aquele indivíduo, em Equoterapia, responsabiliza-se por planejar os atendimentos, avaliar sua evolução e fazer os relatórios de cada sessão (FERRARI, 2003).

A Equoterapia visa ao desenvolvimento global dos praticantes com necessidades especiais e/ou deficiências. Existem três áreas principais do desenvolvimento humano em que o cavalo pode prover ganhos significativos: psicológica, física e social. Cada uma dessas áreas, teoricamente, pode ser avaliada e planejada separadamente, porém o que se observa na prática é uma condensação delas, ou seja, a Equoterapia impacta nos aspectos físico, psicológico e social simultaneamente e de maneira inevitável, mesmo que o foco terapêutico seja em apenas em uma dessas áreas (ANDE-BRASIL, 2016) (RUBIM, 2012).

No subitem que segue, apresenta-se uma releitura de como a Psicologia e a Equoterapia se aproximaram.

2.4 Psicologia

O termo psicologia é uma fusão de duas palavras de origem grega, *Psiché* (alma) e *Logos* (estudo ou compreensão). Dessa forma, seu significado segundo a etimologia, seria o estudo da alma ou a compreensão da alma. Nas palavras de Hermann Ebbinghaus (1908, p. 3), célebre estudioso da inteligência no início do século XX, “[...] a psicologia possui um longo passado e uma curta história”. O que se entende desta frase é que, apesar de se produzir conhecimento sobre a mente e as emoções humanas desde a antiguidade clássica, como fizeram Sócrates, Platão e Aristóteles, a psicologia só seria reconhecida verdadeiramente como ciência e se tornaria disciplina acadêmica muito tempo depois de outras ciências como física, astronomia, medicina, fisioterapia, química e biologia.

O que possivelmente afastou a psicologia do cenário crescente científico dos séculos XVI, XVII e XVIII foi a divisão feita por René Descartes, seguindo uma lógica platônica/socrática dualista, sobre aquilo que é ou não objeto de estudo pelos métodos da ciência. Mesmo sendo um profundo conhecedor e estudioso do tema, em sua época, para Descartes somente o objeto possível de ser racionalizado poderia ser objeto de estudo acadêmico; portanto, os fenômenos psicológicos estariam excluídos. Em sua obra *O Discurso do Método*, de 1637, o autor concluiu, influenciado pelos pensamentos de Galileu Galilei, que o segredo para a compreensão do Universo era a matemática. Auguste Comte, no início do século XIX, contribuiu para que algumas disciplinas de interesse somente filosóficas fossem elevadas ao status de ciência. Comte dividiu-as em Humanas e Ciências Sociais. Considerado o pai da sociologia e o primeiro positivista da história, Comte afirmou que a “[...] mente poderia estudar todos os fenômenos, menos os que lhe são próprios”. Assim, o estudo da mente humana continuaria periférico ao desenvolvimento científico, uma vez que seria impossível, segundo o positivismo, estudar algo que não se pode observar, racionalizar e que tem a função primeira de permitir que outros fenômenos fossem estudados (HOTHERSALL, 2019).

O meio acadêmico começou a abrir as portas para a Psicologia como ciência quando John Stuart Mill refutou Comte e propôs uma ciência da mente, um modelo das operações mentais e um método para estudar seus conteúdos. No entanto, foi somente com Wilhelm Wundt que a psicologia finalmente atingiu o patamar de ciência, com a fundação do laboratório de psicologia experimental da Universidade de Leipzig, na Alemanha, em 1879. Retome-se aqui a afirmação de Ebbinghaus, que foi aluno de Wundt, de que a psicologia, como ciência, tem uma história curta, de não mais de 140 anos. No decorrer do século XX, como ciência a psicologia se transformou em uma disciplina acadêmica difundida por todo o mundo, abrangendo como campo de atuação não somente o contexto da saúde e da clínica psicológica, mas também a área militar, do trabalho, social, educacional, da publicidade, do esporte, forense, dentre outros. No Brasil, ainda que a psicologia já fosse estudada nos cursos de medicina no final do século XIX e no início do século XX, somente em 1946 surgiu a formação institucionalizada de psicologia como uma especialização dos cursos de filosofia, fisiologia, estatística ou antropologia. A formação profissional do psicólogo em estabelecimento de nível superior, com currículo majoritariamente dedicado aos estudos de psicologia teve início em 1957. Em 27 de agosto de 1962 foi aprovada a Lei nº 4.119, que regulamentou a profissão.

Juntamente com a popularização da nova ciência surgiram os modelos estruturais de psicologia, também conhecidos como abordagens teóricas (BASTOS; GOMID, 1989); (PEREIRA; NETO, 2003).

É comum, dentre os psicólogos, ouvir que “não existe uma psicologia, mas sim várias psicologias”. Isso corresponde a dizer que existem diferentes escolas teóricas que estudam os fenômenos psicológicos a partir de pressupostos científicos diferentes. O início do século XX testemunhou o surgimento de três das mais influentes escolas de psicologia no mundo: Comportamentalismo (Behaviorismo), Psicanálise e Teorias Fenomenológicas Existenciais, dentre as quais destaca-se a Teoria da Gestalt (BOCK; FURTADO, 1989).

A Psicologia Comportamental, que tem como seus principais fundadores John Watson e Burrhus Frederic Skinner, busca compreender e explicar fenômenos psicológicos a partir da observação, mensuração e qualificação de comportamentos. Compreende-se comportamento como uma resposta de um organismo (vivo ou não vivo) a determinado estímulo antecedente. Surgiu e tornou-se mais forte e aceita nos Estados Unidos da América (BOCK; FURTADO, 1989), (TOURINHO, 2003).

A teoria Psicanalítica surgiu na Áustria, com Sigmund Freud e a Escola de Viena, também no início do século passado. Tem como postulado principal a aceitação de que o inconsciente existe e que é a energia psíquica, e que sua distribuição pelo aparelho psíquico é a grande responsável pelas ações do homem. Busca encontrar no passado, principalmente na infância e juventude, experiências e traumas que se assemelhem a ações do presente. Utiliza-se de técnicas como livre associação e interpretações para investigar processos mentais inacessíveis por outros métodos. É ainda hoje a abordagem psicológica mais aceita entre os profissionais de psicologia na Europa (MEZAN, 2002),

A Teoria da Gestalt, ou psicologia da forma, surgiu também na Europa, como uma terceira força. Entendendo que os fenômenos psicológicos não poderiam ser fragmentados em pequenas variáveis, como comportamento ou inconsciente. Os primeiros teóricos da Gestalt, Max Wertheimer, Kurt Koffka e Wolfgang Kohler, acreditavam que o todo não é somente a soma de suas partes; na verdade, é diferente do que a soma daquilo que o compõem. Assim, ao se estudar um fenômeno deveria ser fundamental fazer o processo de compreensão da grande forma, primeiramente, e depois fragmentá-la em outras pequenas novas formas, ainda assim sabendo que essas novas formas, mesmo compondo um novo todo, já não representavam mais a grande forma

anterior. Os gestaltistas reaproximaram a psicologia da filosofia e das artes e abriram mão da herança positivista e médica que sustentava a recente ciência psicológica (ENGELMANN, 2002).

No grande campo da saúde, o papel do psicólogo é amplamente diversificado. Tradicionalmente, o psicólogo psicoterapeuta é o mais conhecido dentre os não-psicólogos e a psicoterapia, a ocupação com maior número de profissionais atuantes. Existe até um senso-comum equivocado de que psicoterapeuta, ou psicólogo clínico, é sinônimo de psicólogo. Ainda assim, o profissional pode atuar na área da saúde em hospitais, em diferentes especialidades, nas unidades de pronto atendimento, com grupos de risco, com visitas domiciliares, com pessoas portadoras de necessidades especiais e/ou deficiências, Centros de Atendimento Psicossocial (CAPS) e terapias alternativas e complementares (ALMEIDA; MALAGRIS, 2011).

Ainda segundo as autoras Raquel Almeida e Lucia Malagris (2011, p. 184):

A Psicologia da Saúde não está interessada diretamente pela situação, que cabe ao foro médico. Seu interesse está na forma como o sujeito vive e experimenta o seu estado de saúde ou de doença, na sua relação consigo mesmo, com os outros e com o mundo. Objetiva fazer com que as pessoas incluam no seu projeto de vida, um conjunto de atitudes e comportamentos ativos que levem a promover a saúde e prevenir doenças, além de aperfeiçoar técnicas de enfrentamento no processo de ajustamento ao adoecer, à doença e às suas eventuais consequências.

Os processos psicoterapêuticos empregam meios mentais, como a sugestão, a hipnose, a reeducação psicológica e a persuasão, visando estabelecer o equilíbrio emocional de um indivíduo. Dessa forma, a psicoterapia pode ser compreendida como o tratamento de perturbações mentais ou emocionais ou de doenças somáticas por meios psicológicos. Compreende-se que o papel do psicólogo no contexto da Equoterapia, como visto anteriormente, é investigar como o praticante experimenta sua saúde ou doença, suas limitações e habilidades, e promover melhora na autoestima e na qualidade das relações sociais enquanto interagem com o cavalo (RIBEIRO, 2002).

Duas reflexões importantes devem ser feitas a respeito da atuação do psicólogo/equoterapeuta: Quem são os praticantes de Equoterapia que terão em suas sessões o psicólogo como mediador principal? e Como é feita a avaliação psicológica dos praticantes ingressantes na Equoterapia?

A Equoterapia pode receber diferentes pessoas para as atividades com os cavalos. Como visto anteriormente, existem algumas necessidades especiais, síndromes ou

patologias, como Paralisia Cerebral, Transtorno do Espectro Autista e Síndrome de Down, que são mais comuns ao contexto equoterápico, ainda que existam praticantes com outros diagnósticos que também são acolhidos pelos centros equestres. É papel do psicólogo, além de triar e avaliar o praticante na sua chegada à terapia, ser o mediador principal naqueles casos em que se objetiva principalmente o desenvolvimento ou o aprimoramento de aspectos cognitivos ou emocionais. Alguns exemplos de queixas cognitivas, como dificuldade de atenção e concentração, dificuldade de memorização, dificuldade com a comunicação e linguagem, e outras queixas comportamentais, são de responsabilidade, não somente, mas principalmente, do psicólogo/equoterapeuta. As queixas emocionais, como baixa autoestima, quadros ansiosos, quadros depressivos, dificuldade em perceber e/ou lidar com as emoções também exigem do psicólogo a responsabilidade de ser o mediador principal (ALVES, 2015); (RIBEIRO, 2002).

Como visto anteriormente, na definição de Equoterapia segundo a ANDE-Brasil, a atividade não é uma prática somente nas áreas da saúde e equitação, mas também na área da educação. Existem queixas que têm sua origem no rendimento escolar e de aprendizagem, como dificuldade na alfabetização, dificuldade na produção da fala, dificuldade no raciocínio lógico/matemático, que serão de responsabilidade também do psicólogo, no caso de a equipe interdisciplinar não contar com profissionais da área da educação, como psicopedagogos, pedagogos, educadores ou psicólogos escolares que não compõem a equipe mínima exigida pela ANDE-Brasil, mas que são os profissionais recomendados para esses casos.

Uma das grandes dificuldades atuais, no que tange a avaliação psicológica na Equoterapia, é a carência de protocolos e de métodos validados para avaliar e conhecer o praticante. Em outras palavras, a triagem feita pelos centros equestres, assim como o acompanhamento terapêutico, carece de uma metodologia regulamentada e institucionalizada, o que dificulta a padronização dos atendimentos e, conseqüentemente, sua validação como método terapêutico eficaz. Como destacam Zamo e Trentini (2016 p. 93) “[...] o desenvolvimento de instrumentos com validade ecológica para o *setting* da Equoterapia (avaliação sobre o cavalo) seria muito importante”. Na prática equoterápica verifica-se ausência do uso de avaliações psicológicas antes e durante o processo equoterápico, o que implica práticas heterogêneas entre os centros de Equoterapia e, porque não, negligentes em relação aos praticantes, uma vez que muitas das características individuais poderiam ser facilmente reconhecidas de imediato, por meio

de testes, questionários e inventários, favorecendo assim o planejamento das sessões, bem como a verificação do impacto da atividade ao longo do tempo sobre o praticante.

Fez-se importante, neste segmento do trabalho, clarificar o que são os aspectos mentais e os aspectos emocionais segundo a psicologia. LeDoux (1996) afirma que a mente é o estado consciente do cérebro, no qual os processos cognitivos básicos atuantes, especialmente no córtex pré-frontal, são executados. Pensamento, raciocínios, fala, atenção, concentração, crenças, valores e expressão consciente dos sentimentos são alguns dos exemplos do que compete ao nível mental da psique humana. Já o componente emocional do psiquismo humano está diretamente relacionado ao sentir e à manifestação fisiológica inconsciente e/ou espontânea. É processado em todo o sistema nervoso central de forma pouco conhecida, em função de sua complexidade, ainda que o sistema límbico seja responsável por desempenhar um papel central na ativação das emoções. Existem estudos que destacam a existência de mais de 27 tipos de emoção. Sabe-se que existem sete delas centrais que, quando combinadas, podem construir diversas formas de manifestação emocional. São elas: nojo, raiva, medo, tristeza, alegria, surpresa e desprezo. As emoções são, portanto, uma forma de resposta dos animais em relação aos estímulos recebidos do ambiente combinados com as memórias e os processos cognitivos básicos. Funcionam como uma ferramenta para lidar com o que o indivíduo do ambiente via aferentes neurais dos órgãos do sentido para reagir de maneira adequada e segura afim de sobreviver ou perpetuar a espécie.

O trabalho do psicólogo, no contexto equoterápico, deve seguir uma orientação metodológica, a fim de trazer para dentro da atividade com os cavalos os benefícios psicoterapêuticos. A abordagem teórica, assim como na clínica psicológica, é de livre escolha do profissional e deve ser adaptada para a realidade do trabalho ao ar livre, na presença de outros profissionais, de outros ramos do saber e, ainda, mais particularmente, na presença e na relação com os cavalos.

Trabalhar com a observação dos aspectos psicológicos do praticante é o verdadeiro foco do psicólogo/equoterapeuta, destacando-se a observação da fala e do comportamento. Isso significa trabalhar, não somente com as queixas, sintomas, diagnósticos ou com o sofrimento psíquico, mas também, e talvez especialmente, no contexto equoterápico, com as potencialidades e melhores competências do praticante. Assim como na sua prática no contexto da psicoterapia tradicional, o psicólogo atuante na área deve ser profundamente respeitoso à história de vida e às escolhas do praticante.

Deve escutar atenciosamente e livre de julgamentos aquilo que o praticante traz durante sua sessão e, mais do que qualquer coisa, deve acolher o praticante em sua totalidade (ALVES, 2015).

2.5 Aspectos psicológicos do contexto equoterápico

É importante destacar, primeiramente, a inserção e atuação do psicólogo no contexto equoterápico ocorreu posteriormente à do fisioterapeuta. Nos primeiros anos de vida, a equoterapia preconizava somente o tratamento e acolhimento de queixas físicas, como visto anteriormente. Esse movimento de inserção a posteriori da psicologia na equoterapia possivelmente muito se relaciona com sua própria história como ciência que, conforme subitem 2.4 desta mesma seção, é uma disciplina relativamente nova, se comparada às disciplinas das ciências biológicas e exatas (MOTTI, 2007) (BASTOS; GOMID, 1989).

A atuação do psicólogo equoterapeuta é pouco explorada pelos pesquisadores do tema e muito heterogênea. Ainda que os profissionais, em sua maioria, sejam verdadeiramente centrais na atividade e tenham se especializado com no mínimo um curso ofertado para a formação de equoterapeutas da ANDE-Brasil, não mantêm uma proximidade de diálogo entre si e também não seguem uma padronização de procedimentos. Isso acaba contribuindo, não somente para o desgaste físico e emocional dos profissionais psicólogos, que passam a não atuar com todas suas potencialidades, mas também para a queda da qualidade dos serviços prestados à comunidade, conseqüentemente, constata-se baixa procura pela atividade e altos índices de desistência dos praticantes (FERRARI, 2003)

Dentre as três áreas principais nas quais a Equoterapia promove o desenvolvimento, este trabalho destaca o melhoramento psicológico dos praticantes. De acordo com a ANDE-Brasil (2016), o cavalo, quando em Equoterapia, promove ao praticante ganhos nos aspectos cognitivos e emocionais. Em se tratando do desenvolvimento cognitivo, percebe-se melhora dos processos cognitivos básicos, como raciocínio lógico, linguagem, pensamento e memória; e os aspectos emocionais que se destacam são aqueles que se referem à percepção das emoções e ao controle emocional, bem como à sensação de bem-estar e de autoestima positiva.

Em seu trabalho sobre corpo e linguagem na Equoterapia, Alves (2015) seguindo uma leitura psicanalítica, destaca que a atividade equoterápica oferece um espaço no qual o praticante pode ressignificar seus conflitos. Esse processo de ressignificação pode auxiliar o indivíduo a atuar de forma mais segura e criativa em sua vida. Independentemente da formação profissional do mediador, a atividade promove ganhos positivos sobre aspectos psicológicos para o praticante. Isso porque, nessa prática, o contato com o cavalo e a constituição simbólica social que ele representa provocam efeitos psicomotores e sociais, além de potencializarem a autoconfiança.

Sobre os aspectos psicomotores, Pierobon & Galetti (2008), considerando a potencialidade plástica do sistema nervoso central e os ajustes posturais, motores e respiratórios necessários, que o mesmo mecanismo perceptivo-cognitivo-motor que uma pessoa normal apresenta espontaneamente ao marchar pode ser associado por um praticante de equoterapia, graças às experiências provocadas pelos movimentos e pelo contato com cavalo. Quando o praticante é incapaz de gerar os movimentos por si só, o cavalo os oferece com qualidade rítmica, cadenciada e simétrica, proporcionando uma atividade neurológica que o corpo do cavaleiro em questão não é capaz de realizar sozinho. As autoras seguem destacando os estímulos recebidos do cavalo na medida em que destacam o papel da conscientização corporal, da integração sensorial e da conscientização da respiração como elos importantes entre aquilo que está acontecendo com o corpo do praticante e aquilo a que o praticante dedica sua atenção consciente.

A prática equoterápica é compreendida como uma intervenção psicomotora lúdica que intervém no corpo com uma forma de linguagem que permite ao indivíduo comunicar-se com o cavalo. Ao mesmo tempo em que interage com o cavalo, fazendo-lhe solicitações, o praticante é correspondido pelo animal, que responde com o seu corpo aos sinais do cavaleiro. A cinesioterapia do movimento tridimensional associada à representação social do cavalo toca o humano em seu real, simbólico e imaginário. Nessa dinâmica comunicativa, o indivíduo passa por um processo de reconfiguração que amplia suas possibilidades de expressão no seu campo relacional. Em outras palavras, o papel do cavalo é servir como um instrumento de mediação simbólica entre aquilo que se vivencia e se aprende no contexto equestre e a realidade fora desse espaço (ALVES, 2015).

No estudo sobre o impacto da Equoterapia em praticantes cegos, Silva (2003), destaca, além dos evidentes benefícios na motricidade, equilíbrio e propriocepção, pois após as atividades com os cavalos percebeu melhora no relacionamento social do grupo

estudado, destacando a forma de se comunicar e a atenção às regras sociais. O autor corrobora os estudos de Alves (2015), pois afirma que as relações fora do ambiente imediato de contato com o cavalo também foram beneficiadas pela atividade. O cavalo, ainda de acordo com o autor, funciona como um instrumento de mediação entre praticante e equipe de equoterapeutas, entre praticante e mundo externo ao atendimento, porque aproxima o que é aprendido ou aprimorado nas sessões de Equoterapia com aquilo que o praticante vivencia na sua realidade. O autor conclui afirmando que houve melhora da qualidade de vida dos praticantes que participaram de sua amostra de pesquisa.

Na Equitação Terapêutica (ET), prática de terapia equestre em Portugal, também foram encontrados resultados semelhantes aos de Alves (2015), Silva (2003) e Motti (2007), porém com praticantes adolescentes. Dâmaso (2013) conclui que na ET os praticantes apresentaram melhora na autoestima após o início na atividade. A relação com o cavalo também contribuiu para que os estudantes que compuseram a amostra tivessem melhora na aceitação social na percepção de competências atléticas. Ao melhorar aspectos psicomotores, fomentar o relacionamento emocional, melhorar a autoconfiança e a autoestima, a Equitação Terapêutica ajuda também na maturação de esquemas cognitivos, aumenta a motivação e facilita a aprendizagem. Dentre outros benefícios, indiretamente o cavalo pode ajudar a melhorar o rendimento escolar.

Ainda sobre a ET em Portugal, verificou-se, com a pesquisa de Lobo (2003), que entrevistou praticantes portadores de deficiência mental ligeira e também seus pais e professores, que, ainda que muitas variáveis tenham sido avaliadas diferentemente entre os grupos, em um quadro geral a intervenção terapêutica com o cavalo mostrou ter um impacto positivo sobre queixas como dificuldade de socialização, baixos níveis de autoconceito e problemas/distúrbios comportamentais.

Sobre transtornos psicológicos, especificamente o transtorno de ansiedade generalizado e o transtorno depressivo, a Equoterapia pode atuar de forma significativa na redução dos sintomas. A atividade promove, de forma inovadora e complementar, melhora na qualidade de vida. Na pesquisa norte-americana *Equine-Assisted Psychotherapy for adolescents experiencing depression and/or anxiety* (Psicoterapia assistida por cavalos para adolescentes com depressão e/ou ansiedade), com o modelo de terapia equestre EAGALA (*Equine Assisted Growth And Learning Association*), que realiza todas as atividades de interação com o cavalo do solo (ou seja, o praticante, nesse modelo, não monta o cavalo), os autores destacam que as atividades equestres

promoveram aumento da confiança, aumento na autoestima e assertividade, melhora na percepção e controle emocional, melhora na desenvoltura e diminuição de comportamentos indesejados (WILSON; BUULTJENS; MONFRIES; KARIMI, 2015).

Esse resultado provém de uma pesquisa norte-americana que vem ao encontro dos resultados encontrados no Brasil:

Para a autora deste trabalho, o fato de montar vislumbrar o espaço do alto de um cavalo é encorajador e incentivador, ou seja, o cavalo aceita a decisão do cavaleiro que sente seguro e confiante. Essas sensações prazerosas conduzem à diminuição de temores e criam um canal de comunicação (MOTTI, 2007, p. 88)

As terapias com cavalos também podem ser usadas para romper barreiras defensivas do praticante e desenvolver neles novas ideias e perspectivas para lidar com seus padrões de comportamento disfuncionais de uma maneira que intervenções clínicas tradicionais não podem. Praticantes que antes se comportavam de forma divergente daquilo que sentem e pensam precisam ajustar suas atitudes de acordo com seus pensamentos e emoções, para que possam cooperar efetivamente no trabalho com cavalos. Enquanto um terapeuta dentro do consultório pode não perceber alguma dissonância, o cavalo pode demonstrar em seu comportamento tal inconsistência, até que o praticante se ajuste internamente (LANTINI; KNOX, 2009).

As autoras supracitadas destacam que as terapias equestres mostraram ter efeito positivo sobre praticantes com transtorno alimentar, como a anorexia, e pessoas com sensibilidade ou aversão ao toque humano. Observaram que uma praticante diagnosticada com anorexia, após três sessões com o cavalo, foi capaz de aprender a pedir ajuda, a ser mais específica em suas solicitações e melhorou sua atitude e seu otimismo com relação ao tratamento da doença. Montar o cavalo pode ter gerado uma associação positiva em mulheres que evitam a aproximação física de humanos.

Um dos benefícios da Equoterapia, e também de todos os outros modelos de terapias equestres, mais amplamente conhecido é sobre a comunicação e linguagem. Cavalos ensinam as pessoas a enviarem mensagens congruentes. Cavalos comunicam-se basicamente por meio da linguagem corporal e não são capazes de compreender mensagens incoerentes. Eles podem ser percebidos como um grande espelho para promover a atenção consciente sobre comportamentos dos humanos, ao encorajar a comunicação autêntica e a consciência de suas intenções ocultas. Em relação à

importância do ritmo que as atividades equestres proporcionam, Lantini e Knox (2009) defendem que os equinos constroem uma identidade corporal em humanos que ajuda na linguagem não verbal.

Os aspectos psicológicos presentes na equoterapia vão além daqueles relacionados a diagnósticos e queixas. De fato, como verificou até aqui, com a ajuda da literatura supracitada, a relação com os cavalos é profundamente transformadora e enriquecedora para a vida humana (LANTINI; KNOX, 2009). Ao deparar uma situação em que um ser-humano interage com um cavalo é possível perceber com certa facilidade que as sensações positivas no corpo e na mente da pessoa transparecem em qualquer tipo de atividade proposta. Ainda que não exista uma queixa de caráter psicológico, ou que a atividade em questão sequer seja terapêutica, cavalos tornam as pessoas melhores. Melhoram sua força muscular, agilidade, coordenação motora, senso de espaço e de direção, atenção, percepção, memória, resiliência e comunicação, que exigem que sejam pacientes e desenvolvam atividades que envolvam desafios de controle emocional (GUBRITS, 1999), (LANTINI; KNOX, 2009), (WILSON; BUULTJENS; MONFRIES; KARIMI, 2015), (MALTA, 2003).

Carl Rogers (1987) afirma que a tendência à plenitude, ou à auto-realização, que abrange não somente a manutenção, mas também o crescimento do organismo vivo, é o que motiva os indivíduos a buscarem por algo, a iniciarem algo que os põe sempre “prontos para alguma coisa”. Essa tendência se manifesta em todos os níveis de necessidades dos seres vivos e sempre em ordem crescente. Noutras palavras, ela só será capaz de exercer a motivação num nível mais complexo de necessidades, como brincar, aprender alguma disciplina acadêmica ou uma arte, caso as necessidades básicas anteriores estejam satisfatoriamente supridas. Esta lógica sistêmica é profundamente importante que seja compreendida, uma vez que a equoterapia, como atividade complementar, poderá ser verdadeiramente transformadora somente se o praticante puder ter outras necessidades supridas antes e durante sua sessão com o cavalo que estão aquém dos benefícios da prática com o animal.

Necessidades fisiológicas, nutricionais e de higiene são algumas das mais elementares que, quando não supridas, podem interferir negativamente na qualidade do tratamento equoterápico. No entanto, existem outras mais complexas que, quando supridas, podem potencializar ainda mais o processo de terapia com cavalos. Atenção, cuidados afetivos e físicos, escuta empática e liberdade para manifestar-se são alguns

elementos que devem existir no próprio espaço de terapia com cavalos, mas que, quando existem também nos outros ambientes de vida do praticante, contribuem para que a terapia seja mais transformadora (DÂMASO, 2013) (LENTINI; KNOX, 2009).

Sob uma ótica psicanalítica, humanos podem montar e guiar o cavalo estando em cima dele. Daí surge uma relação única que não existe com cachorros e gatos. Existe literalmente um *holding*, uma sustentação dinâmica, quando o cavaleiro tem uma relação de conexão íntima com um ser tão grande e tão gentil. A razão entre a massa corporal do cavalo com a de seu condutor não é tão diferente da razão entre o peso da mãe humana e seu bebê. O animal pode interagir física e psicologicamente com o indivíduo de uma maneira que não é possível ao terapeuta.

Cavalos compartilham muitas coisas com humanos. Para uma boa compreensão da dinâmica grupal entre equinos e pessoas, faz-se necessário uma breve compreensão da psicologia equina. Além de mamíferos ambas as espécies são animais gregários, o que significa dizer que ambos têm pelos, temperatura estável do corpo (inclusive muito próximas, humanos 36,5 C°; cavalos 37,5 C°), alta dependência da figura materna nas primeiras fases do desenvolvimento e profunda dependência do grupo ao longo de toda a vida. As diferenças também não são poucas. Mills & McDonnell (2005) destacam a diferente posição na cadeia alimentar: enquanto cavalos são herbívoros e presas na natureza, o ser humano é onívoro e possivelmente o predador mais voraz que já habitou este planeta. Daí se originam divergências comportamentais inatas de cada espécie, como exemplo, o fato de o cavalo ser um animal de fuga diante de situações aversivas e altamente sensível aos estímulos provenientes do ambiente. Goodwin (2007), juntamente com Mills & McDonnell, também destaca que cavalos, além de extremamente sensíveis aos estímulos táteis, auditivos, visuais e olfativos, utilizam o medo como principal ferramenta de sobrevivência, o que implica uma resposta muito clara em relação ao que o animal está sentindo.

Cavalos tendem a ser muito claros, totalmente verdadeiros e a responder muito rapidamente àquilo a que estão sendo expostos. Fraser (1992) argumenta, a partir do estudo do sistema nervoso central, que, diferentemente dos seres humanos (e de outros mamíferos onívoros como os grandes primatas, que têm a região do córtex pré-frontal mais desenvolvida e estimulada, o que os caracteriza particularmente como seres pensantes), os cavalos têm o sistema límbico, responsável pelas emoções, mais desenvolvido e estimulado. Essa característica do funcionamento neurológico dos

equinos contribui para que eles se comportem, sob a ótica da lógica humana, de forma mais volátil, a fim de encontrar o conforto e a sensação de bem-estar. Noutras palavras, a linguagem do cavalo é da sensação e da busca pela sinergia com o ambiente que o cerca.

Outro ponto de destaque com relação aos aspectos psicológicos dos cavalos é a sua capacidade de aprendizagem. Os equinos têm uma facilidade perceptível de se conectar e se concentrar nos seres humanos nas situações de treinamento e condicionamento. O processo de educação dos cavalos se dá de forma muito particular, quando comparado ao de outros animais. Enquanto em todo o mundo de hoje os animais são treinados utilizando o reforço positivo e a punição negativa (extinção na linguagem behaviorista) como estratégia principal de condicionamento, os cavalos seguem sendo treinados, em sua maioria, por reforço negativo e punição positiva, havendo ou não o uso de violência nesse processo. No linguajar popular dos cavaleiros, o cavalo aprende por pressão e alívio. Este paradigma no treinamento segue sendo uma consequência muito mais relacionada à influência cultural e de aspectos morais e egóicos dos treinadores do que uma consequência de estudos acerca dos processos de condicionamento, teorias da aprendizagem e ética. O cavalo é um animal facilmente treinável e muito inteligente para a aprendizagem. As dificuldades para educá-los aparecem justamente quando o ser humano não tem conhecimento suficiente sobre o funcionamento psicológico equino e sobre os processos de condicionamento (MCLEAN; CHRISTENSEN, 2017).

Cavalos são transparentes e desinibidos. Sujam-se e comem do e no chão. São peludos e ficam suados com certa frequência. Recorrem uns aos outros quando precisam e suas genitálias ficam à mostra. Ainda assim, os humanos podem interagir seguramente com eles intimamente e, quando montam, podem controlar o animal. Cavalos também não julgam e não sabem se o humano em questão com o qual se relaciona é baixo para sua idade ou se tem algum tipo de problema físico ou psicológico. Essas qualidades contribuem significativamente para a conexão e autoaceitação por parte do cavaleiro (VIDRINI; OWEN-SMITH; FAULKNER 2002).

O animal habita o imaginário humano como mágico, poderoso, belo, corajoso, forte e, em algumas ocasiões, bruto e grosseiro. Estas características podem contribuir para a eficácia das atividades terapêuticas. Para Vidrini, Owen-smith e Faulkneer (2002), a *Equine Facilitated Psychotherapy* (EFP), traduzida como terapia facilitada por equinos, ensinou aos praticantes que é preciso ter mais responsabilidade, rotina, cuidado com o próximo, empatia e tratar o erro de forma segura. Ensinou também o valor de praticar e

se aperfeiçoar, disciplina, solução de problemas, consciência corporal, aprendizagem visual, paciência, respeito pelas escolhas dos outros, criatividade, autoestima, relaxamento, o valor de cumprir com obrigações desgostosas, reflexão pessoal, nutrição e a ter qualidade nos relacionamentos interpessoais.

3 METODOLOGIA

Segundo Marília Tozoni-Reis (2009, p. 38), “Metodologia de pesquisa é um caminho a ser trilhado pelo pesquisador no processo de produção de conhecimentos sobre a realidade que se busca conhecer”. De acordo com a autora, essa metodologia é composta por alguns itens que formam o todo do processo da pesquisa científica, do início ao final. Não se resume apenas às técnicas e instrumentos, mas também às reflexões teóricas e à articulação entre a teoria e a aplicação das técnicas e instrumentos.

Esta pesquisa teve como tema central o impacto da Equoterapia e a percepção do praticante sobre aspectos psicológicas, o que implicou coleta de ideias, opiniões e observações que o próprio indivíduo que passa por essa terapia tem sobre si e sobre o tratamento. Em outras palavras, sua vivência com os cavalos. Posteriormente, durante a análise dos dados coletados, utilizou-se o Método Fenomenológico de Giorgi de análise de dados qualitativos, para verificar as percepções do praticante e o impacto da atividade. O delineamento escolhido foi o transversal de caráter qualitativo. De acordo com Creswell (2010), o método qualitativo de coleta e análise de dados foi determinante para se observar a subjetividade de cada praticante de Equoterapia, pois reforçou o caráter idiográfico deste trabalho.

3.1 Tipo de pesquisa

Esta pesquisa se caracteriza como descritiva e exploratória. Como busca conhecer os aspectos psicológicos da atividade equoterápica e o impacto da Equoterapia sobre aspectos psicológicos na percepção do praticante, configura-se, portanto, como um trabalho de pesquisa qualitativa.

Escolheu-se o delineamento transversal, uma vez que existe a necessidade de se verificar a incidência de aspectos psicológicos na Equoterapia e o impacto dessa atividade sobre tais aspectos coletados no mesmo fragmento de tempo. Bordalo (2006) descreve a pesquisa transversal como aquela em que se observa, no mesmo momento histórico, o fator e o efeito.

O método de pesquisa fenomenológico, como afirma Yolanda Forghieri (2002), apresenta-se como recurso apropriado para pesquisar a vivência. A redução fenomenológica, que tem sua origem na filosofia fenomenológica, tem como objetivo

principal, quando aplicada na psicologia, captar o sentido ou significado da vivência para a pessoa em determinadas situações, por ela experienciadas em seu existir cotidiano. Para tanto, o pesquisador deve iniciar seu trabalho com atenção voltada para suas próprias vivências, para que possa captar o significado delas em sua existência. Ainda sobre a redução fenomenológica, embora cada os indivíduos apresentem particularidades, são também semelhantes, pois estão num mesmo mundo. Isso é o que lhes possibilita conhecer a si e ao outro. Dessa forma, a redução fenomenológica, em psicologia, é formada por dois momentos diametralmente opostos, porém profundamente relacionáveis: envolvimento existencial e distanciamento reflexivo.

O envolvimento existencial requer do pesquisador, num primeiro momento, a rejeição de seu conhecimento prévio sobre a vivência que pretende investigar para buscar a espontaneidade na vivência estudada. O pesquisador deve sair de uma atitude intelectualizada em relação ao objeto de estudos e deixar fluir sua própria vivência, para que a intuição, a percepção, os sentimentos e as sensações surjam em uma totalidade, o que lhe propiciará uma compreensão global e pré-reflexiva dessa vivência.

Após envolver-se profundamente com a vivência de forma pré-reflexiva, o pesquisador deverá distanciar-se dela e refletir sobre ela, para que possa captar e enunciar descritivamente o seu sentido ou significado. O distanciamento, no entanto, nunca é completo. O pesquisador deverá manter um elo que o conecte à vivência, para que a descrição seja, de fato, o mais próximo possível da experiência de quem a quem a relatou. Tal enunciação deve ser feita em linguagem simples e acessível, semelhante à da vida cotidiana.

Cabe destacar que, na pesquisa fenomenológica, ambos os movimentos aqui descritos são paradoxalmente inter-relacionados e reversíveis; um transforma-se no outro, e vice-versa, até que se chegue a uma descrição satisfatória do fenômeno estudado (FORGHIERI, 2002).

3.2 Participantes da Pesquisa

A população foi composta por praticantes de centros de Equoterapia do Vale do Paraíba e Região Bragantina, adultos, associados e filiados à ANDE-Brasil e também de centros não associados e não filiados à ANDE-Brasil, que voluntariamente aceitaram participar do estudo. Segundo a ANDE-Brasil, existem 77 centros de Equoterapia filiados

ou agregados à associação no estado de São Paulo. Estima-se que esse número possa ser aumentado em até três vezes, forem considerados aqueles centros que não têm vínculo institucional com a ANDE-Brasil. Até o presente momento não foi encontrado um dado estatístico que afirme o número de praticantes no estado.

No site da ANDE-Brasil foram encontrados 11 centros de equoterapia na região do Vale do Paraíba e na região Bragantina. Com esses centros a tentativa de contato aconteceu por meio de ligação telefônica ou e-mail. Somente oito desses centros responderam à tentativa de contato feita pelo pesquisador, e um deles afirmou não ter interesse em participar da pesquisa. Dos sete que demonstraram interesse em participar, apenas quatro dispunham de praticantes com o perfil necessário para a realização da pesquisa. Um desses praticantes com o perfil adequado para a entrevista não quis participar. Portanto, a amostra foi escolhida por acessibilidade, ou seja, considerando aqueles praticantes que foram sensíveis ao convite para entrevista. Trata-se de uma população de difícil acesso, uma vez que a maior parte do público da Equoterapia é formada por crianças e por pessoas com sérios comprometimentos cognitivos e/ou motores que inviabilizam a entrevista semiestruturada (APÊNDICE V).

A amostra da pesquisa foi formada por três praticantes maiores de 18 anos, dois homens e uma mulher, que haviam praticado a equoterapia por no mínimo um ano. Esses participantes foram apresentados pelos profissionais equoterapeutas de seus respectivos centros de Equoterapia. Existem algumas características que justificam o baixo volume de praticantes com o perfil que a pesquisa aqui relatada buscou conhecer. Assim, o critério de exclusão dos praticantes de equoterapia foi sua impossibilidade de relatar sua própria história, sua experiência na atividade e sua queixa, e a menor idade. A qualidade do diálogo entre pesquisador e entrevistado demanda um nível de preservação de aspectos cognitivos e emocionais que não são frequentemente verificados nos praticantes de equoterapia. Como afirmam a ANDE-Brasil (2016) e Nascimento & Faria (2017), os principais diagnósticos encontrados na equoterapia são o Transtorno do Espectro Autista, Paralisia Cerebral e Síndrome de Down. Esses diagnósticos geralmente revelam sérios déficits no desenvolvimento do raciocínio abstrato, socialização e da linguagem, o que implica diretamente a dificuldade de narrar uma história ou de sustentar uma comunicação verbal coerente. Outro aspecto que colaborou para o fechamento amostral foi a idade dos praticantes. Ainda segundo a ANDE-Brasil, apenas 16% dos praticantes de equoterapia no Brasil são adultos. Para que o estudo de base qualitativa tenha

validação, é importante que exista uma amostra consistente de dados e conteúdo descritivo passível de análise. Dessa forma, de acordo com o método de coleta de dados, Método Fenomenológico de Giorgi, o número de três praticantes é suficiente, desde que a coleta seja feita de forma aprofundada, para que exista um volume de dados qualitativos para validação do trabalho.

Não foi encontrado na literatura acadêmica nenhum trabalho dedicado a estudar a equoterapia segundo a percepção do praticante capaz de relatar sua experiência a partir de uma entrevista. Esse fato dá credibilidade à autenticidade deste trabalho. Além disso, demanda que outras pesquisas sejam feitas com essa população a partir de instrumentos semelhantes, para validar com mais fidedignidade os resultados encontrados. É importante frisar que as características dos praticantes que compõem esta amostra não são as mais comumente encontradas na equoterapia; portanto, a discussão a respeito do tema refere-se a esse público específico.

Foram realizadas três entrevistas com praticantes de três centros de atividades equestres diferentes: o primeiro deles em Bragança Paulista, o segundo em São José dos Campos e o terceiro em Pindamonhangaba.

3.3 Instrumentos

A entrevista semiestruturada foi a ferramenta que forneceu os dados qualitativos para a realização da análise mais profunda dos possíveis problemas psicológicos dos praticantes de Equoterapia, de suas expectativas em relação à atividade e de como verificam o impacto dessa prática. As perguntas abertas foram elaboradas para coletar a percepção do praticante sobre a Equoterapia e sobre o cavalo. Utilizou-se uma linguagem que evitou induzir o entrevistado a uma possível resposta positiva sobre o impacto da Equoterapia.

A entrevista semiestruturada é, segundo Lima, Almeida & Lima (1999), um processo de interação social que envolve um entrevistador e um entrevistado. Tem por finalidade obter informações do entrevistado com o auxílio de um roteiro preestabelecido em torno de um tema central. Esse método proporciona a obtenção de informações, por meio da fala do indivíduo, que revelam condições estruturais, sistemas de valores, normas e símbolos, e que transmitem, por meio de um porta-voz, representações de um determinado grupo.

3.4 Procedimentos para coleta de dados

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté (CEP-UNITAU), uma vez que envolve seres humanos. Após a aprovação do Comitê (ANEXO I), foi solicitada autorização dos centros de Equoterapia, para a realização da coleta de dados, com o preenchimento do Ofício e Termo de Autorização da Instituição (APÊNDICE I). Os centros de Equoterapia das regiões do vale do Paraíba e da região Bragantina foram contatados por telefone e/ou e-mail. Ao aceitarem participar da pesquisa, os participantes preencheram o Ofício e Termo de Autorização da Instituição (APÊNDICE II). Os praticantes capazes de relatar a própria história e terapia foram contatados via telefone, mensagem de texto, e-mail, e a própria equipe de terapeutas organizou e mediou o encontro com o pesquisador.

O procedimento adotado para a seleção da amostra iniciou-se com o diálogo entre pesquisador e equoterapeutas. Nessas conversas com cada equipe de equoterapeutas foi revelado quem seriam os praticantes de cada centro que poderiam participar da etapa de coleta de dados qualitativos via entrevista semiestruturada elaborada pelo próprio autor. A entrevista semiestruturada é compreendida como método, técnica ou instrumento de pesquisa utilizada especialmente para coletar dados nas pesquisas em ciências humanas. Para realizar uma pesquisa a partir desse formato de coleta de dados é necessário cuidado especial no uso das palavras e da linguagem escolhidas para o roteiro da entrevista (MANZINI, 2012).

Após a indicação dos praticantes que seriam entrevistados, pelos seus respectivos equoterapeutas, o pesquisador entrou em contato com cada um dos praticantes para convidá-los a participar da pesquisa e agendar o encontro pessoal para a etapa de coleta os dados.

A coleta de dados aconteceu, de forma individual, nos próprios centros de Equoterapia ou em outro local da preferência do entrevistado, mesmo fora dos centros de Equoterapia. De acordo com a infraestrutura à disposição, foi realizada, tanto ao ar livre, quanto em uma sala fechada, próximo dos cavalos ou não. A primeira entrevista realizada aconteceu em um centro equestre na Região Bragantina; a segunda, no local de trabalho de um praticante de equoterapia no vale do Paraíba; e a terceira, em um centro de Equoterapia também no vale do Paraíba.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE III) foi apresentado aos praticantes de equoterapia que aceitaram participar do estudo. Foi garantido o sigilo

de sua identidade, bem como sua saída do estudo, se assim desejassem. O pesquisador explicou aos participantes sobre os possíveis riscos e benefícios durante a aplicação do questionário e da entrevista semiestruturada. Entendem-se como risco as possíveis manifestações de caráter emocional que possam ser desconfortantes. O pesquisador assumiu a responsabilidade de acolher de forma profissional qualquer necessidade psicológica que os participantes viessem a manifestar.

A conversa com os praticantes, precedente à entrevista, feita pelos terapeutas por telefone e presencialmente, foi fundamental para auxiliar na seleção da amostra e para coleta de alguns dados pontuais, como nome, idade, diagnóstico e tempo em equoterapia. Dessa forma, foram selecionados exclusivamente aqueles com capacidades cognitivas e emocionais suficientes para descrever as próprias memórias, sentimentos e pensamentos relacionados à sua equoterapia e também para apresentar informações etnográficas, como nome, idade, data de nascimento, sexo, profissão e queixa. O nome do praticante foi anotado no computador pessoal do pesquisador, assim como seu e-mail e telefone, para contato.

Todo o processo de coleta de dados foi realizado no segundo semestre de 2019, ou seja, antes da pandemia mundial de Covid-19. Dessa forma, não havia nenhuma regra de distanciamento social que impedisse que a coleta de dado fosse realizada de forma presencial.

As entrevistas semiestruturadas foram gravadas em mídia digital e transcritas na íntegra em arquivo Word, para que posteriormente pudessem ser analisadas. O conteúdo armazenado digitalmente será mantido em computador pessoal e em pasta protegida, assim como os dados coletados junto aos equoterapeutas. Todo o material será apagado e/ou destruído após cinco anos de sua coleta, com exclusão completa dos arquivos de mídia digital e destruição das folhas de papel do questionário.

3.5 Procedimentos para análise de dados

Os dados obtidos por meio das entrevistas semiestruturadas foram analisados conforme o Método Fenomenológico de Giorgi. Desenvolvido por Amedeu Giorgi, professor da Duquesnes University – USA na década de 1960 e amplamente divulgado pelo *Journal of Phenomenological Psychology* durante a década de 1970, esse método tornou-se conhecido por sua base fenomenológica (RIBEIRO, 2019). Influenciado por

Edmund Husserl e Maurice Merleau-Ponty, Giorgi divide o procedimento de análise em quatro etapas que sistematizam os passos analíticos:

- 1 Estabelecer o Sentido Geral.
- 2 Determinação das Partes: Divisão das Unidades de Sentido.
- 3 Transformação das Unidades de Sentido em Expressões de Caráter Psicológico
- 4 Síntese das Unidades de Sentido: Declaração Consistente sobre o Fenômeno Investigado (GIORGI; SOUSA, 2010, p. 85)

Diretamente após a transcrição, o objetivo do primeiro passo é simplesmente aprender o sentido geral do texto. Dessa forma, o pesquisador deve ler todo o conteúdo da entrevista com calma e sem pré-julgamentos. Nesse momento, portanto, deve se utilizar-se da redução fenomenológica, que implica dois procedimentos metodológicos: suspensão momentânea da crença da atitude natural, dos pressupostos teóricos, culturais e sociais, e consideração de que todas as descrições feitas pelos entrevistados são entendidas como fenômenos intencionais. Noutras palavras, trata-se de como os fenômenos são experienciados pelos entrevistados, não significando que existam ou tenham acontecido da forma como foram descritos (GIORGI; SOUSA, 2010).

Nesta primeira fase da análise não há foco em partes fundamentais, tampouco são elaboradas hipóteses interpretativas. O objetivo é obter um sentido da experiência em sua globalidade. No decorrer das leituras e releituras começam a surgir inter-relações entre partes e o todo das entrevistas, e é justamente nesse ponto que se encerra a primeira fase do método.

A segunda etapa, Determinação das Partes, caracteriza-se por um retorno à leitura por parte do pesquisador. No entanto, diferentemente da etapa inicial, o objetivo agora é dividir o texto em pequenas partes, que são denominadas Unidades de Sentido. Nesse momento, como a pesquisa se propôs a investigar aspectos psicológicos, os critérios escolhidos são aqueles relevantes para uma perspectiva psicológica.

Para que seja possível vislumbrar no texto tais fragmentos, ao reler as entrevistas o pesquisador deve ir seccionando o texto a cada momento em que houver uma mudança de sentido nas descrições dos entrevistados. Ao final da fragmentação total do texto, a cada unidade deverá ser acrescentada uma nota de conteúdo descritivo, que irá enfatizar os significados importantes para o tema de estudo. Essas unidades de sentido devem

seguir uma perspectiva da disciplina de estudos do pesquisador, neste caso, a Equoterapia e outras abordagens de terapias com cavalos. Mais uma vez a redução fenomenológica se faz essencial como atitude do pesquisador. Tudo o que surge na descrição de um fenômeno é considerado válido pelo pesquisador. A redução fenomenológica corresponde à exigência do rigor científico, e procura evitar o enviesamento do senso comum de que as coisas são exatamente como são experienciadas pelos indivíduos (RIBEIRO, 2019).

Durante a Transformação das Unidades de Sentido em Expressões de Caráter Psicológico, parte número três, o investigador deve aprofundar-se nas descrições originais feitas pelos entrevistados. Nesta etapa acontece a transformação da linguagem cotidiana de atitude natural dos entrevistados em expressões que têm como intuito clarificar e descrever o sentido psicológico das entrevistas. O objetivo é fazer com que os participantes articulem o sentido psicológico vivido ao objeto de investigação, a Equoterapia. Repletas de senso comum, de idiossincrasias e ricas em pluralidades, as descrições devem ser também reveladoras. Os sentidos retirados das descrições pelo pesquisador devem ser psicologicamente explícitos e ter conexão com o tema de estudo, e não à existência do entrevistado.

Esta é a etapa crucial de todo o método, uma vez que o pesquisador irá descrever as intenções psicológicas contidas nas unidades de significado. É possível e provável que algumas unidades de sentido careçam de valor psicológico. Nesse caso, o pesquisador deverá mencionar tal fato. É precisamente nesse momento que o pesquisador deverá intuir e descrever os significados psicológicos das descrições feitas pelos entrevistados, contando sempre com a ajuda da redução fenomenológica. A Fenomenologia afirma haver espontaneidade na vivência quotidiana. Essa espontaneidade é o que a redução busca, e isso implica uma suspensão de juízos e entendimentos passados, para proporcionar uma visão aberta e novas perspectivas.

Giorgi (2010) afirma que o método é intrinsecamente descritivo. As particularidades pessoais servem somente para elucidar o contexto no qual o fenômeno se revela em si. Não se pretende, com esse método, alcançar explicações teóricas ao longo do processo. Também não se pretende rotular, reformular ou dizer por outras palavras o que foi dito pelo entrevistado. Transformar em expressões psicologicamente válidas a linguagem de senso comum é o objetivo desta etapa. Assim, busca-se trazer à luz significados psicológicos que estão implícitos nas palavras dos sujeitos entrevistados.

Síntese das Unidades de Sentido é a quarta e última etapa do método desenvolvido por Amedeo Giorgi. Consiste em transformar as unidades de sentido em uma estrutura descritiva geral. Cada passo do método é um refinamento do passo anterior. Esse derradeiro momento, assim como seus predecessores, é de articulações psicológicas. Todos os dados devem ser considerados, ainda que o valor das unidades, de acordo com o fenômeno estudado, seja diferente. O importante é que nesta etapa a estrutura resultante represente a relação essencial entre as partes, para que dessa forma o significado psicológico total possa sobressair.

O pesquisador deve cuidar para não forçar os dados numa inclusão única final. Poderá terminar com duas estruturas finais e, não somente com uma, caso não exista a possibilidade de uma articulação maior entre ambas ou caso as unidades que compõem uma das articulações finais não possam ser inseridas na outra síntese ou simplesmente descartadas devido a sua relevância (GIORGI; SOUSA, 2010).

4 RESULTADOS e DISCUSSÃO

Nesta pesquisa, coletaram-se dados junto a praticantes de Equoterapia. Foram entrevistados no total 3 praticantes. Dados simples, mas relevantes para se conhecer quem são os praticantes de Equoterapia e também para diferenciá-los, como nome, idade, sexo, estado civil, ocupação e queixa que os levaram até a Equoterapia, foram as variáveis demográficas coletadas.

4.1 Caracterização dos Entrevistados

O praticante R., primeiro a ser entrevistado, tem 28 anos, é do sexo masculino, solteiro, não trabalha e foi diagnosticado, ao nascer, com Paralisia Cerebral (PC), condição que o levou até a Equoterapia. É imprescindível o adendo com relação às capacidades físicas de R. que, em função da PC, tem dificuldade para deambular e, quando monta, pode ir mais rápido, mais longe e com mais facilidade. Diferencia-se dos demais praticantes por ser o único que não adquiriu o quadro clínico que o levou até a Equoterapia ao longo da vida, pois já nasceu com a condição que o trouxe até sua terapia com cavalos.

Em conversa com o praticante após o encerramento da entrevista, R. contou que possui seu próprio cavalo e que monta desde criança. O entrevistado fez questão de dizer também que hoje suas principais atividades são a prática do esportivo para-equestre, competindo na prova de três tambores e natação.

R. é apaixonado por cavalos e a todo momento diz como a equoterapia foi importante na sua vida - atividade que já pratica há mais de 10 anos em um centro de equoterapia referência nacional localizado na cidade de Bragança Paulista. Salienta que sua relação com os cavalos foi transformada após seu início nessa atividade.

A conversa aconteceu dentro do picadeiro coberto da hípica na qual R. faz sua atividade equoterápica, O gestor do centro e treinador de cavalos treinava um cavalo a poucos metros diante do local onde a entrevista foi realizada. Ao final, esse homem, que também é psicólogo e que foi do pesquisador nos cursos básico e avançado de Equoterapia da ANDE-Brasil, juntou-se à conversa informal para dizer sobre as qualidades de R. como *horseman*.

O praticante S., de 64 anos, também do sexo masculino, é casado e professor doutor do INPE. S. Apresenta dificuldade de marcha em função de um acidente de carro sofrido na década de 1970. Este praticante foi o único entrevistado que não se encontrava em atividade equoterápica durante o atendimento. S. interrompera, temporariamente, sua equoterapia havia cerca de quatro meses.

O encontro com o praticante S. aconteceu no seu local de trabalho, dentro do Instituto Nacional de Pesquisa Espaciais. Pesquisador e entrevistado permaneceram juntos por cerca de uma hora e meia antes da entrevista semiestruturada e puderam conversar sobre diversos assuntos. O professor doutor contou um pouco sobre como sofreu o acidente de carro que o deixou com sequelas motoras e como é apaixonado por aviação e motociclismo. Ao final da entrevista semiestruturada enviou para o pesquisador, via e-mail, uma série de fotos de seu último voo, no qual fez belos registros da cidade de São José dos Campos.

S. praticou equoterapia por cerca de quatro anos antes de interromper as atividades em função da mudança do local de atendimento. À época da entrevista, S. havia parado fazia quatro meses, e comentou que estava se organizando para voltar às atividades equoterápicas. S. comentou que o que mais o fez se aproximar e se interessar pelo cavalo foram suas similaridades com a moto. No cavalo ele sente algo parecido com o que sentia quando andava de moto.

A praticante C., a última a ser entrevistada, tem 72 anos, é do sexo feminino, casada e aposentada. C. também apresenta dificuldade de marcha. Sofreu um acidente quando jovem e teve uma das pernas amputadas. Sua idade já destaca uma característica particular em relação aos outros: não é comum na equoterapia, o atendimento de pessoas com mais de 64 anos de idade

Durante uma conversa no café da manhã organizado e disponibilizado pelos próprios praticantes do centro de Equoterapia, em Caçapava, no qual C. faz sua atividade, pesquisador e entrevistada conversaram sobre cultura e arte. Durante toda sua vida, antes e depois do acidente de ônibus que a levou à amputação de sua perna, a educadora sempre gostou de leitura e escrita, tendo inclusive livros de literatura infanto-juvenil publicados pela USP.

C. comentou também sobre sua origem humilde e sua fascinação infantil pelos cavalos, que não pôde ser desenvolvida durante sua infância e juventude, primeiro por proibição de seus pais, e depois pela proibição de seu marido. Ainda assim, C. fez descrições detalhadas de como o relacionamento com os cavalos antigamente era baseado na submissão e na violência. Ela trouxe o quanto foi significativa a transformação da percepção de como o cavalo é na verdade um animal sensível e carinhoso.

A praticante C. foi entrevistada no campo repleto de árvores frondosas onde os cavalos do centro de Equoterapia ficam soltos ao mesmo tempo em que os praticantes são atendidos. Ela contou como antes se sentia amedrontada em estar perto dos cavalos e como hoje se sente à vontade. Por duas vezes durante a entrevista os cavalos se aproximaram espontaneamente, com curiosidade. Em uma das vezes ela os acariciou no chanfro e noutra emitiu o som de clique, para que se afastassem.

4.2 Resultados das Entrevistas

Após a aplicação do Método Fenomenológico de Giorgi, as Unidades de Sentido que emergiram do material foram identificadas da seguinte maneira:

1. Queixa inicial do praticante de Equoterapia
2. Aspectos psicológicos subjacentes à queixa
 - 2.1 Aspectos Cognitivos subjacentes à queixa
 - 2.2 Aspectos Emocionais subjacentes à queixa
3. Aspectos psicológicos secundários à queixa
 - 3.1 Aspectos Cognitivos secundários
 - 3.2 Aspectos Emocionais secundários
4. Impacto da Equoterapia sobre a queixa inicial
5. Impacto da Equoterapia sobre os aspectos Psicológicos

Quadro 1 – Unidades de Sentido de acordo com a incidência nas entrevistas

UNIDADE DE SENTIDO	INCIDÊNCIA NAS ENTREVISTAS
Queixa inicial do praticante de Equoterapia	7
Aspectos cognitivos subjacentes à queixa	4
Aspectos emocionais subjacentes à queixa	12
Aspectos cognitivos secundários	9
Aspectos emocionais secundários	15
Impacto da Equoterapia sobre a queixa inicial	9
Impacto da Equoterapia sobre aspectos psicológicos	6

Fonte: Elaborado pelo autor.

As Unidades de Sentido foram apresentadas nessa ordem a fim de corresponder à ordem na qual foram expostos, no item 1.2, os objetivos desta pesquisa. Apenas uma Unidade de Sentido foi mencionada por somente um praticante de equoterapia – *Impacto da equoterapia sobre aspectos psicológicos* –, que foi mencionado somente por R. *Aspectos cognitivos subjacentes à queixa* foi uma US mencionada por dois praticantes de equoterapia, R. e C. Todas as outras US foram mencionadas por todos os praticantes entrevistados.

4.3 Discussão: Onde se chega a cavalo

4.3.1 Queixa inicial do praticante de equoterapia: O que o trouxe à equoterapia?

Nesta Unidade de Sentido foram agrupados todos os momentos de discurso dos praticantes entrevistados que se referem à procura e à chegada até a atividade equoterápica. De acordo com Motti (2007) e Bastos e Gomid (1989), a inserção da psicologia no cenário das terapias com cavalos se deu de forma tardia, quando comparada com a das terapias do corpo. Esse contexto histórico certamente segue influenciando os profissionais da saúde, especialmente os médicos, grandes responsáveis pela indicação

da equoterapia no Brasil. Recomendam essa prática quando há uma queixa de caráter físico com mais frequência em comparação com as recomendações de quando há queixas psicológicas. Outro aspecto relevante para que esse cenário perpetue no Brasil é que, apesar de os conselhos federais de medicina e fisioterapia e terapia ocupacional reconhecerem e postularem recomendações e fiscalizações para a prática da equoterapia (ANDE-Brasil, 2016), o Conselho Federal de Psicologia (CFP), ainda que reconheça a prática como validada, não fiscaliza e nem normatiza a atuação do psicólogo equoterapeuta. Não oferece, portanto, suporte algum aos profissionais interessados nesta área.

Juliana Ferrari (2003) conclui, em seu trabalho sobre a prática do psicólogo na Equoterapia, que a falta de padronização da atuação do psicólogo, tanto em relação aos atendimentos, quanto em relação à avaliação do praticante, dificulta a validação da prática e impede um exercício da profissão mais seguro e eficaz.

É nesse cenário que a busca pela equoterapia se dá e, não surpreendentemente, a procura pela atividade acontece especialmente por uma recomendação médica, para que o paciente com problemas físicos receba os benefícios do tratamento equoterápico. Curiosamente, ainda que hoje o diagnóstico mais presente no contexto equestre seja o de TEA, em boa parte dos casos a procura pela atividade se dá em função de uma queixa de caráter físico, como dificuldade na marcha ou hipotonia muscular. Seguindo do TEA, os praticantes PC também são levados à atividade, na maioria das vezes, a fim de aprimorar capacidades e habilidades relacionadas a movimentação, coordenação motora e equilíbrio, como é o caso do praticante entrevistado R.:

R: Então, quando eu vim pra cá, eu era bem travado, né. Não tinha soltura... do quadril, do corpo. Eu era bem duro, tendeu?
Então eu era bem duro, sabe? Bem travado mesmo.

Da mesma forma que R., os praticantes S. e C. também procuraram pela atividade em função de uma queixa física, porém ambos em função de um trauma sofrido em acidentes com automóvel. Seguem as US que emergiram especialmente em função da primeira pergunta da entrevista semiestruturada: “O que te trouxe à equoterapia?” (APENDICE V):

S: Na verdade eu tive um acidente, né, em janeiro de 1977, fiquei paraplégico.
O corpo sempre se adapta ao que é mais fácil, à postura mais fácil, e a postura mais fácil geralmente é a postura incorreta e isso começou a me causar problemas.

C: Eu fiquei deficiente em 82, né...
Aí aconteceu o acidente, aí eu comecei a pensar na equoterapia.
Aí eu volto 'pum' quebro a per... é (risos). O ônibus bate e eu perco a perna...

Como foi possível verificar nas entrevistas, a procura pela atividade se deu especialmente em função de uma queixa física, dado este que corrobora pesquisas que afirmam que a equoterapia segue sendo majoritariamente uma terapia para o tratamento de aspectos fisioterápicos, pelo menos no que diz respeito à procura por esta.

Todos os excertos supracitados trazem a concepção de movimento, direta ou indiretamente. No caso do praticante R., esse aspecto é bem mais nítido.

Cavalos desde a antiguidade são associados à movimentação. Por razões óbvias que se fazem presentes aos olhos de quem vê cavalos pela primeira vez ou diariamente, o movimento forte, veloz e gracioso esteve sempre associado à imagem desse animal. O arquétipo do cavalo confunde-se com força, velocidade e beleza. Com exceção de *Guernica*, mural do grande pintor cubista Pablo Picasso, de 1937, no qual o cavalo está no centro da obra, simbolizando o sofrimento do povo espanhol durante os bombardeios sofridos na primeira guerra mundial, com expressão de medo e dor, todas as grandes obras de arte que trazem um equino como personagem geralmente os representam de forma grandiosa, vivaz, em destaque no centro da tela, tamanha é capacidade de encantamento que apresenta aos olhos humanos. Obras como *Independência ou Morte* (O Grito do Ipiranga) de Pedro Américo (1888) e *Cavaleiro, Morte e o Diabo*, de Albrecht Durer (1513) trazem ao imaginário humano a ideia de poder e conquista (BRENNAN, 2014) (KEEGAN, 2003) (ANDE-Brasil, 2016) (RINK, 2005).

É importante destacar que, em função da particularidade desta pesquisa, em que se optou por entrevistar praticantes que podem narrar sua própria história de vida e sua história da relação com o cavalo e com as atividades equoterápicas, foram selecionados praticantes que correspondem justamente a este quesito. Ou seja, além de plenas condições neurológicas e mentais de elaborar e produzir fala, buscaram-se praticantes que apresentassem condições de elaborar uma narrativa coesa e contextualizada com o tema pesquisado. É fundamental o esclarecimento dessa característica do estudo, uma vez que esse perfil de praticante rarissimamente é encontrado na equoterapia. Como visto anteriormente, grande parte dos praticantes são diagnosticados com TEA e não poderiam narrar sua própria história de forma coesa, ainda que se manifestassem sem componentes estereotipados da fala, como as tão comumente verificadas ecolalias. O mesmo vale para

praticantes com Síndrome de Down e para a maioria dos praticantes PCs. Talvez por isso as pesquisas idiográficas ainda não apareçam com grande volume, quando são combinadas psicologia e equoterapia.

Pesquisas de mapeamento do perfil de praticantes dos centros equestres e pesquisas que busquem encontrar praticantes com os aspectos cognitivos essenciais para produzir fala e narrativa coesas preservados são fundamentais para melhor aproveitamento de trabalhos como este, de caráter idiográfico.

Assim, é possível afirmar que, servindo como instrumento de mediação simbólica entre o que é vivido fisicamente com o corpo e o que é vivido internamente na psique humana, movimentar-se, no caso da equoterapia, com a ajuda do outro, o cavalo, significa também envaidecer-se, empoderar-se. Significa perceber-se como capaz e importante. Movendo-se a cavalo, o praticante com dificuldade de marcha pode ir mais rápido, mais longe e mais vívido (ALVES, 2015). Sobre esse aspecto, portanto, da busca pela atividade a fim de desenvolver uma habilidade física, pode-se intuir que há, subjacente à queixa, necessidade de sentir-se melhor no nível psicológico.

4.3.2 Aspectos psicológicos subjacentes à queixa: emocionais e cognitivos

Se, segundo uma concepção filosófica aristotélica, corpo e mente são indissociáveis, e como a equoterapia é uma atividade com impacto biopsicossocial inevitável, é possível afirmar que qualquer queixa de caráter fisiológico que leva o praticante até a atividade vem acompanhada de componentes psicológicos que correspondem ao estado físico de maneira simbólica. É possível afirmar, também, que os aspectos psicológicos do praticante serão inevitavelmente transformados (HOTHERSALL, 2019) (MOTTI, 2007) (ALVES, 2015) (GUBRITS, 1999) (RUBIM, 2012).

Nesta pesquisa, concorda-se com o parágrafo anterior, ao se verificar o volume de US, tanto sobre os aspectos emocionais, quanto sobre os aspectos cognitivos coletados nas três entrevistas. No total, são 16 excertos que se relacionam ao tema e que validam a ideia de que, assim como o sofrimento psicológico se manifesta no corpo do indivíduo, seja pela forma como este se comporta no mundo, seja em decorrência de adoecimento psicossomático, o contrário também é verdadeiro. Ao sofrer por algo de origem fisiológica o psiquismo do indivíduo também é inundado por pensamentos e emoções

negativas que, quando em estado crônico, podem levar ao adoecimento psicológico. Não coincidentemente, dentre as 16 US coletadas neste tema, 12 referem-se aos aspectos emocionais diretamente relacionados à queixa inicial.

Seguem alguns excertos acerca dos aspectos emocionais subjacentes à queixa:

R: Como uma liberdade...

... [suspiro] eu gosto muito, sabe? Eu gosto muito de cavalo, eu gosto, sabe?

Eu gosto mesmo do cavalo... gosto mesmo [risos].

S: [...] o contato com o cavalo, com as equoterapeutas sempre foi... tudo era bem harmonioso, bem agradável...

Pra essas crianças deve ser uma sensação de conquista muito grande, pra mim também [suspiro]

De conquista, de melhoria da autoestima, da autoconfiança, né?

[...] é uma atividade muito agradável, gratificante, né?

C: Eu sempre queria, mas nunca conseguia porque os cavalos eram muito bravos, entendeu?

[...] e aí eu falei, 'puxa' agora eu posso me aproximar do cavalo, entendeu?

Então de repente ali... de repente ali... aqui... esteja trabalhando alguma... ou das várias dos meus medos, num sei o que, que eu estou perto do cavalo, né?

Quando eu perdia a perna eu queria mais era morrer, porque eu trabalhava com as perna.

[...] dali eu tive que ficar anos sem fazer o que eu gostava.

Então é aí que eu vejo a importância da equo. Ela vai como que suprir, assim, as minhas expectativas, não de tudo aquilo que sentia, mas a minha expectativa era estar no meio bom, o cavalo... o meio do cavalo é legal.

Mais uma vez o aspecto essencial da busca pela atividade manifesta-se no nível psicológico. Aquilo que o cavalo apresenta de mais característico, sua mobilidade, é também aquilo de que esses praticantes de equoterapia mais sentem necessidade (RUBIM, 2012) (ANDE-Brasil, 2016). Além disso, nota-se também o aspecto do prazer e acolhimento que o cavalo parece oferecer ao praticante de equoterapia. R. e S. são claros ao destacar o prazer que sentem em relacionar-se com os cavalos. C., por outro lado, descreve claramente como o cavalo supre suas necessidades durante os atendimentos de equoterapia, além de, assim como S., destacar o papel de melhora de autoestima e superação dos desafios (MOTTI, 2007) (MALTA, 2003). R. ainda traz o conceito de liberdade e descreve a sensação de estar liberto de algo que antes impossibilitava sua plena ação. Ele não se refere diretamente à dificuldade de movimentar-se fisicamente pelo espaço, mas sobre manifestar-se e comunicar-se com o mundo de forma clara e segura.

As quatro Unidades de Sentido sobre os aspectos cognitivos que apareceram como consequência da queixa estão ligados especialmente às oportunidades de aprendizado e às transformações sobre crenças anteriores à prática da equoterapia. O praticante S. foi o único que não contribuiu com nenhum excerto sobre este tema:

R: ...sempre que eu vou lá eu pego livros, vou lá, começo a ver, tendeu?

C: Mas o que eu acho legal hoje é aquilo que eu criticava, que era três, quatro pessoas te acompanhando, entendeu? Quando através desses trabalhos, você muda uma pessoa, entendeu? Eu num sei pra onde, mas você muda, né. Eu vejo... a gente vê os meninos aqui.

O enriquecimento ambiental do espaço equestre é um dos detalhes que pode contribuir de forma significativa para o desenvolvimento biopsicossocial que, como afirmam a ANDE-Brasil (2016) e Rubim (2012), é o grande diferencial dessa terapia alternativa. O cavalo atua sobre os aspectos físicos, psicológicos e sociais de forma inevitável e simultânea. Quando R. diz que pode aprender mais sobre cavalos, mesmo que não esteja diretamente em contato com o animal, isso se deve especialmente ao fato de ele gostar muito desse mamífero e também por ter acesso a materiais de estudo disponibilizados pela própria hípica que frequenta. As capacidades intelectuais e cognitivas são ainda mais estimuladas e desenvolvidas quando combinadas com a oportunidade de aprender teoricamente sobre algo de que se gosta e que se pratica.

Ainda que os detalhes que circundam a atividade equoterápica contribuam para o desenvolvimento de aspectos cognitivos, obviamente aquilo que é essencial para que a equoterapia exista é tanto quanto, se não mais, relevante do que os detalhes, a equipe multidisciplinar. Os profissionais, especialmente os da saúde, desempenham um papel fundamental na Equoterapia. O método equoterápico, como preconiza a Associação Nacional de Equoterapia, é o único validado cientificamente e aceito pelos conselhos de classe no país (ANDE-Brasil, 2016) (GUBRITS, 1999). É necessário enfatizar o papel desses profissionais dos que atuam como equoterapeutas, que devem ser todos graduados na área da saúde ou educação e cursar o módulo básico da ANDE-Brasil. Terapia e aquilo que é terapêutico não são sinônimos, portanto as práticas que recebem o adjetivo que as qualifica como terapêuticas não necessariamente podem ser validadas como um método de tratamento de pessoas enfermas ou portadoras de necessidades especiais e/ou deficiência, físicas ou psicológicas. Terapia é tratamento, é cuidar de um sintoma ou

diagnóstico, e os profissionais graduados na área da saúde são os verdadeiramente competentes para isso.

Se, por um lado, montar a cavalo, assim como tocar um instrumento musical ou caminhar no parque pode ser terapêutico, Equoterapia eleva essa prática ao nível de tratamento fisioterápico e psicoterápico justamente por inserir nesse contexto a expertise dos profissionais dessas áreas. Daí possivelmente a transformação, na percepção de C., ao reelaborar o significado do papel dos mediadores/terapeutas na sua prática com o cavalo. Eles são, não coadjuvantes, mas protagonistas junto ao cavalo e ao próprio praticante, na condução da melhora do quadro clínico ao máximo que a atividade pode oferecer. A conclusão de C., de que a equoterapia muda uma pessoa, não poderia ser, por mais romântico que pareça, creditada somente ao cavalo.

4.3.3 Aspectos psicológicos secundários à queixa: emocionais e cognitivos

Os espaços equestres, que são favoráveis, em sua maioria, ao contato com a natureza, possibilitam ao praticante de equoterapia experimentar sensações que dificilmente podem ocorrer em outros ambientes (ALVES, 2015) (SILVA, 2003). A manifestação de sentimentos como alegria e surpresa na equoterapia não são raridade. Isto se deve muito, mas não somente, ao aspecto lúdico e prático em que a terapia acontece (MOTTI, 2007) (ANDE-Brasil, 2016). A melhora da autoestima é possivelmente o aspecto de maior destaque na literatura sobre equoterapia. Uma vez que os desafios do tratamento são superados, os vínculos praticante/cavalo e prática/terapeutas aumentam, e as sensações de bem-estar e de aceitação também aumentam. O desenvolvimento e o aprimoramento de capacidades cognitivas também são citados com frequência pela literatura, tanto em português como em outros idiomas. Silva (2003), Letini & Knox (2009), Figueiredo (2014) e, especialmente, Malta (2003) são alguns dos autores citados na revisão de literatura deste trabalho que consideram e destacam esse impacto.

O aspecto multidisciplinar e os diversos tipos de estímulo oferecidos pela atividade que se buscou investigar propiciam o surgimento de elementos complexos e diversos. Seria muita ingenuidade acreditar que a vida de um único estudioso da equoterapia seja suficiente para descrever e relacionar todos os elementos que compõem essa atividade, o que dirá então uma única pesquisa. Somente sobre aspectos físicos, em se tratando do movimento tridimensional oferecido pelo cavalo via movimentos da

espinha dorsal, o praticante recebe em média, por sessão, 1440 repetições. O corpo do praticante está em constante e complexa movimentação. Simultaneamente, ele pode interagir verbalmente com o cavalo ou com os mediadores, enquanto olha para um objeto, animal ou outro estímulo visual particular ao ambiente de equoterapia, sente o cheiro do cavalo, do picadeiro ou da natureza e, ao final da sessão, pode ainda dividir a cenoura ou a maçã com o cavalo. Neste sentido, Pierobon & Galetti (2008) concordam com Grubits (1999) e Lentini & Knox (2009), pois afirmam que o cérebro permanece altamente excitado e inundado por estímulos durante o atendimento com o cavalo.

Algumas Unidades de sentido que foram classificadas como aspectos emocionais secundário à queixa são:

R: Mudou bastante coisa, porque eu era bem envergonhado, sabe? Era bem... bem envergonhado, tinha vergonha dos outros sabe?
 Se você for ruim, é a mesma coisa que você pegar um cavalo ruim, né? Se o cavalo for ruim, você num vai montar nele, tendeu? É a mesma coisa das pessoas...
 Se a pessoa for ruim você num vai estar perto da pessoa ruim, né?
 Cavalo é tudo porque (suspiro)... é um bicho que se você der amor pra ele, ele entende o amor, assim, das pessoas.
 Cavalo é bom demais!
S: Então eu tinha ouvido falar da equoterapia, né, e falei, bom, pensei... né... já que eu não vou voltar a andar de moto, por que não de cavalo, né?
 Pra mim foi sempre muito agradável...
 Dar cenoura pro cavalo (risos)...
 Nunca tive medo de cavalo, sempre achei divertido.

C: Eu tive um filho que teve problema, depois ele morreu afogado, mas ele teve problema com droga, ele ganhou curso de negócio de desenho, de arte, sabe? Ganhou lá do [inaudível], ganhou num sei o que [som de clique emitido pela voz para chamar o cavalo]. Foi uma morte horrível assim, ele deitou na linha do trem, não morreu, que ele não queria viver, era o diálogo dele... aí eu tinha passado por tudo isso, certo? Eu vim correndo atrás do cavalo. Eu corri porque eu queria meu filho no cavalo. Aí nesse tempo ele morreu.
 Os piores dias que eu tive, eu sentei assim, o cavalo veio e ficou com a cabeça aqui, sabe? E aí eu fui e falei “professor, esse cavalo é igual... ele tá chorando, ele tá virando uma...” como se ele soubesse, sabe?
 Eu morria de medo, daí esse medo começou a ficar mais tranquilo...
 ...mas que ele ajuda a gente quando você precisa, eu acho que ele... tem uma troca de energia aí, eu num sei como. E o cavalo te ampara...
 Primeiro a liberdade, né, sabe? Num sei porque, mas é... eu me sinto livre
 Depois é o prazer que ele dá, entendeu? Ele te dá assim [risos]... é engraçado isso, né: você tem medo, aí depois... eu num tinha pensado... mas ele dá.. ele é demais, sabe?
 Eu gostava de ver na expressão das pessoas, a... sabe? A alegria.
 É eu me sinto mais dona de mim.

A possibilidade de manifestar as emoções e sentimentos em um contexto seguro e para um ser vivo que possivelmente irá acolher tais manifestações de uma forma

particular e acolhedora amplia as possibilidades de desenvolvimento de habilidades consideradas importantes para a preservação de uma boa qualidade de vida e para a sensação de bem-estar. Vale destacar, como afirma Figueiredo (2014), dentre muitas coisas, que o cavalo possibilita o aprendizado de uma forma de comunicação mais coerente e segura, como observado no discurso de R., sobre como o cavalo contribuiu para que se sentisse menos tímido ao conversar com outras pessoas. Pierobon e Galetti (2008) destacam o papel da plasticidade do sistema nervoso central e contribuem para o entendimento de que a movimentação do corpo e seu deslocamento no espaço combinados com outros estímulos da atividade equoterápica excitam o cérebro especialmente sobre aspectos psicomotores. A produção da fala e a capacidade de se comunicar por meio do corpo são trabalhadas (de acordo com essa leitura fisiológica, estrutural e funcional de aspectos psicológicos) indiretamente, porém intensamente, o que favorece o desenvolvimento de aspectos emocionais, como a autoestima e a segurança social, bem como dos aspectos cognitivos, como a produção da fala e a comunicação coerente.

Comunicar evoca a ideia de diálogo, portanto há uma via de dupla mão, pois o papel de ouvinte e o do comunicador alternam-se constantemente. Se, por um lado, o praticante R. faz questão de enfatizar a importância que o cavalo teve, ao contribuir para que ele aprendesse a se comunicar melhor, C., ao narrar a triste história da perda de seu filho, enaltece os aspectos de acolhimento e expressão vindas do animal na relação com ela. O cavalo, por vezes, atua como ego auxiliador, na medida em que se comporta na relação com humanos de forma clara, objetiva e verdadeira, ainda que à sua maneira particular. Cavalos são animais rústicos, como a própria praticante faz questão de lembrar em seu discurso, mas ao mesmo tempo manifestam carinho e empatia pelas pessoas, especialmente por aquelas que manifestam suas emoções de forma legítima e espontânea (ALVES, 2015) (VIDRINI; OWEN-SMITH; FAULKNER 2002).

Outro aspecto presente no discurso de S. e C. que coincidem com o material publicado por diversos autores que servem como base referencial deste trabalho é o impacto inicial gerado pelo cavalo, relacionado à transformação das crenças com relação a esse animal, após as sessões de Equoterapia. No primeiro momento, o cavalo, por ser um animal de grande porte, forte e vigoroso, amedronta aqueles que não conhecem suas características comportamentais ou que não tiveram contato suficiente para representá-lo de forma mais condizente. Figueiredo (2014) aponta a presença do temor dos pais em

relação à prática equoterápica, nas entrevistas coletadas em sua pesquisa, e conclui que o processo de dessensibilização do praticante com o animal deve ser um dos cuidados primordiais dos equoterapeutas.

Motti (2007) analisa profundamente a relação do medo com a sobrevivência e destaca que o papel central dessa emoção é justamente preservar a vida do indivíduo e evitar que ele se exponha a situações de risco ou entre em confronto com algo ameaçador, para se defender. É prudente ter medo de um animal extremamente musculoso, que pode pesar facilmente mais de 500kg e correr a até 70km/h. Se, por um lado, toda a constituição física dos cavalos desperta espanto e medo nos indivíduos, seu mecanismo de sobrevivência e os padrões comportamentais da espécie os transformam em animais que por vezes podem ser preguiçosos, gentis, curiosos e afetuosos (WILLEKES, 2013).

O crescimento e o desenvolvimento humano requerem o enfrentamento diário da ansiedade, que, segundo Motti (2007), está diretamente relacionado à tensão, nervosismo, medo e preocupações. A autora considera que a cura do século XXI está nas terapias com animais. Em suma, os animais, dentre os quais o cavalo é destaque, oferece uma qualidade de tratamento sobre queixas psicológicas altamente eficaz. Malta (2003) destaca que o estado emocional dos cuidadores e praticantes de equoterapia podem ser transformados positivamente graças aos atendimentos e cuidados multidisciplinares. Essa melhora sobre aspectos emocionais abre um canal seguro de aprendizado, e a autora destaca o benefício sobre as habilidades linguísticas. A melhora de qualidade de vida também pode ser associada à melhora dos aspectos cognitivos do desenvolvimento humano.

Alguns dos aspectos cognitivos secundários à queixa que emergiram da análise dos dados são:

R: Eu não sabia muito bem, assim, sabia do meu jeito, né? Do jeito moderno, sabe? De bater no cavalo... é a manha, tendeu? É o jeito de pegar a rédea, é jeito que de você tocar, tendeu? Você não precisa esporear muito pro cavalo sair, tendeu? É bastante manhá...
Porque eu posso aprender aqui e eu tento fazer lá, tendeu?
Eu aprendi tudo aquilo que a turma fazia antigamente, né? De bater, puxar, tendeu?

S: Eu acho que foi mais o conhecimento do cavalo em si, né? Um animal grande, mas muito sensível, né?
Esse conhecimento do cavalo, foi bem interessante, passei a enxergar o cavalo totalmente diferente.
Eu enxergava o cavalo como um bicho bruto, insensível, né?
E hoje eu vejo o contrário, né?

Pra saber cavalgar, digamos assim, se exige longos anos, digamos, uma pessoa, pra poder montar um cavalo direito... não é uma coisa que se aprende da noite pro dia, sei lá, assim... dez, vinte anos talvez mais, né?

Não é trivial andar a cavalo, não é trivial assimilar, digamos, os movimentos que você tem que fazer e como você, digamos, acaba, através desses movimentos, transmitindo ao cavalo a intenção do que você quer fazer em cima do cavalo, né? Então isso não é nada trivial.

C: Você começa a se conhecer, eu acho. Porque o cavalo, mesmo não estando muito tempo, ele começa a conhecer você, entendeu? Então lá eu vivi cada coisa tão linda, assim.

Primeiro é divulgar sobre o cavalo, entendeu?

Ele é um esporte, é maravilhoso, aliás, é um esporte pra rico, é um esporte pra pobre.

Os excertos de R. e S. compartilham um aspecto em comum que também foram destacados pelos pesquisadores que trabalharam relacionando os temas psicologia e equoterapia: Alves (2015), Malta (2003) e Figueiredo (2014). Esses autores afirmam que há, ao longo das sessões de equoterapia, a transformação da representação do cavalo para os praticantes. Além do destaque no discurso dos dois entrevistados, de que o cavalo é agente educador, na medida em que funciona como uma ferramenta para a aprendizagem, ele também ocupa o papel de objeto de estudos, e o praticante aprende sobre ele e passa a conhecê-lo melhor.

Diferentemente da ideia de brutalidade e agressividade inicial que os praticantes tinham sobre cavalos, inclusive o praticante R., que já tinha contato frequente com esses animais anteriormente à equoterapia, em seu sítio, eles apresentam características comportamentais primárias que se opõem a esses pré-conceitos. Como se observou, acerca da transformação de sua representação para os entrevistados, o cavalo proporcionou aos praticantes uma ressignificação sobre como podem ser complexos, subjetivos, inteligentes, carinhosos, dóceis e companheiros. Cavalos são animais profundamente sensíveis ao ambiente, principalmente ao que acontece no espaço próximo. São grandes, fortes e vigorosos, e especialmente atentos e solícitos aos estímulos que provêm dos seres humanos. Quando treinados corretamente, podem ser verdadeiros gigantes gentis (FRASER, 1992) (MCLEAN; CHRISTENSEN, 2017).

É fundamental e interessante verificar detalhes nas descrições feitas pelos entrevistados como sua percepção dos cavalos foi profundamente transformada. No caso de R., a transformação aconteceu justamente em relação àquilo que McLean & Christensen (2017) afirmam ser práticas comuns no ambiente equestre. R. descreve o

impacto em sua vida pessoal e em sua vida relacional com cavalos e pessoas a partir do momento em que entendeu e aprendeu uma forma mais sutil, sincera e não violenta de se comunicar com eles. De forma bastante similar, S. descreve que uma das grandes lições dos momentos com cavalo foi a de que eles são animais espertos e atentos, além de, segundo o praticante R. e os pesquisadores Goodwin (2007) e Mills & McDonnell (2005), muito sensíveis.

S. destaca ainda um aspecto interessante que demonstra a profundidade do conhecimento técnico e teórico que adquiriu ao longo de suas sessões de equoterapia. Não é fácil, ou “trivial”, nas palavras do próprio praticante, montar a cavalo. Assim como apresentado no subitem 2.1 deste trabalho, a história humana tem uma enorme dívida em relação aos cavalos, no sentido de que muito contribuíram para o desenvolvimento das civilizações, ao longo dos últimos cinco milênios (MCSHANE; TARR, 2007) (BRENNAN, 2014). Especialmente durante os séculos XVII, XVIII, XIX, XX e XXI, a equitação vem sendo estudada e praticada por diferentes escolas de equitação, e nas últimas décadas, pela comunidade científica. A complexidade do tema confirma aquilo que S. diz: levam-se anos para formar um bom cavaleiro (BRENNAN, 2014) (WILLEKES, 2013).

4.3.4 Impactos da Equoterapia sobre a queixa inicial: a eficácia do tratamento

Como visto na primeira Unidade de Sentido discutida neste trabalho, todos os praticantes entrevistados procuraram pela equoterapia a partir da necessidade do tratamento de uma queixa física. R., S. e C. queixavam-se, em síntese, da dificuldade com a mobilidade. Curiosamente, todos os praticantes, mais diretamente R. e C., tinham interesse maior nos equinos mesmo antes de iniciarem seus tratamentos. R. com o sítio e C. com seu tio, que treinava cavalos. S., de forma mais simbólica chega até a equoterapia, ainda que tivesse experimentado pouco contato com o animal, a partir das similaridades, segundo ele, entre o cavalo e uma de suas paixões, o motociclismo.

Na pesquisa aqui relatada, não houve a intenção de propor que se conheçam de forma aprofundada os aspectos fisioterápicos das práticas de terapia com cavalos, tampouco discutir a eficácia do tratamento para a fisioterapia. No entanto, seria negligente não destacar as falas recorrentes nos discursos dos entrevistados acerca do impacto do

cavalo sobre seus corpos e suas queixas. Outro ponto que contribui para que uma discussão sobre aspectos físicos seja considerada, mesmo em um trabalho sob uma leitura psicológica da equoterapia, é justamente o da concepção sistêmica de que corpo e mente são indissociáveis, como discutido nos subitens 4.2.2 e 4.2.3, com base em Hothersall (2019), Alves (2015) e Rubim (2012).

Seguem os trechos referentes ao impacto da equoterapia sobre a queixa inicial considerados mais relevantes pelo autor:

R: ...a abertura que o cavalo tem na sela, você vai abrindo a perna, o toque, vai sentado, tendeu? Vai abrindo, e pra mim isso foi bom, tendeu? Foi bom

S: ...mas eu tinha essa intenção de fazer a equoterapia, porque a própria postura, né, alonga, e o cavalo, claro, mais do que na moto, e no cavalo é melhor do que na moto, né.

(Suspiro) o objetivo era eu melhorar minha mobilidade, voltar a ter uma postura ereta, né, alinhada...

E claro, né eu estava melhorando

...após a sessão, eu fico com o joelho esquerdo naturalmente alongado, né, digamos com a postura correta.

Em termos fisioterápicos eu acho que ela tem um resultado muito bom, né? Trabalha a postura, trabalho os músculos, trabalha o alongamento, então tudo isso ao mesmo tempo, né?

C: auxiliando nessa... nesse problema que eu tenho da perna, entendeu?

Esta US, ainda que não seja a encontrada com maior frequência, apresenta uma riqueza fundamental sob uma ótica idiográfica. Ao conhecer a eficácia da terapia por meio das palavras das próprias pessoas que passam pelo tratamento, acredita-se que a atividade em questão é positivamente impactante (GUERRA, 2016). Todos os praticantes de equoterapia confirmaram que a equoterapia agiu positivamente sobre suas queixas. R. e S. são mais enfáticos, ao descreverem como a equoterapia pode ser poderosa também sobre aspectos físicos. Os três praticantes queixaram-se de problemas com as pernas, e a qualidade do alongamento dos membros inferiores foi perceptivelmente transformada ao longo das sessões de equoterapia. Além de melhoras sobre aspectos psicológicos, a equoterapia promove benefícios físicos, como melhora no alongamento, no tônus muscular, no equilíbrio e na coordenação motora (DÂMASO, 2013) (GUBRITS, 1999) (ANDE-Brasil, 2016).

O praticante S. traz em sua narrativa uma descrição bastante precisa de como a combinação de melhoras sobre aspectos físicos contribuiu para que ele se locomover

melhor e para sustentar uma postura mais ereta. A frequente exigência física proveniente especialmente do movimento tridimensional que o cavalo impõe ao praticante, quando ele está montado, colabora para o desenvolvimento favorável das habilidades corporais, como equilíbrio, força e coordenação. Além desse estímulo inevitável vindo do dorso e do lombo do cavalo, o praticante de equoterapia, como no caso dos três entrevistados, deve realizar desafios físicos e mentais propostos pelo cavalo e pelos mediadores. Como exemplo, segurar as rédeas em uma das mãos e um objeto, como uma bola, na outra mão, enquanto interage com seus terapeutas cantando uma música ou contando uma história (ALVES, 2015) (DÂMASO, 2013) (ANDE-Brasil, 2016).

Mais uma vez, a Equoterapia visa ao desenvolvimento biopsicossocial de seus praticantes. Ainda que este seja o objetivo, o impacto sobre esses aspectos é inevitável e simultâneo. Por isso, e pelo fato de o sistema nervoso ser tão incrivelmente funcional quanto é misterioso, todo benefício físico tem seu par psicológico e vice-versa. A autoestima, melhora da memória e do raciocínio, da qualidade de vida de forma geral e as transformações do sistema de crenças aprendidos na Equoterapia, apresentam uma relação direta e mutualística com a educação/reeducação e tratamento dos corpos dos praticantes.

4.3.5 Impactos da Equoterapia sobre os aspectos psicológicos: o que pensam, sentem e dizem sobre a terapia com cavalos

Esta derradeira US foi também a única mencionada por somente um entrevistado. Apesar de o impacto sobre aspectos psicológicos da equoterapia poder ser verificado a partir de uma compreensão total do discurso dos praticantes deste trabalho e da leitura de outros trabalhos em psicologia, que a partir de seus próprios métodos de investigação concluíram que esta atividade produz efeitos positivos sobre a vida de seus praticantes, o praticante R. foi o único que trouxe esse aspecto diretamente em seu discurso.

Mais uma vez, faz-se importante destacar que não se buscou entrevistar praticantes de Equoterapia com queixas psicológicas; investigaram-se os aspectos psicológicos encontrados nos discursos de praticantes de Equoterapia que fossem maiores de idade e capazes de descrever sua vida e suas atividades equestres.

Dentre os artigos, dissertações e teses que tinham o panorama da psicologia como pano de fundo de estudos em terapias equestres, a maioria deles destaca o impacto dessa

atividade como contribuinte do desenvolvimento de aspectos emocionais da vida humana. Ao consultar os resultados dos trabalhos de Alves (2015), Wilson *et al.* (2015) e Lobo (2003), observou-se que o impacto sobre a autoestima é consequência central da atividade equoterápica. Assim, é interessante verificar quais aspectos presentes na equoterapia antecedem esse benefício.

O controle emocional é definitivamente uma das habilidades mais importantes que qualquer pessoa deve desenvolver para poder interagir de forma eficaz e segura com cavalos (WILSON *et al.*, 2015) (ANDE-Brasil, 2016). Cavalos funcionam como um espelho de seu ambiente. Tudo aquilo que sentem é instantaneamente devolvido ao espaço compartilhado, por meio da manifestação perceptível em seu corpo. Sempre que se apresenta ao cavalo, portanto, o indivíduo está comunicando algo, compartilhando algo que é seu. É exatamente isso que o indivíduo manifesta na presença do cavalo que será determinante para que o animal lhe responda de alguma forma. Assim, o controle emocional é indispensável na relação humano/equino, uma vez que emoções como medo ou raiva podem ser interpretadas pelo animal como perigosas. Essas emoções podem desencadear no animal uma reação de fuga ou de luta e colocar todos ao seu redor, e a si mesmo, em perigo (FRASER, 1992).

Dentre outras habilidades cognitivas, a de que o cavalo pode colaborar para que o ser-humano desenvolva a capacidade de se comunicar coerentemente é sem dúvida uma das mais importantes, uma vez que habita um espaço entre aspectos cognitivos e emocionais. Comunicar envolve aspectos conscientes, mas especialmente inconscientes do comportamento humano. Vai muito além do falar, e o próprio falar, muito além da comunicação verbal. Cavalos parecem ser especialistas em comunicação não violenta e em ensinar as pessoas a serem congruentes em suas atitudes e emoções. Verificou-se que a percepção do impacto da equoterapia sobre aspectos psicológicos, presentes no discurso de R., aborda diretamente esse aspecto. Vejam-se as US:

R: Daí quando eu cheguei aqui eu vi que o cavalo entende doutro jeito, tendeu?

Daí hoje já consigo mais, conversar mais, saber mais... ele é esperto...

Você vê o que ele vai fazer...

Daí você acaba fazendo também, aprendendo o que ele, né... e é isso.

E hoje, estando aqui, eu vejo diferente, é uma coisa mais leve, tendeu (risos)? Mais melhor, né?

Duas características marcam consideravelmente a entrevista de R.: o seu amor por cavalos e o impacto de ter aprendido a se relacionar com eles de uma forma mais tranquila, gentil e inteligente. O detalhe do espelhamento entre cavalo e praticante também é extremamente importante de ser considerado. R. afirma que aquilo que o cavalo faz muitas vezes é copiado por ele, e em outras vezes aquilo que ele faz é rapidamente percebido pelo cavalo e respondido de forma precisa e congruente com aquilo que R. espera, nesse processo dialético.

É relevante destacar o papel do não dito, quando se aborda a fala de alguém a cerca de um tema. Os entrevistados C. e S., apesar perceberem o impacto psicológico da atividade, não trouxeram esse tema em seus discursos, direcionando-o a si mesmos. C. afirmou a relevância da atividade na transformação social daqueles com quem convive em seu espaço equoterápico. S. destacou a importância das atividades com cavalo quanto aos aspectos físicos e psicológicos, na Equoterapia ou na equitação, para as crianças. Ambos os praticantes também são os dois entrevistados que tiveram suas vidas transformadas em função de um acidente automobilístico; portanto, somente R. nasceu com as dificuldades relacionadas, não somente à marcha, ao equilíbrio e ao tônus muscular, mas também às questões psicológicas que envolvem ser um portador de necessidades especiais e/ou deficiência. C. e S. adquiriram-nas após o acidente. Isso pode indicar certa resistência por parte desses praticantes em abordar suas dificuldades mentais e emocionais relacionadas ou não aos problemas físicos. De fato, não é fácil, e por vezes não é nada prazeroso abordar temas como dor, sofrimento, angústias e medos, quando acidentes como os deles acontecem. O espaço equoterápico é um ambiente próprio e seguro para isso; no entanto, como ambos procuraram a atividade em decorrência de uma queixa física, podem simplesmente nunca terem relacionado suas necessidades psicológicas ao tratamento com os cavalos.

Esse fato também pode estar relacionado com a questão de que apenas R., de fato, teve percepção do impacto dessa atividade sobre aspectos psicológicos em sua vida. Isso porque, como ao nascer recebeu o diagnóstico de paralisia cerebral, desde muito pequeno teve de aprender a lidar com as próprias questões psicológicas. R. também é o único que se relaciona com cavalos além e aquém da equoterapia, o que contribui para uma percepção mais profunda e clara do impacto dessa relação. Desde criança ele é fascinado por cavalos e possivelmente por esse motivo pode perceber as transformações sobre si com mais facilidade.

Cavalo e pessoa apresentam sistemas psíquicos particulares, porém, em muitos aspectos similares, é esperado que, quando ambos são respeitados e suficientemente compreendidos, podem se relacionar de forma segura e, quiçá, prazerosa e proveitosa para ambos. Pessoas e cavalos, como afirmam Alves (2015), Fraser (1992), Motti (2007), Mills & McDonnell (2005) e Rubim (2012), necessitam de respeito e de pertencimento. É compreensível que, como uma pessoa pode oferecer respeito e senso de pertencimento aos cavalos, esses animais também podem oferecer o mesmo para um ser humano, e uma relação potencialmente terapêutica pode emergir para ambos os participantes.

Segundo Carl Gustav Jung (1971), dialética significa a relação de troca psíquica entre dois sistemas psíquicos. A dialética, segundo o célebre psiquiatra suíço, é condição essencial para a existência de um sistema psicoterapêutico. Se a dialética, dependente de comunicação, está presente nas sessões de equoterapia, então inevitavelmente a habilidade de dialogar de humanos e cavalos irá se desenvolver e se transformar. Ao deparar um animal que pode entender sinais sutis, que muitas vezes não percebe que está emitindo e que aos quais é capaz de responder de forma acolhedora, o praticante pode experimentar uma sensação de reconhecimento e de pertencimento que muitas vezes não consegue sentir na relação com outras pessoas. Especialmente no caso de R. esse aspecto é muito importante, porque, além de muito tímido, tem certa dificuldade na produção da fala. A transformação da capacidade de se expressar sendo transformada a partir da relação com o cavalo fica clara quando R. afirma que hoje ele consegue se expressar mais, quando conversa com as pessoas.

Reafirma-se a relevância do papel do psicólogo no contexto equoterápico, especialmente neste caso - durante os atendimentos, visto que ele é o profissional responsável por trabalhar com a observação e atuar sobre o dito, o não dito, os comportamentos e as emoções do praticante de equoterapia. Uma vez que as queixas físicas são, na maioria das vezes, atendidas pelos profissionais competentes em tal área, como os fisioterapeutas e os terapeutas ocupacionais, possivelmente os psicólogos sequer trabalharam com S. e C. em seus atendimentos junto aos cavalos. Isso também pode ser um indicador dos porquês de ambos não terem discorrido sobre o impacto sobre aspectos psicológicos, ainda que tenham evidenciado tal impacto em seus discursos de forma indireta.

Segundo Rogers (1987), o ser humano, dentro de suas potencialidades e limitações, têm dentro de si tudo que lhe é necessário para seu pleno desenvolvimento.

Em muitos momentos essa tendência realizadora pode ser frustrada, mas jamais destruída. As atividades com os cavalos são verdadeiras facilitadores e catalisadores desse processo que assegura o desenvolvimento pleno das funções humanas. O cavalo proporcionou aos praticantes entrevistados nesta pesquisa novas possibilidades, outra forma de desenvolvimento, de conhecimento e de cura.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a primeira tese de doutorado defendida na França nos anos 70 do século passado, por Collette Trintelin, as abordagens terapêuticas com cavalos têm sido difundidas e também investigadas pela ciência. No Brasil, com a criação da ANDE-Brasil, no final dos anos de 1980, a Equoterapia vem contribuindo para o desenvolvimento global de pessoas portadoras de necessidades especiais e/ou de deficiência. O cavalo, portanto, no Brasil e no mundo, transpôs o relacionamento seres humanos com cavalos nos contextos do trabalho, esporte e lazer, e hoje tem papel relevante como agente promotor de saúde.

A psicologia, como ciência e profissão, assim como as terapias equestres, ainda é jovem, quando comparada a outras disciplinas da saúde, como exemplos, fisioterapia, medicina e odontologia. Muito se debate sobre a legitimidade da psicologia como ciência, por figurar no grande escopo das ciências humanas e por ser internamente fragmentada em diferentes correntes de pensamento epistemológico que raramente dialogam entre si. Este é sem dúvida um dos fatores que contribuem para que os estudos científicos sobre o tema de pesquisa deste trabalho sejam ainda pouco explorados.

Ainda assim, o psicólogo desempenha um papel profundamente complexo no contexto equoterápico, e cabe, nesta seção deste texto, problematizar: por que não sobrecarregado? O psicólogo, como visto na literatura que fundamenta este trabalho, é responsável por atuar como profissional da saúde, mas também atua como educador e, fora do contexto de atendimento com os praticantes, atua como um gestor de pessoas, muitas vezes ministrando treinamento, coordenando e motivando a equipe e até participando ativamente no processo de recrutamento e seleção de outros profissionais da equoterapia. Isso implica uma exploração do profissional que, possivelmente, na maioria das vezes, não é capaz de direcionar seu trabalho para uma das áreas específicas, o que pode ter como consequência baixos índices de produtividade no trabalho e frustração com relação a sua carreira. Cabe aqui uma proposta de investigação mais aprofundada nas pesquisas científicas sobre o papel do psicólogo na equoterapia e sobre a satisfação dos equoterapeutas com sua carreira.

Outro elemento que compõe o quadro ilustrativo da equoterapeuta no Brasil (incluindo, não somente os psicólogos, mas também todos os profissionais dessa atividade, com exceção do equitador), é o fato de que os profissionais da saúde e da educação raramente entendem ou conhecem o básico sobre cavalos e sobre o universo

equestre. Do ponto de vista do autor, essa realidade impacta profundamente na qualidade e nas possibilidades das atividades de terapias com cavalos, no país. Na verdade, compreender minimamente os pressupostos básicos do funcionamento psicológico e físico do cavalo é a verdadeira riqueza que existe por trás do *horsemanship* e da mais pura fonte dos elementos que favorecem o desenvolvimento das potencialidades humanas a partir da relação com os cavalos. É comum ouvir que o cavalo é o espelho da pessoa, mas se não entendermos o espelho...

Se o equoterapeuta não compreende satisfatoriamente os movimentos do cavalo, o que significa, em outras palavras, ter um bom nível de equitação, como poderá ao menos compreender as dificuldades ou possibilidades de seu praticante sobre o dorso do animal? Se o equoterapeuta não consegue perceber os sinais vindos do corpo do cavalo que indicam seu estado emocional, como poderá trabalhar algo sobre empatia, respeito ou até mesmo controle emocional, junto a seu praticante. Se o profissional de terapias equestres não é capaz de interpretar de forma segura os sinais que o cavalo dá, antes de entrar no estado de fuga e luta, a terapia deixa de ser terapia e passa a ser uma atividade de extremo risco à saúde de todos os envolvidos. Em outras palavras, não é admissível, em qualquer profissão, que o profissional não seja profundo conhecedor da sua ferramenta de trabalho; por que essa realidade seria, diferente na Equoterapia?

Buscou-se conhecer os aspectos psicológicos que os próprios praticantes de equoterapia descreveram sobre sua atividade com cavalos. É importante destacar que os praticantes deveriam ser capazes de relatar as próprias experiências. Isso implicou que boa parte dos praticantes dessa mesma atividade de terapia equestre não pôde participar desta pesquisa. Assim, não foi possível observar alguns aspectos psicológicos a maioria dos praticantes de equoterapia, no Brasil, poderia apresentar. Também significa afirmar que os resultados encontrados neste trabalho são aplicáveis, até então, a esse público específico, ainda que sua maioria corrobore a literatura produzida anteriormente junto a outros praticantes de terapias equestres, noutros contextos e em outros momentos.

No Brasil, a maior parte da população das atividades de terapia com cavalos é composta por praticantes que não apresentam aspectos cognitivos preservados e/ou que não são capazes de produzir a fala de maneira organizadas e coerente. Essa realidade está muito relacionada com a forma como a atividade da Equoterapia foi fundamentada e desenvolvida pela ANDE-Brasil, ao longo das últimas três décadas. É comum encontrar, noutros países, com muito mais força do que no Brasil, práticas de terapias equestres que

utilizam o cavalo em contextos especificamente aplicados ao tratamento psicológico de transtornos de humor, como a depressão e o transtorno de ansiedade, como o método EAGALA. Na França existem programas de visitas hospitalares feitas por cavalos, similares à terapia assistida por animais feita com cachorros, no Brasil.

Ainda sobre a amostra profundamente singular da pesquisa aqui relatada, não foi observada na literatura em português e em inglês nenhum trabalho que abordasse um dos aspectos mais observados nas falas dos praticantes: a transformação da representação do cavalo. Os três praticantes transformaram, graças à sua terapia, as crenças com relação a esse animal. Acredita-se que essa transformação seja um dos elementos relevantes da terapia e também que é uma temática riquíssima a ser explorada pela academia.

O caráter idiográfico deste trabalho fundamenta-se na valorização da subjetividade, por isso tem um valor extremamente particular, uma vez que se buscou ao máximo investigar os elementos psicológicos da Equoterapia – em seus aspectos gerais, impacto, eficácia, tratamento, avaliação e muitos outros –, sem que o pesquisador concluísse sobre seu valor ou intuísse sua existência nesse contexto. Por outro lado, isso não significa dizer que métodos mais direcionados e, por que não, objetivos, sejam menos relevantes para as investigações em Equoterapia. Como se viu, segundo Zamo & Trentini (2016) as pesquisas em psicologia relacionadas à Equoterapia carecem do uso de avaliações psicológicas. Tal modelo de pesquisa pode contribuir significativamente para uma compreensão mais genérica, portanto mais abrangente, de aspectos psicológicos mais específicos.

Alguns elementos da Equoterapia, como preconiza a ANDE-Brasil, que também não foram objeto de pesquisa deste trabalho, carecem de uma investigação mais aprofundada, provavelmente em decorrência da “pouca idade” da prática. Investigar a exigência e o papel da equipe mínima composta por fisioterapeuta, psicólogo e equitador pode ser um dos primeiros passos para solidificar ainda mais a eficácia desse método e/ou para abrir novas possibilidades de atuação com essa mesma abordagem de terapia equestre. É também fundamental investigar outros métodos de terapias com cavalos que já existem no Brasil, mas que ainda não têm reconhecimento técnico científico e nem o reconhecimento do método da ANDE-Brasil. Inspirados noutros métodos de terapias com cavalos praticados no exterior, como o modelo EAGALA, abordagens como as da ABRE (Associação Brasileira de Reabilitação Equestre) exercem hoje influência muito

significativa no contexto de terapias com cavalos e vêm conquistando resultados muito relevantes junto a seus praticantes e terapeutas.

Os resultados encontrados nesta pesquisa indicaram a presença de elementos psicológicos profundamente relevantes para o desenvolvimento humano, como atenção, percepção, acolhimento, controle emocional, carinho, socialização, comunicação e autoestima, na vida de praticantes de Equoterapia. A discussão com a teoria enfatiza esses aspectos, ao dissecar camada por camada os elementos dessa terapia e ao conectar cada um dos elementos presentes nesta modalidade de terapia complementar. Ficou muito claro, neste estudo, como os aspectos físicos se misturam com elementos emocionais, que por sua vez se misturam com os cognitivos e sociais, e como essa gama de estímulos, advindos do cavalo e do ambiente equestre/terapêutico, promove no praticante incontáveis e imensuráveis sensações, sentimentos, pensamentos e emoções verdadeiramente transformadores.

No discurso dos três praticantes entrevistados percebe-se claramente a elaboração e a estruturação de elementos cognitivos e emocionais a partir daquilo que buscaram tratar com os cavalos. Tanto R., quanto S. e C. buscaram a Equoterapia como forma de tratamento de suas queixas físicas, especialmente a capacidade de se locomover de uma maneira mais eficaz. De fato, o cavalo deu isso a eles. Em curto e em longo prazo, todos eles trazem no discurso o impacto sobre sua mobilidade, mas o cavalo foi além. Deu também mobilidade psicológica, visto que corpo e mente são indissociáveis. No caso de C., o cavalo promoveu acolhimento a desejos e dores do seu passado que ela ainda não tivera oportunidade de explorar. O cavalo esteve presente, oferecendo-lhe apoio emocional, como se soubesse da dor que foi para ela perder o filho. Para S., o cavalo proporcionou sensação de prazer em poder guiar algo tão poderoso quanto uma moto ou um avião, que são suas grandes paixões. Para R., o cavalo transcende o ambiente imediato estudado nessa pesquisa. Nas palavras dele “cavalo é tudo... é tudo de bom”. O cavalo é seu verdadeiro estilo de vida. R. pode aprender a se deslocar fisicamente pelo espaço graças ao cavalo, e também se expressar. Aprendeu a amar e respeitar graças ao cavalo. Todos os praticantes revelam em seu discurso a descoberta de como o cavalo é um animal extraordinário para a saúde e o bem-estar das pessoas e como, após conviver pouco mais com ele, tudo aquilo que se acredita sobre eles pode ser diferente e novo.

No diálogo dos resultados encontrados com a teoria que embasa este trabalho foi possível encontrar alguns pontos de convergência interessantes a respeito dos elementos

psicológicos presentes na relação entre pessoas e cavalos. Ao carregar o indivíduo sobre seu dorso, compartilhar seu corpo e levá-lo de um lugar até outro, às vezes mais rapidamente, outras vezes mais lentamente, o cavalo lhe dá sustentação. O cavalo proporciona a sensação de pertencimento àqueles que muitas vezes sentem dificuldade para se enquadrar nos padrões e exigências do mundo atual. Dá ao cavaleiro a oportunidade de visualizar o mundo a sua volta por outro ângulo e de forma vivaz. Assim como é acolhido no ambiente doméstico, o cavalo também acolhe as pessoas, oferecendo-lhes, em diversos momentos o cuidado exato de que necessitam. Não é necessário ser equoterapeuta, cavaliço, *horseman*, vaqueiro ou amazona, para perceber e sentir esse impacto. Basta ver ou tocar um cavalo para sentir-se maior, sentir-se melhor.

Esta dissertação apresenta e defende a proposição de que existem diferentes aspectos psicológicos presentes na prática da Equoterapia. Como sustentam as Unidades de Sentidos, encontradas a partir do Método Fenomenológico de Giorgi, elementos emocionais e cognitivos compõem boa parte do quadro geral que descreve a equoterapia. Ao sintetizar as US na busca de um fenômeno central relacionado aos aspectos psicológicos da Equoterapia, pode-se afirmar que a atividade se sustenta na relação dialética entre praticante/cavalo/terapeutas, e que os elementos psicológicos inerentes à prática são tão transformadores para o praticante quanto são transformados. Dito isso, é seguro concluir que a equoterapia impacta a psique humana a favor de seu desenvolvimento saudável.

6 REFERÊNCIAS

- ALVES, H. M., **Corpo e linguagem na Equoterapia: uma leitura psicanalítica**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- ANDE-Brasil., (Site Institucional). Disponível em: <http://www.equoterapia.org.br>. Acesso em: 24 de maio de 2021.
- BASTOS, A. V. B.; GOMID, P. I. C., **O Psicólogo Brasileiro: Sua atuação e formação profissional. Formação do Psicólogo**. São Paulo, 1989.
- BJARKE, R., **O Enigma do Centauro: Como a união homem-cavalo acelerou a história**. Equus Brasil Editora, 2008.
- BOCK, A. M. B.; FURTADO, O. **Psicologias: uma Introdução ao Estudo da Psicologia**. São Paulo: Editora Saraiva, 1989.
- BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprender a entrevistar: como fazer entrevista em ciências sociais. **Revista eletrônica dos pós-graduandos em sociologia política da UFSC**. Vol. 2, nº 1 (3), janeiro/julho, 2015.
- BORDALO, A. A., Estudo transversal e/ou longitudinal. **Rev. Para. Med.**, Belém, v. 20, n. 4, p. 5, dez. 2006.
- BRENNAN, R. **Have we put mead's cart before the horses?** Exploring the role of symbolic interaction in human. Thesis (Masters Degrees in Sociology) – University College Dublin – August 2014.
- CECCONELO, A. M.; KOLLER, S. H. Inserção ecológica na comunidade: uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco. **Psicologia Reflexão e Crítica**, 16(3), Porto Alegre – RS, 2003.
- CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**. São Paulo: Artmed, 2010.
- DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2019.
- DÂMASO, C. A. R. **Os benefícios da Equitação Terapêutica na autoestima, na motivação e no rendimento das crianças com necessidades educativas especiais**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação - Educação Especial) – Universidade Fernando Pessoa – Portugal, 2013.
- EBBINGHAUS, H. **Psychology: an Elementary Text-Book**. Alemanha: Cornell University Library, 1908.
- ENGELMANN, A. **A Psicologia da Gestalt e a Ciência Empírica Contemporânea. Psicologia: Teoria e Pesquisa**. São Paulo, 2002.

FERRARI, J. P. A Prática do Psicólogo na Equoterapia. **Psicologia Teoria e Prática**. São Paulo, 2003.

FIGUEIREDO, M. M. **Equitação terapêutica e seus efeitos**: perspectiva dos pais e estudos de caso. Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) – Universidade do Porto FPCE – Portugal, 2014.

FORGHIERI, Y. C. **Psicologia Fenomenológica**: fundamentos, método e pesquisas. São Paulo: Editora Pioneira Thomson Learning, 2002

FRASER, A. F. **The Behaviour and Welfare of the Horse**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1992.

GUBRITS, H. B. **Equoterapia teoria e técnica**: uma experiência com crianças autistas. São Paulo: Vetor, Editora Psico-Pedagógica, 1999.

GIORGI, A.; SOUSA, D. **Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia**. Lisboa: Editora Fim do Século, 2010.

GOODWIN, D. Horse Behaviour: evolution domestication and feralisation. **Medicine, Health and Life Sciences**, Southampton - Reino Unido, 2007.

GOVERNO FEDERAL. (Site Institucional). Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2016/09/cresce-numero-de-pessoas-com-deficiencia-no-mercado-de-trabalho-formal>. Acesso em: 24 de maio de 2018.

GUERRA, D. S. B., **Medidas individualizadas de Mudança**: Análise das Propriedades Psicométricas do PSYCHLOPS. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Évora – Portugal, 2016.

HOTHERSALL, D. **História da Psicologia**. Editora Artmed. USA, 2004.

JUNG, C. G. **A Prática da Psicoterapia**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1971.

KEEGAN, J. **Uma história da guerra**. São Paulo: Editora Companhia de Bolso, 2006.

LENTINI, J. A.; KNOX, M. A Qualitative and Quantitative Review of Equine Facilitated Psychotherapy (EFP) with Children and Adolescents. **The Open Complementary Medicine Journal**. USA, 2009

LEDOUX, J. **O Cérebro Emocional**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva. 1996.

LIMA, M. A. D. S.; ALMEIDA, M. C. P.; LIMA, C. C. A utilização da observação participante e da entrevista semiestruturada na pesquisa em enfermagem. **Revista Gaúcha Enfermagem**, V. 20, n. esp., p.130-142, Porto Alegre, 1999.

LOBO, A. A. **Equitação Terapêutica**: A Influência de um Programa de Equitação Terapêutica em jovens com Problemas/ Distúrbios Comportamentais portadores de

Deficiência Mental Ligeira. Dissertação (Mestrado em Ciência do Desporto) Universidade do Porto – Portugal, 2003.

MALTA, S. C. L. **Equoterapia: o desenvolvimento cognitivo vem a galope.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Cognitiva) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Recife – PE, 2003.

MANZINI, J. E. Uso da entrevista em dissertações e teses produzidas em um programa de pós-graduação em educação. **Revista Percursos – NEMO**, v. 4, n. 2, p. 149 – 171. Maringá – PR. 2012

MCLEAN, A. N.; CHRISTENSEN, J. W. The application of learning theory in horse training. **Applied Animal Behaviour Science**, Vol. 190, p 18-27, 2017.

MCSHANE, C., TARR, J. **The Horse in the City: Living Machines in the Nineteenth Century.** Baltimore – Maryland: The Johns Hopkins University Press, 2007.

MEZAN, R., **Interfaces da Psicanálise.** São Paulo: Editora Blucher, 2002.

MILLS, D. S.; MCDONNELL, S. M. **Domestic Horse: the origins, development and management of its behaviour**, Cambridge – UK: Cambridge University Press, 2005.

MOTTI, G. S. **A prática da Equoterapia como tratamento para pessoas com ansiedade.** Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande – MS, 2007.

NASCIMENTO, J. S.; FARIAS, V. Aspectos Biopsicossociais dos familiares do praticante de Equoterapia. **Revista Brasileira de Ciências da Vida.** Sete Lagoas – MG, 2017

PEREIRA, F. M.; NETO, A. P. O Psicólogo no Brasil: Notas Sobre seu Processo de Profissionalização. **Psicologia em Estudo.** Maringá-SP, 2003

PIEROBON, J. C. M.; GALETTI, F. C. Estímulos Sensorio-Motores proporcionados ao praticante de Equoterapia pelo cavalo ao passo durante a montaria. **Ensaio e Ciência: Ciências Biológicas, Agrárias e da Saúde.** Vol. XII, n. 2, pp. 68-79, Campo Grande – MS, 2008.

HUNT, R. J. **Think Harmony with Horses: An in-depth of horse/man Relationship.** Ag Access Corporation. 1987.

RIBEIRO, A. S, Reflexões sobre uma Experiência Psicoterapêutica de Base Psicanalítica na Equoterapia. **II Congresso Brasileiro de Equoterapia.** Brasília-DF, 2002

RIBEIRO, D. I. **Trabalho artesanal e autenticidade do ser: um percurso em Martin Heidegger.** Curitiba: Editora Appris, 2019.

ROGERS, C. **Um Jeito de Ser.** São Paulo: Editora E.P.U., 1987

- RUBIM, V. M. **Equoterapia, escola e subjetividade:** promoção da saúde, aprendizagem e desenvolvimento da criança. Dissertação (Mestrado em Escola, Aprendizagem, Ação Pedagógica e Subjetividade na Educação) – Faculdade de Educação – FE/UnB. Brasília – DF, 2012.
- SEIXAS, L. N. **O efeito da hipnoterapia e da atrelagem adaptada na autoeficácia e nas funções psicomotoras de crianças com necessidades educativas especiais.** Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Universidade Nova de Lisboa – Portugal. 2011.
- SERBENA, C. A.; RAFFAELLI, R. Psicologia como disciplina científica e discurso sobre a alma: problemas epistemológicos e ideológicos. **Psicol. estud.** Maringá, v. 8, n. 1, p. 31-37, June 2003.
- SILVA, C. H. **Equoterapia para Cegos:** Efeitos e Técnicas de Atendimento. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande – MS. 2003
- SILVEIRA, D. P. **Sofrimento Psíquico e Serviços de Saúde:** cartografia da produção do cuidado em saúde mental na atenção básica de saúde. Dissertação (Mestrado em Ciências na Área da Saúde Pública) – Ministério da Saúde – Fundação Oswaldo Cruz – Rio de Janeiro, 2003.
- TOURINHO, E. Z. A Produção de Conhecimento em Psicologia: a Análise Comportamental. **Psicologia Ciência e Profissão.** Pará, 2003.
- TOZONI-REIS, M. F. C. **Metodologia da pesquisa.** São Paulo: IESDE Brasil S. A., 2009.
- VIDAL, V. P.; COLVERO, R. B.; SILVA, J. M. Etnografias das etnias Charrua e Minuano: o olhar dos cronistas e viajantes dos séculos XVI, XVII e XVIII. **Revista Memorare.** v. 3, n. 2, pp. 22-43, Tubarão – SC, 2016.
- VIDRINI, M.; OWEN-SMITH, P.; FAULKNER, P. Equine Facilitated Group Psychotherapy: Applications for Therapeutic Vaulting. In **Issues in Mental Health Nursing.** USA, 2002.
- WILLIKES, C. **From the steppe to the stable:** Horse and Horsemanship in the ancient World. Dissertation (Doctor Degree in Philosophy) – University of Calgary – Alberta, 2013.
- WILSON, K.; BUULTJENS, M.; MONFRIES, M.; KARIMI, L., Equine Assisted Psychotherapy for adolescents experiencing depression and/or anxiety: A therapist's perspective. **Clinical Child Psychology and Psychiatry.** La Trobe University – Australia, 2015.
- ZAMO, R. S.; TRENTINI, C. M. Revisão sistemática sobre avaliação psicológica nas pesquisas em equoterapia. **Revista Psicologia: Teoria e Prática,** 18(3). São Paulo, 2016.

7 GLOSSÁRIO EQUESTRE

Amazona: feminino de cavaleiro. Mulher que monta a cavalo.

Assento independente: habilidade subjetiva de cada cavaleiro de permanecer equilibrado sobre a sela, ou dorso do animal quando sem sela, o que lhe possibilita não recorrer às mãos e nem às pernas para se manter em equilíbrio.

Barda: Comportamentos indesejados e/ou perigosos dos cavalos.

Barbela: um equipamento equestre que complementa o freio e vai sob o queixo do cavalo atado a uma argola do freio.

Cabeçada: equipamento equestre que serve para manter a embocadura fixa na boca do cavalo e para transmitir sinais, ou ajudas, vindos das rédeas. Pode ser de corda ou de couro.

Cascos: extremidade inferior das patas do cavalo. Estrutura de queratina que evoluiu para ser os pés e as mãos dos cavalos. Desenvolveram-se a partir de uma seleção natural de milhões de anos que culminou com a unha do dedo médio de cada uma das patas sustentando a maior parte do peso dos cavalos.

Cavalgada: passear a cavalo. Passeio a cavalo na companhia de outros cavaleiros e amazonas. Geralmente empregado para designar a reunião de vários conjuntos formados por cavalos e cavaleiros/amazonas. Movimento que o cavaleiro exerce sobre o dorso do cavalo.

Chanfro: Parte frontal do rosto do cavalo localizada entre a testa e o focinho.

Clique: som agudo, seco e estalado emitido pelas pessoas que interagem com o cavalo. Pode ter diferentes funções, de acordo com o condicionamento da pessoa e do animal.

Comportamento de rebanho: ação ou reação de um indivíduo que o motiva a estar próximo a outros de sua espécie.

Desenfrenado: que não tem freio.

Doma: processo de educação inicial do cavalo. Tornar doméstico. Segundo Eduardo Borba “dinâmica organizada, movimento adestrado”.

Encilhar: colocar e ajustar a sela sobre a região do dorso e do lombo do cavalo. Popularmente: selar.

Embocadura: equipamentos equestres de variados formatos, materiais e qualidades. Vão dentro da boca do cavalo e servem para transmitir os sinais provenientes das rédeas, que por sua vez conectam-se a uma ou às duas mãos do cavaleiro.

Equestre: aquilo que pertence aos cavalos ou ao universo dos cavalos.

Enduro Equestre: Corrida de longas distâncias em que vence o conjunto que percorrer o trajeto a céu aberto em menor tempo. Pode variar de 20km a 160km.

Equitação ética: é a prática da equitação fundamentada no estudo profundo da segurança, saúde e bem-estar do cavalo e do cavaleiro. É a prática dos estudos da equitação com foco no desenvolvimento das habilidades da pessoa como pessoa do cavalo. Propõe-se à reflexão e ao estudo da moral sobre aquilo que se pratica com os cavalos.

Equitador: indivíduo que monta a cavalo. Aquele que conhece a prática da equitação. Conhecedor dos cavalos e do universo equestre. Profissional que trabalha montando e/ou treinando cavalos.

Esbarro: manobra na qual o cavalo corre em alta velocidade sobre uma linha reta e executa uma parada de forma leve, gradual e organizada. Caracteriza-se por um deslizar sobre as patas traseiras do animal.

Equitação: Ciência e Arte de se montar cavalos. Montar a cavalo.

Freio: é um equipamento de equitação do grupo das embocaduras, geralmente de metal que intermedeia a rédea e a cabeçada atadas em duas argolas diferentes. Pode vir acompanhado de uma barbela. Apresenta funções complexas que vão além de simplesmente frear ou parar o cavalo.

Galope: andamento natural do cavalo caracterizado por ser assimétrico, com bascular da cabeça e com suspensão.

Haras: local de criação e reprodução de cavalos.

Hípica: espaço equestre no qual se pratica hipismo

Hipismo: esportes equestres. Atividades competitivas a cavalo.

Hipismo clássico: conjunto de esportes equestres com origem na Europa, nos séculos XVIII e XIX. Tem raiz majoritariamente militar.

Hipismo *Western*: conjunto de esportes equestres com origem na região oeste dos Estados Unidos da América. Tem raiz na lida com o gado.

Iniciação de potros: processo de educação ou escolarização básica e inicial dos cavalos. Feita geralmente com cavalos menores de quatro anos de idade.

Laço: modalidade do hipismo *Western*. O conjunto persegue um novilho e deve laçar o chifre do animal. Existem provas de velocidade e provas com júri técnico.

Novilho: vaca ou touro com menos de dois anos de idade.

Picadeiro: espaço delimitado por cerca, grade, parede, muro ou desenho no chão, designado para o treinamento do cavalo e do cavaleiro e para a prática de esportes e outras atividades equestres. Popularmente chamado de pista ou arena.

Plantel: grupo de cavalos estabulados. Cavalos de um criatório ou haras.

Rancho: espaço multifuncional no campo, não maior do que um sítio.

Rédea: corda ou tira longa de couro que se conecta às mãos do cavaleiro ou a uma embocadura - que por sua vez se conecta à boca do cavalo - ou que se conecta a uma cabeçada *bitless*. Serve para transmitir os sinais, ou ajudas, provenientes das mãos do cavaleiro até o cavalo.

Rédeas: Modalidade do hipismo *western*. A prova consiste em realizar manobras como o esbarro e as trocas-de-pé. O cavalo é avaliado por um conjunto de júris. Ao final, o conjunto com maior pontuação ganha a competição.

Salto: modalidade do hipismo clássico. O conjunto deve transpor uma sequência de obstáculos saltando sobre eles. Existem provas de velocidade e provas de tempo regulamentar.

Segurança de sela: habilidade subjetiva de cada cavaleiro de permanecer equilibrado na sela sobre o dorso do animal.

Senso de autopreservação: comportamento, conjunto de comportamentos, instinto ou sensação que motivam os seres vivos a zelar pela própria vida quando em determinadas situações consideradas minimamente aversivas.

Três Tambores: modalidade do hipismo *western*. A prova consiste em fazer um percurso com uma curva para um lado e duas curvas para o outro em volta de latões de óleo, no menor tempo possível.

Troca-de-pé (troca-de-mão): manobra em que o cavalo faz uma troca de apoios assimétricos, quando no galope, da esquerda para direita ou vice-versa, sem fazer uma transição decrescente para o trote.

Trote: andamento natural do cavalo caracterizado por ser simétrico, sem bascular a cabeça e com suspensão.

Bitless: Termo da língua inglesa que significa sem embocadura.

Horsemanship: relação entre humanos e equinos. A ciência que estuda a relação entre humanos e equinos. A arte que se manifesta no encontro entre seres humanos e equinos. Um processo de evolução constante entre pessoas e cavalos.

Horseman: pessoa que vive do cavalo.

8 APENDICES E ANEXOS

APÊNDICE I

MODELO DE DECLARAÇÃO PARA INFORMAR QUE A AUTORIZAÇÃO DE INFRAESTRUTURA SERÁ FORNECIDA SOMENTE APÓS A APROVAÇÃO DO CEP/UNITAU

DECLARAÇÃO

Eu, **Rafael Di Francesco Coêlho de Souza**, pesquisador responsável pelo Projeto de Pesquisa intitulado “**O Impacto da Equoterapia sobre Aspectos Psicológicos Sob o Ponto de Vista do Praticante**”, que tem por objetivo primário **investigar o impacto da Equoterapia sobre problemas psicológicos na perspectiva do praticante ao longo do tratamento**, informo que a declaração de autorização para a realização da pesquisa será fornecida pelos Centros de Equoterapia somente após aprovação do Comitê de Ética.

Comprometo-me a anexar a autorização na Plataforma Brasil, em forma de notificação.

Taubaté, 31 de Julho de 2018

RAFAEL DI FRANCESCO COÊLHO DE SOUZA

APÊNDICE II
DECLARAÇÃO DE INFRAESTRUTURA

Eu “**Nome do responsável**”, na qualidade de responsável pela “**Nome da Instituição**”, autorizo a realização da pesquisa intitulada “**Título da pesquisa**”, a ser conduzida sob a responsabilidade do pesquisador **Rafael Di Francesco Coêlho de Souza**. DECLARO que esta instituição apresenta infraestrutura necessária para a realização da referida pesquisa. Esta declaração é válida apenas no caso de haver parecer favorável do Comitê de Ética da Universidade de Taubaté - CEP/UNITAU.

Local e data

Nome, assinatura e carimbo do responsável

RAFAEL DI FRANCESCO COÊLHO DE SOUZA

APÊNDICE III - TERMO DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Eu, **Rafael Di Francesco Coêlho de Souza**, pesquisador responsável pelo projeto de pesquisa intitulado **O Impacto da Equoterapia sobre Aspectos Psicológicos do Ponto de Vista do Praticante**, comprometo-me a dar início a este projeto somente após a aprovação do Sistema CEP/CONEP (em atendimento ao Artigo 28 parágrafo I da Resolução 510/16 e XI.2 item A ou da Resolução 466/12).

Em relação à coleta de dados, asseguro que o caráter de anonimato dos participantes desta pesquisa será mantido e que as suas identidades serão protegidas.

As fichas clínicas e/ou outros documentos não serão identificados pelo nome.

Manterei um registro de inclusão dos participantes de maneira sigilosa, com códigos, nomes e endereços para uso próprio.

Os termos assinados pelos participantes serão mantidos em confiabilidade estrita, em um único arquivo, físico ou digital, sob minha guarda e responsabilidade por um período mínimo de 5 anos.

Asseguro que os participantes desta pesquisa receberão uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; Termo de Assentimento (TA, quando couber), Termo de Uso de Imagem (TUI, quando couber) e TI (Termo Institucional, quando couber).

Comprometo-me a apresentar o relatório final da pesquisa e os resultados obtidos ao Comitê de Ética - CEP/UNITAU, via Plataforma Brasil, como notificação.

O sistema CEP-CONEP poderá solicitar documentos adicionais referentes ao desenvolvimento do projeto a qualquer momento.

Estou ciente de que, de acordo com a Norma Operacional 001/2013 MS/CNS 2.2 item E, se o Parecer for de pendência, terei o prazo de 30 (trinta) dias, contados a partir da emissão na Plataforma Brasil, para atendê-la. Decorrido esse prazo, o CEP terá 30 (trinta) dias para emitir o parecer final, aprovando ou reprovando o protocolo.

Taubaté, 18 de janeiro de 2019.

Rafael Di Francesco Coêlho de Souza

APÊNDICE IV - ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Data de Nascimento:

Escolaridade:

Profissão:

Sexo:

Queixa:

QUESTÕES

- **O QUE O TROUXE À EQUOTERAPIA?**
- **ALGO MUDOU NA SUA VIDA, APÓS INICIAR NA EQUOTERAPIA? O QUÊ?**
- **O QUE SENTE, QUANDO ESTÁ COM O CAVALO?**

ANEXO I
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Convidamos você a participar como voluntário(a) da pesquisa “O Impacto da Equoterapia sobre Aspectos Psicológicos Sob o Ponto de Vista do Praticante”, sob a responsabilidade do pesquisador **Rafael Di Francesco Coêlho de Souza**, aluno do curso Mestrado em Desenvolvimento Humano da Universidade de Taubaté. Nesta pesquisa pretende-se **investigar o impacto da Equoterapia sobre problemas psicológicos na perspectiva do praticante ao longo do tratamento. A coleta de dados acontecerá em três momentos: antes de iniciar a Equoterapia, durante o atendimento equoterápico e após o atendimento. Cada um desses momentos terá um intervalo de quatro sessões entre si, dessa forma o período total de coleta de dados terá a duração de aproximadamente três meses. O material para a coleta de dados utilizados será o questionário, que será preenchido por escrito, e a entrevista semiestruturada, que será armazenada em um gravador de voz.**

Há benefícios e riscos decorrentes de sua participação na pesquisa. Os benefícios consistem em **gerar autoconhecimento para o entrevistado, contribuir para uma melhora significativa na atuação profissional daqueles que o acolhem durante o atendimento da Equoterapia e fomentar o estudo científico sobre Equoterapia.** Os riscos podem acontecer **durante a aplicação do questionário e da entrevista. O entrevistado possivelmente entrará em contato com questões pessoais de caráter emocional que poderão, ou não, gerar sentimentos e emoções, como raiva, tristeza, euforia, alegria e outras emoções que podem gerar sofrimento psicológico.** Entretanto para evitar que ocorram danos à saúde psicológica do entrevistado, **o pesquisador, psicólogo portador do CRP 133420, garante acolhimento psicológico a serviço do entrevistado.** Caso haja algum dano ao participante serão garantidos a ele procedimentos que visem à reparação e ao direito à indenização.

Para participar deste estudo, você não terá nenhum custo (**incluir forma de ressarcimento**) nem receberá qualquer vantagem financeira. Você receberá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para recusar-se a participar. Sua recusa a participar não lhe acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma de atendimento pelo pesquisador, que tratará sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição, quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado em nenhuma fase da pesquisa, tampouco em publicação que dela possa resultar. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Após esse período, todo o material será apagado e/ou destruído. Este termo de consentimento está impresso em duas vias: uma delas será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao você. Para qualquer outra informação você poderá entrar em contato com o pesquisado pelo telefone **(12) 9 8160 3797, inclusive ligações a cobrar**, ou pelo e-mail **rafaeldifrancescocoelhodesouza@gmail.com**.

Em caso de dúvidas relacionadas aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU, na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3635-1233, e-mail: cep@unitau.br

O pesquisador responsável declara que a pesquisa segue a Resolução CNS 466/12
RAFAEL DI FRANCESCO COELHO DE SOUZA

Consentimento pós-informação

Eu, _____, portador do documento de identidade _____, fui informado dos objetivos da pesquisa **O Impacto da Equoterapia sobre Aspectos Psicológicos do ponto de vista do praticante**, de maneira clara e detalhada e que esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações sobre a pesquisa e deixar de participar sem que venha a sofrer prejuízo ou penalidade. Declaro que concordo em participar, que recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

_____, _____ de _____ de 20__.

Assinatura do(a) participante

ANEXO II



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O Impacto da Equoterapia Sobre Queixas Psicológicas Sob o Ponto de Vista do Praticante

Pesquisador: RAFAEL DI FRANCESCO COELHO DE SOUZA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 12815019.0.0000.5501

Instituição Proponente: Universidade de Taubaté

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.301.910

Apresentação do Projeto:

O projeto em tela definido como "O Impacto da Equoterapia Sobre Queixas Psicológicas Sob o Ponto de Vista do Praticante" é relevante e está bem delineado. Os resultados obtidos pelo proponente poderá contribuir para a área de conhecimento da fisioterapia, entre outras.

Objetivo da Pesquisa:

Está claro e bem definido

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Foram ambos previstos pelo proponente

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Sem comentários adicionais

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram devidamente apresentados

Recomendações:

Sem recomendações adicionais

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210
Bairro: Centro **CEP:** 12.020-040
UF: SP **Município:** TAUBATE
Telefone: (12)3635-1233 **Fax:** (12)3635-1233 **E-mail:** cepunitau@unitau.br



Continuação do Parecer: 3.301.910

Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, em reunião realizada no dia 03/05/2019, e no uso das competências definidas na Resolução 510/16, considerou o Projeto de Pesquisa: APROVADO

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1262649.pdf	29/04/2019 22:30:33		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	rafael_di_francesco_oimpactodaequoterapiasobrequixaspsicologicassobopondo devistadopracicanteabril2019.docx	16/04/2019 12:44:14	RAFAEL DI FRANCESCO COELHO DE SOUZA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE1.pdf	16/04/2019 12:41:08	RAFAEL DI FRANCESCO COELHO DE SOUZA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	INFRAESTRUTURA.pdf	12/03/2019 13:34:13	RAFAEL DI FRANCESCO COELHO DE SOUZA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	TCpesquisador.pdf	12/03/2019 13:29:43	RAFAEL DI FRANCESCO COELHO DE SOUZA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE2.pdf	12/03/2019 13:29:23	RAFAEL DI FRANCESCO COELHO DE SOUZA	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_rafaeldifrancescosouza.pdf	28/01/2019 13:33:22	RAFAEL DI FRANCESCO COELHO DE SOUZA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Visconde do Rio Branco, 210
Bairro: Centro **CEP:** 12.020-040
UF: SP **Município:** TAUBATE
Telefone: (12)3635-1233 **Fax:** (12)3635-1233 **E-mail:** cepunitau@unitau.br

